



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE BACHARELADO EM MUSEOLOGIA

PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE
BACHARELADO EM
MUSEOLOGIA

Pelotas, maio de 2025

SUMÁRIO

I - PROPOSTA PEDAGÓGICA.....	3
1. CONTEXTUALIZAÇÃO	3
1.1. UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS	3
1.1.1. Dados de Identificação da Universidade Federal de Pelotas – UFPel	3
QUADRO 1: DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS - UFPEL.....	3
1.1.2. Histórico e Contexto da Universidade Federal de Pelotas	4
1.2. CURSO DE BACHARELADO EM MUSEOLOGIA	7
1.2.1. Dados de Identificação do Curso	7
QUADRO 2: DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO CURSO	7
1.2.2. Histórico e Contexto do Curso de Bacharelado em Museologia	8
1.2.3. Legislação considerada no PPC	10
2. ORGANIZAÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA.....	13
2.1. PRESSUPOSTOS, ESTRUTURA DO PPC E POLÍTICAS INSTITUCIONAIS NO ÂMBITO DO CURSO.....	13
2.2. CONCEPÇÃO DO CURSO	15
2.3. JUSTIFICATIVA DO CURSO	16
2.4. OBJETIVOS DO CURSO	20
2.5. PERFIL DO EGRESSO.....	21
2.6. COMPETÊNCIAS E HABILIDADES.....	23
3. ORGANIZAÇÃO CURRICULAR.....	25
3.1. ESTRUTURA CURRICULAR	25
3.2. TABELA SÍNTESE – ESTRUTURA CURRICULAR	33
TABELA 1: TABELA SÍNTESE PARA A INTEGRALIZAÇÃO CURRICULAR.....	33
3.3. MATRIZ CURRICULAR	33
QUADRO 3: MATRIZ CURRICULAR	33
3.4. FLUXOGRAMA DO CURSO	37
3.5. COMPONENTES CURRICULARES OPTATIVOS	38
QUADRO 4: QUADRO DE COMPONENTES CURRICULARES OPTATIVOS.....	39
3.6. ESTÁGIOS	39
3.7. TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC).....	43
3.8. FORMAÇÃO COMPLEMENTAR.....	46

QUADRO 5: ATRIBUIÇÃO DE CARGA HORÁRIA DAS ATIVIDADES COMPLEMENTARES	48
3.9. FORMAÇÃO EM EXTENSÃO	49
TABELA 2: TABELA SÍNTESE DA FORMAÇÃO EM EXTENSÃO.....	51
3.10. REGRAS DE TRANSIÇÃO – EQUIVALÊNCIA ENTRE OS COMPONENTES CURRICULARES	52
QUADRO 6: COMPONENTES CURRICULARES EQUIVALENTES PARA ADAPTAÇÃO CURRICULAR	55
3.11. CARACTERIZAÇÃO DOS COMPONENTES CURRICULARES (ementário e bibliografia).....	58
4. METODOLOGIAS DE ENSINO E SISTEMA DE AVALIAÇÃO.....	118
4.1. METODOLOGIAS, RECURSOS E MATERIAIS DIDÁTICOS	118
4.2. ACOMPANHAMENTO E AVALIAÇÃO DO ENSINO E DA APRENDIZAGEM	120
4.3. APOIO AO DISCENTE	122
5. GESTÃO DO CURSO E PROCESSOS DE AVALIAÇÃO INTERNA E EXTERNA	126
5.1. COLEGIADO DE CURSO.....	126
5.2. NÚCLEO DOCENTE ESTRUTURANTE – NDE	130
5.3. AVALIAÇÃO DO CURSO E DO CURRÍCULO	132
6. ACOMPANHAMENTO DE EGRESSOS.....	134
7. INTEGRAÇÃO ENTRE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO	136
8. INTEGRAÇÃO COM OUTROS CURSOS E COM A PÓS-GRADUAÇÃO	138
9. TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TIC) NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM	140
10. AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM (AVA).....	142
II - QUADRO DOCENTE E TÉCNICO-ADMINISTRATIVO	143
III - INFRAESTRUTURA	146
REFERÊNCIAS.....	149
APÊNDICES	153
Apêndice A: Regimento do Núcleo Docente Estruturante	153
Apêndice B: Relatório NDE Bibliografias.....	157
Apêndice C: Documentos para realização de disciplinas práticas de forma remota no semestre acadêmico de 2020/2.....	159

I - PROPOSTA PEDAGÓGICA

1. CONTEXTUALIZAÇÃO

1.1. UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

1.1.1. Dados de Identificação da Universidade Federal de Pelotas – UFPel

QUADRO 1: DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS - UFPEL

Mantenedora: Ministério da Educação		
IES: Universidade Federal de Pelotas – UFPel		
Natureza Jurídica: Fundação de Direito Público - Federal	CNPJ/MF: 92.242080/0001-00	
Endereço: Rua Gomes Carneiro, 1 – Centro, CEP 96010-610, Pelotas, RS – Brasil	Fone: +55 53 3921.1024	
	Site: www.ufpel.edu.br e-mail: reitor@ufpel.edu.br	
Ato Regulatório: Credenciamento/ Decreto Nº documento: 49529 Data de Publicação: 13/12/1960	Prazo de Validade: Vinculado ao Ciclo Avaliativo	
Ato Regulatório: Recredenciamento Decreto Nº documento: 484 Data de Publicação: 22/05/2018	Prazo de Validade: Vinculado ao Ciclo Avaliativo	
Ato Regulatório: Credenciamento EAD Portaria Nº documento: 1.265 Data de Publicação: 29/09/2017	Prazo de Validade: Vinculado ao Ciclo Avaliativo	
CI – Conceito Institucional:	4	2017
CI – EAD - Conceito Institucional EAD:	3	2013
IGC – índice Geral de Cursos:	4	2018
IGC Contínuo:	3, 5277	2018

Reitor: Ursula Rosa da Silva	Gestão 2025-2028
------------------------------	------------------

1.1.2. Histórico e Contexto da Universidade Federal de Pelotas

Localizada no Sul do Rio Grande do Sul, na cidade de Pelotas, a 250 km de Porto Alegre, capital do Estado, a UFPel foi criada em 1969, a partir da transformação da Universidade Federal Rural do Rio Grande do Sul (composta pela centenária Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel, Faculdade de Veterinária e a Faculdade de Ciências Domésticas) e da anexação das Faculdades de Direito e Odontologia, até então ligadas à Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Instituições particulares, que já existiam em Pelotas, foram também agregadas à Universidade Federal de Pelotas, como é o caso do Conservatório de Música de Pelotas, da Escola de Belas Artes Dona Carmem Trápaga Simões, do Curso de Medicina do Instituto Pró-Ensino Superior do Sul do Estado, além do Conjunto Agrotécnico Visconde da Graça (CAVG). A área agrária, de grande importância para o desenvolvimento da região, de economia predominantemente agropastoril, teve, por sua vez, importante contribuição na formação da Universidade.

Foram também relevantes, no processo de desenvolvimento da Universidade Federal de Pelotas, a Faculdade de Medicina e a Faculdade de Enfermagem, visto que ambas deram origem a toda a estrutura da área da saúde na UFPel. Estrutura essa que, através dos ambulatórios da Faculdade de Medicina e do Hospital Escola da Universidade, contribui até hoje, decisivamente, para a saúde da população de Pelotas e cidades vizinhas, visto o grande número de atendimentos realizados a pacientes do SUS.

De lá para cá, buscando sempre novas formas de oportunizar o acesso à educação pública a centenas de jovens e adultos e de contribuir para a melhoria geral das condições econômicas, sociais e culturais da região, a Universidade Federal de Pelotas vem investindo, gradativamente, nas atividades de ensino, de pesquisa e de extensão. A UFPel tem como missão: promover a formação integral e permanente do profissional, construindo o conhecimento e a cultura, comprometidos com os valores da vida com a construção e o progresso da sociedade. Sua visão institucional prevê ser reconhecida como Universidade de referência pelo comprometimento com a formação inovadora e empreendedora, capaz de prestar para a sociedade serviços de qualidade, com dinamismo e criatividade.

Desde a sua adesão, em 2007, ao Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), desenvolvido pelo Ministério da Educação, a UFPel vem registrando expressivos avanços, que se configuram tanto na ampliação de sua atuação acadêmica, por intermédio do aumento do número de vagas oferecidas e da criação de novos Cursos de graduação e pós-graduação, quanto na expansão de seu patrimônio edificado.

O órgão máximo da Universidade, com funções normativa, consultiva e deliberativa, é o Conselho Universitário (CONSUN); as deliberações sobre as atividades de ensino, pesquisa e extensão são da competência do COCEPE, com funções consultiva, normativa e deliberativa; e o órgão fiscalizador da gestão econômica financeira é o Conselho Diretor da Fundação (Condir).

Sua estrutura organizacional também envolve as seguintes Pró-Reitorias: Pró-Reitoria de Ensino (PRE), Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PREC), Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação (PRPPGI), Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE), Pró-Reitoria de Gestão da Informação da Comunicação (PROGIC), Pró-Reitoria Administrativa (PRA), Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas (PROGEP) e Pró-Reitoria de Planejamento e Desenvolvimento (PROPLAN). Assim como as seguintes comissões: Comissão de Ética (CE), Comissão Própria de Avaliação (CPA), Comissão Permanente de Pessoal Docente (CPPD), Comissão Permanente de Processos Administrativos Disciplinares (CPPAD) e CIS – Comissão Interna de Supervisão da Carreira dos Servidores Técnico Administrativos/as (CIS).

Existem diferentes Modalidades de ingresso UFPel:

- Pelo Sistema Informatizado (SISU) do Ministério da Educação, por meio do qual instituições públicas de ensino superior oferecem vagas a candidatos/as participantes do Enem;
- Na UFPel o Vestibular é a forma de ingresso nos cursos à distância, que são vinculados à Coordenação de Programas de Ensino à Distância (CPED);
- Pelo Programa de Avaliação da Vida Escolar (PAVE), modalidade alternativa de seleção para os cursos de graduação, constituindo-se em um processo gradual e sistemático, que acontece ao longo do Ensino Médio (E. M.), alicerçado na integração entre a educação básica e a superior, visando à melhoria da qualidade do ensino. Cabe destacar que, a partir de 2017, a fixação do número de vagas para o PAVE é de até 20% do total disponível em cada curso oferecido pela UFPel

Além disso, a Resolução nº 15/2015, aprovada pelo Conselho Coordenador do Ensino, da Pesquisa e da Extensão (COCEPE) da UFPel, criou dez vagas especiais, voltadas para estudantes provenientes de comunidades indígenas e quilombolas. A criação de vagas específicas para quilombolas e indígenas está amparada pela lei 12.711 e pelo decreto 7824, ambos de 2012, que permitem e incentivam a ampliação de novos espaços de acesso para grupos cuja possibilidade de ingresso na universidade é dificultada por diversas condições sociais e culturais.

O Conselho Coordenador do Ensino, da Pesquisa e da Extensão – COCEPE, através da Resolução 05/2016, estabeleceu critérios e procedimentos de seleção para ingresso em cursos de graduação da UFPel nas modalidades Reopção, Reingresso, Transferência e Portador de Diploma de Ensino Superior.

Atualmente a Universidade conta com seis Campi: Campus do Capão do Leão, Campus da Palma, Campus da Saúde, Campus das Ciências Sociais, Campus II-ICH e o Campus Anglo, onde está instalada a Reitoria e demais unidades administrativas. Fazem parte também da estrutura atual da UFPel diversas unidades dispersas. Dentre elas, estão a Faculdade de Odontologia, a Faculdade de Direito, o Serviço de Assistência Judiciária, o Conservatório de Música, o Centro de Artes (CA), o Centro de Ciências Químicas, Farmacêuticas e de Alimentos (CCQFA), o Centro de Desenvolvimento Tecnológico (CDTEc), o Centro das Engenharias (CEng), a Escola Superior de Educação Física (ESEF), o Centro de Educação Aberta e a Distância (CEAD), o Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo (MALG), o Museu de Ciências Naturais Carlos Ritter, a Agência para o Desenvolvimento da Lagoa Mirim (ALM).

Atualmente, a UFPel oferece 98 cursos presenciais de graduação e 41 programas de pós-graduação. Além dos cursos presenciais, a UFPel participa do programa do governo federal “Universidade Aberta do Brasil (UAB)”, promovendo a modalidade de ensino de educação à distância, o que possibilita o acesso à educação superior a um público ainda maior.

1.2. CURSO DE BACHARELADO EM MUSEOLOGIA

1.2.1. Dados de Identificação do Curso

QUADRO 2: DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO CURSO

Curso: Bacharelado em Museologia	
Código: 103270	
Unidade: INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – UFPel	
Endereço: Rua Almirante Barroso, 1202.	Fone: + 55 53 3284 4308 Site: https://wp.ufpel.edu.br/museologia/ e-mail: museologiaufpel@yahoo.com.br
Diretor/a da Unidade: Sebastião Peres	Gestão: 2018-2022
Coordenador/a do Colegiado: José Paulo Siefert Brahm	Gestão: 2024-2026
Número de Vagas do Curso: 33	Modalidade: presencial
Regime Acadêmico: semestral	Carga Horária Total: 2.520 horas
Turno de Funcionamento: integral	Tempo de Integralização: Mínimo: 08 semestres Máximo: 14 semestres
Titulação Conferida: Bacharel em Museologia	
Ato de autorização do curso: Parecer favorável do Conselho Coordenador do Ensino, da Pesquisa e da Extensão (COCEPE) no dia 21 de agosto de 2006 (Portaria UFPel Nº 1158).	
Reconhecimento do Curso: Portaria número 216 do Diário Oficial da União, de 31 de outubro de 2012.	
Conceito de Curso (CC): 4 (avaliação in loco em março de 2016) disponível em http://emec.mec.gov.br .	
Formas de ingresso: SISU-ENEM; PAVE; Editais de Transferência, de Reopção, de Reingresso e Portador de Diploma; abertura de vagas específicas às ações afirmativas.	

1.2.2. Histórico e Contexto do Curso de Bacharelado em Museologia

A proposta de implantação do Bacharelado em Museologia, do Instituto de Ciências Humanas, surgiu em um momento no qual fatores nacionais, associados a elementos regionais e locais, delinearam um contexto fortemente favorável ao surgimento dessa graduação.

No plano nacional, em 2006, estava se configurando os fundamentos de uma Política Nacional de Museus, levada a termo pelo Ministério da Cultura, na gestão do Ministro Gilberto Gil. Nos marcos dessa Política, que passou a vigorar a partir de 2007, foram postos em funcionamento o Sistema Brasileiro de Museus, importante rede de articulação dos museus nacionais; o Cadastro Nacional de Museus, que estrutura as bases do que seria o então Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM); e os marcos regulatórios fundamentais para o exercício profissional e das unidades museológicas no território nacional. Como um dos elementos dessa política, que configurava um novo cenário museológico, a formação profissional foi um dos aspectos de grande ênfase, sendo as instituições federais de ensino superior instadas a elaborar projetos para implantação de Cursos de Museologia.

A Universidade Federal de Pelotas foi sensível a essa demanda criada pelo governo federal e, no contexto regional e local, outros fatores confluíram para essa decisão.

É importante levar em consideração que a cidade de Pelotas ocupava, naquele momento, um lugar de destaque na zona sul do estado do Rio Grande do Sul, nomeadamente por suas ações referentes ao patrimônio. No plano nacional, Pelotas foi contemplada com o Programa MONUMENTA 1999-2010. Atualmente, Pelotas faz parte de uma das 173 cidades brasileiras participantes do projeto governamental PAC Cidades Históricas, cujo objetivo é instituir um programa permanente de preservação do patrimônio promovendo melhoramentos no espaço urbano como um todo.

Ao mesmo tempo, Pelotas sediava (e ainda é eixo central) de uma região que caracteriza o extremo sul do estado, composta por municípios de grande importância histórica tais como Piratini, Bagé, Jaguarão e Rio Grande. Em todos estes municípios, a riqueza patrimonial se expressa pelo conjunto de bens culturais de natureza arquitetônica, pelas expressões culturais e pelos acervos dispostos nos museus. A criação de um Curso de Museologia colocou-se, nesse contexto, como a resposta às demandas geradas por todas essas instituições de guarda e agenciamento de memórias, para as quais o Curso fundado na UFPel vem fornecendo, sistematicamente, apoios diversos e, sobretudo, mão de obra altamente especializada.

Igualmente, no cenário internacional, a proximidade com a fronteira platina foi um fator que impulsionou a proposição de um Curso formador de museólogos no âmbito do MERCOSUL, que, mais do que um espaço de trocas culturais, traduzidas por várias ações de caráter binacional já implementadas, busca construir sinergias entre realidades nacionais e fronteiriças. Dentre as ações institucionais que aproximam e integram países do MERCOSUL ressalte-se que, já em 1994, a Universidade Federal de Pelotas recebeu da Presidência da República a atribuição de administrar o lado brasileiro do Tratado Brasil-Uruguai da Lagoa Mirim (Decreto nº 1.148 de 26 de maio de 1994), com a transferência do acervo técnico, científico e patrimonial, bem como a administração dos bens da SUDESUL (Superintendência do Desenvolvimento do Sul), vinculada ao Ministério de Integração Regional, para a UFPEL, constituindo-se, assim, em um espaço cuja função é atuar em projetos voltados à integração e ao desenvolvimento regional.

Nesse contexto, um Curso formador de museólogos vem sendo, potencialmente, um gerador de recursos humanos para lidar com a realidade de fronteira, sobretudo uruguaia, o que fica bastante evidenciado quando se observa as ações de nossos profissionais em cidade como Jaguarão, por exemplo.

O Bacharelado de Museologia iniciou sua primeira turma em outubro de 2006. Em razão de problemas para a contratação de docentes, foi necessário recorrer ao bom relacionamento que os promotores possuíam com docentes da área de Museologia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), bem como com o recém formado Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM). Foi nesse contexto que o Curso iniciou suas atividades contando com aulas ministradas pelos museólogos Mario Chagas, Ivan Coelho de Sa e Cícero Antônio Fonseca de Almeida, todos vinculados à UNIRIO.

A aproximação com o IBRAM resultou em muitos benefícios ao Curso, cuja criação foi destaque no III Fórum Nacional de Museus. À época, o então Reitor, Prof. Antônio Cesar Borges, recebeu efusivos cumprimentos por parte do Ministro da Cultura, Gilberto Gil, em virtude da criação do terceiro Curso de Museologia no Brasil, em instituição pública de ensino superior.

A primeira turma colou grau no ano 2010 e, dos 13 profissionais formados, praticamente todos estão atuando na área de museus ou de instituições de memória.

Em 2008, no intuito de ampliar a área de Memória e Patrimônio, avançando para o campo da intervenção em bens culturais móveis, no contexto nacional da política de

Reestruturação das Universidades – REUNI – foi elaborada a proposta de criação do Bacharelado em Conservação e Restauro, cujo primeiro ingresso foi no ano 2009.

A partir de então, os Bacharelados em Museologia, Conservação e Restauro e o Programa de Pós-graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural (Mestrado em 2006 e Doutorado em 2012), passaram a constituir a área de Memória e Patrimônio do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas.

Desde o começo, sediado no Instituto de Ciências Humanas – dialogando com áreas de conhecimento como a Antropologia, Arqueologia, História, Geografia –, o Departamento de Museologia, Conservação e Restauro é um espaço interdisciplinar por natureza, e por esse viés são concebidos todos os projetos de ensino, pesquisa e extensão.

Deve-se destacar, ainda, que o processo de Integralização da Extensão implementado pelo Curso se preocupou em potencializar o desenvolvimento socioeconômico e socioambiental da região. Atende-se, desta forma, os princípios e objetivos do PDI/UFPel (Resolução CONSUN N° 13/2015), sobretudo nos objetivos estratégicos 4 (Apoiar iniciativas de inovação tecnológica e de desenvolvimento regional), 8 (Assegurar o equilíbrio entre as ações do ensino, da pesquisa e da extensão) e 9 (Intensificar as relações entre UFPel e sociedade).

1.2.3. Legislação considerada no PPC

A elaboração do Projeto Pedagógico do Curso de Bacharelado em Museologia está embasada na legislação vigente, podendo-se citar:

BRASIL. Parecer CNE/CES n° 492/2001, aprovado em 3 de abril de 2001 (Aprova as Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de Arquivologia, Biblioteconomia, Ciências Sociais - Antropologia, Ciência Política e Sociologia, Comunicação Social, Filosofia, Geografia, História, Letras, Museologia e Serviço Social.).

BRASIL. Parecer CNE/CES n° 1.363/2001, aprovado em 12 de dezembro de 2001 (Retifica o Parecer CNE/CES n.º 492, de 3 de abril de 2001, que aprova as Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de Arquivologia, Biblioteconomia, Ciências Sociais - Antropologia, Ciência Política e Sociologia, Comunicação Social, Filosofia, Geografia, História, Letras, Museologia e Serviço Social).

BRASIL. Resolução CNE/CES n° 21, de 13 de março de 2002 (Estabelece as Diretrizes Curriculares para os cursos de Museologia).

BRASIL. Decreto n° 5.296, de 02 de dezembro de 2004 (Acessibilidade).

BRASIL. Resolução CNE/CP n° 01, de 17 de junho de 2004 (Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação das Relações Étnico-Raciais e para o ensino de História e Cultura AfroBrasileira e Africana).

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005 (Libras).

BRASIL. Resolução CNE/CP nº 01, de 30 de maio de 2012 (Estabelece as Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos).

BRASIL. Resolução CNE/CP nº 02, de 15 de junho de 2012 (Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental).

BRASIL. Congresso Nacional. Lei 13.005/14. Aprova o Plano Nacional de Educação e dá outras providências. Congresso Nacional. Diário Oficial da União, Brasília, 25 jun. 2014.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

BRASIL. Resolução nº 2, de 18 de junho de 2007. Dispõe sobre carga horária mínima e procedimentos relativos à integralização e duração dos Cursos de graduação, bacharelados, na modalidade presencial.

BRASIL. Lei nº. 10.172, de 9 de janeiro de 2001. Aprova o Plano Nacional de Educação e dá outras providências. Diário oficial da União, Brasília, DF, 10. jan. 2001. Seção 1, p.01. Disponível em: . Acesso em: 12 jul. 2010.

BRASIL. Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008. Dispõe sobre o estágio de estudantes.

BRASIL. Resolução Nº. 01, de 17 de junho de 2010, da Comissão Nacional de Avaliação da Educação Superior – CONAES. Normatiza o Núcleo Docente Estruturante e dá outras providências.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. Parecer CNE/CES nº 8/2007, dispõe sobre a integralização e duração dos Cursos de graduação, bacharelados, na modalidade presencial.

Instrumento de Avaliação de Cursos de Graduação – Versão 2017 (Reconhecimento e Renovação de Reconhecimento).

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS. **Estatuto.**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS. **Regimento.**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS. Plano de Desenvolvimento Institucional da UFPel (PDI).

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS. Projeto Pedagógico Institucional da UFPel (PPI)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS. COCEPE **Resolução nº 02/06** (Dispõe sobre o Tempo de Permanência dos acadêmicos na UFPel)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTA. COCEPE. **Resolução nº 03** de 08 de junho de 2009. Normatiza os Estágios obrigatórios e não obrigatórios, concedidos pela Universidade Federal de Pelotas.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS. COCEPE. **Resolução nº 04** de 08 de junho de 2009. Normatiza os Estágios obrigatórios e não obrigatórios realizados por alunos da UFPel, nos termos desta Resolução.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS. COCEPE. **Resolução nº 22**, de 19 de julho de 2018 (Dispõe sobre as diretrizes de funcionamento do Núcleo Docente Estruturante (NDE) dos Cursos de Graduação da UFPel)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS. COCEPE. **Resolução nº 29** de 13 de setembro de 2018. Dispõe sobre o Regulamento do Ensino de Graduação na UFPel.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS. COCEPE. **Resolução COCEPE nº 06**, de 10 de dezembro de 2020 (Regulamento da integralização das atividades de extensão nos cursos de Graduação da Universidade Federal de Pelotas – UFPel)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS. COCEPE. **Resolução nº 14** de 12 de junho de 2014. Altera Artigos das Resoluções 03/2005 e 14/2010.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS. Previsão de abertura de vagas específicas em cursos de graduação da UFPel (Previsão de abertura de vagas específicas para estudantes indígenas e quilombolas).

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS. Portaria MEC nº 2.117, de 6 de dezembro de 2019 (Dispõe sobre a oferta de carga horária na modalidade de Ensino a Distância - EaD em cursos de graduação presenciais ofertados por Instituições de Educação Superior - IES pertencentes ao Sistema Federal de Ensino).

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS. Diretrizes para Elaboração de Projeto Político Pedagógico da UFPel (2019).

Em termos da legislação vigente, no que se refere à área de Museologia, podemos mencionar os seguintes documentos e legislações, relacionados em ordem cronológica:

- Mesa Redonda de Santiago do Chile (Santiago/Chile, 30/05/1972).
- Declaração de Quebec (Quebec, 12/12/1984).
- Lei que dispõe sobre a Regulamentação da profissão de Museólogo. (Lei nº.7.287, de 18/12/1984).
- Regulamentação da profissão de Museólogo e Autorização para Criação do Conselho Federal e Conselhos Regionais de Museologia. (Decreto nº. 91.775, de 15/10/1985).
- Declaração de Caracas (Comitê Venezuelano do ICOM e Organização Regional de Cultura para América Latina e Caribe, fevereiro de 1992).
- Guias de Currículo para Desarrollo Profesional em Museos de ICOM (International Committee for the Training of Personnel of the International Council of Museum (ICOM), c/o Patrick Boylan, Department of Arts Policy and Management, City University London, Frobisher Crescent; Last revised: 22/02/2003)
- Código de Ética para Museus – Conselho Internacional de Museus/ICOM (Revisto e atualizado na 21ª Assembleia Geral, realizada em Seul, Coreia do Sul, em 08/04/2004; traduzido em 2005 pelo Comitê Brasileiro do ICOM).

2. ORGANIZAÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA

2.1. PRESSUPOSTOS, ESTRUTURA DO PPC E POLÍTICAS INSTITUCIONAIS NO ÂMBITO DO CURSO

O Projeto Pedagógico do Curso de Bacharelado em Museologia foi construído com a participação direta dos professores que atuam no Curso, integrando indiretamente produções e ações do corpo discente, servidores técnico-administrativos, demais membros da coletividade acadêmica, além de atores sociais em geral. Grupos de trabalhos foram formados, tendo seus resultados sido discutidos no âmbito do Núcleo Docente Estruturante que, após aprofundamentos e elaborações adicionais, encaminhava, por etapas, orientações para aprovação do texto final pelo Colegiado.

Nosso PPC está integrado ao PDI 2015-2020 (Programa de Desenvolvimento Institucional) da UFPel (UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS, 2015, p. 6). Por sua vez, o PDI alicerça-se no Projeto Pedagógico da UFPel (PPI) e no Plano Nacional de Educação (PNE), os quais propõem fundamentalmente que a Universidade, sempre pautada nos princípios que regem a Administração Pública, deve orientar-se pelo compromisso com a democracia, com a natureza pública e gratuita da instituição, com a indissociabilidade do ensino, da pesquisa e da extensão e com a permanente atenção aos interesses da coletividade e da região em que se localiza.

O objetivo principal do Curso é a sua inserção no contexto socioeconômico e cultural regional, buscando fazer das atividades de pesquisa, de extensão e de ensino, relacionadas à memória, ao patrimônio e aos museus, um fator de desenvolvimento cultural, econômico, turístico e social, tanto da cidade onde está localizado como da região sul do Estado. As propostas, objetivos e perfil do Curso se integram às políticas de desenvolvimento institucional voltados para a região Sul do Estado, no tocante ao patrimônio e à cultura. Consta do PDI, nos objetivos e ações comuns ao ensino, pesquisa e extensão e, mais especificamente no item “e”, a seguinte recomendação para a extensão: propor política de preservação e fomento do patrimônio cultural e artístico edificado, museológico, acervístico e imaterial (UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS, 2015j p. 18).

Esta proposição foi inserida no Programa de Gestão 2017-2020 da UFPel e concretizou-se com a implantação da Rede de Museus, projeto Estratégico da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, vinculado à Coordenadoria de Patrimônio Cultural e Comunidade, que tem como

objetivo unir as instituições, processos e projetos museológicos, existentes na Universidade, para a construção de uma política para a área, de forma a desenvolver ações de gestão, valorização do patrimônio museológico e de aproximação com a comunidade. O Curso de Museologia tem contribuído e atuado em diversos eventos organizados anualmente, como o Dia do Patrimônio, promovido pela Secretaria de Cultura de Pelotas, a Semana dos Museus e a Primavera dos Museus, organizados pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), além de inúmeras palestras, oficinas e cursos voltados para a comunidade acadêmica e local.

O Curso de Museologia alcança a meta 12.7 do novo Plano Nacional de Educação PNE 2014-2024 (BRASIL, 2015), uma vez que dedica mais de 10% de sua carga horária a atividades extensionistas, atingindo, através do percurso curricular obrigatório, um total de 285 horas. Museus locais e demais tipos de instituições culturais beneficiam-se dos trabalhos de extensão desenvolvidos no âmbito do Curso, transitando entre os temas, ações e políticas acima descritas. Projetos de ensino e de pesquisa também dialogam de forma qualificada com a comunidade, na medida em que os seus impactos positivos em relação aos processos de preservação do patrimônio local são frequentemente expressivos.

Dentre esses projetos, vários discentes que integram as equipes são contemplados com bolsas institucionais de ensino, pesquisa e extensão. Vale mencionar também a existência de editais que selecionam, na instituição, estudantes para a concessão de bolsas de monitoria e de bolsas acadêmicas. Essas bolsas são de grande importância, não somente por potencializarem a adesão e atuação dos membros das equipes aos objetivos dos respectivos projetos, como também pelo fato de possuírem relevante papel social, dado que colabora para a diminuição da evasão e, ao mesmo tempo, estimula a permanência dos discentes em seus respectivos cursos.

Outra política institucional importante é a organização de eventos de largo alcance no âmbito da comunidade acadêmica e que possuem grande adesão de professores, técnicos e discentes. A Semana Integrada de Inovação, Ensino, Pesquisa e Extensão (SIIPE) é um evento anual que mobiliza todos os cursos de graduação e pós-graduação da instituição em torno da apresentação dos resultados dos projetos de ensino, pesquisa e extensão. Neste evento o corpo docente, técnico e discente do Bacharelado em Museologia tem uma participação expressiva. Outro evento importante é a Mostra Anual de Cursos, oportunidade em que os representantes dos cursos de graduação apresentam seus respectivos espaços de formação para a comunidade de estudantes do ensino médio, que são os potenciais estudantes universitários. Trata-se de um relevante espaço de divulgação e esclarecimento sobre as especificidades dos Cursos frente à

comunidade. Desde a Primeira Mostra, em 2017, o Curso de Museologia vem participando do continuamente evento.

A disponibilização de informações sobre os cursos para a comunidade local é importante para que a Universidade Federal de Pelotas preencha o percentual de vagas destinadas ao Programa de Avaliação da Vida Escolar (PAVE), processo alternativo ao ENEM/SISU que contempla o ingresso de estudantes oriundos das escolas públicas localizadas na região de abrangência da UFPel. Dentre suas políticas, a Universidade também incentiva a internacionalização institucional através das ações realizadas pela Coordenação de Relações Internacionais. Anualmente são divulgados editais voltados aos alunos da graduação para que possam realizar intercâmbios em instituições acadêmicas de outros países; o Curso já teve três alunos contemplados nesta modalidade.

2.2. CONCEPÇÃO DO CURSO

A elaboração do Curso de Museologia fundamentou-se sobre o reconhecimento da profissão de Museólogo, amparada na Lei n.º 7.287, de 18 de dezembro de 1984, regulamentada pelo Decreto n.º 91.775, de 15 de outubro de 1985. A mencionada legislação criou o Conselho Federal de Museologia (COFEM) e os Regionais de Museologia (COREM), com a finalidade de exercerem fiscalização sobre o exercício da Museologia, incidindo tanto sobre o profissional museólogo, quanto sobre a instituição museal. Cabe também registrar que a concepção do Curso está alinhada com os preceitos transnacionais apregoados pelo Conselho Internacional de Museus (ICOM), e com as diretrizes da Política Nacional de Museus e do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM).

A grade curricular do Curso está estruturada de modo a propiciar a formação de profissionais museólogos capazes de dominar os fundamentos teóricos e possibilidades práticas relativas à, assim chamada, cadeia operacional da área, consubstanciada genericamente pela salvaguarda e comunicação do patrimônio cultural. Em termos específicos, imbuído de conhecimentos que se balizam em pilares técnico-científicos e humanísticos, tais profissionais poderão atuar em diversos tipos de museus – de história, de arte, de etnologia e arqueologia, de ciências, ecomuseus, museus de comunidade, etc. –; além de outros espaços e instituições culturais como sítios arqueológicos, parques, monumentos, aquários, zoológicos, jardins botânicos, centros de conservação e restauro, centros de memória, galerias de arte, institutos de pesquisa, coleções particulares, e projetos ligados à memória e ao patrimônio.

Nestes locais, além de planejar, organizar e coordenar setores técnicos e administrativos, o museólogo que recebeu formação profissional no Curso de Museologia da UFPel, será competente para pesquisar, documentar e preservar acervos, além de planejar e coordenar exposições, e produzir e atuar em ações educativas e de comunicação de conhecimentos. Impreterivelmente atento à indissociável relação entre ensino, pesquisa e extensão, o Curso está concebido, ainda, de maneira a desenvolver no acadêmico em formação capacidade crítico-reflexiva para uma futura ação profissional sensível à diversidade de gênero, étnico-racial, cultural e religiosa, sustentada no respeito e fomento aos direitos humanos e à conscientização socioambiental.

2.3. JUSTIFICATIVA DO CURSO

Desde sua criação em 2006, o Curso de Museologia vem refletindo uma realidade social marcada pela urgência quanto à preservação do patrimônio, e suas implicações nos quadros de construção de memória, seja social, coletiva ou individual. Tal fenômeno enreda uma tendência cada vez mais consolidada no contexto da cidade de Pelotas, regiões vizinhas e no Estado, em compasso com todo o ocidente moderno.

O Rio Grande do Sul, situado na Região Sul do Brasil, é o quarto Estado mais populoso do país, e se divide em 497 municípios. Caracteriza-se por sua diversidade paisagística e cultural, haja vista a presença, em sua formação étnica, de povos indígenas, negros e europeus. No que diz respeito aos indicadores sociais, destaca-se pelos baixos índices de mortalidade infantil, por possuir uma das maiores expectativas de vida e taxa de alfabetização superior a 95%.

Em 2020, primeiro ano da pandemia do Covid-19, o Brasil caiu 5 posições em relação aos demais países no Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) da Organização das Nações Unidas. No mesmo período, o IDH do Rio Grande do Sul, medido pelo IBGE, se manteve na 6ª posição entre os índices de estados brasileiros. Com IDH acima de 0,73 nos últimos levantamentos, Pelotas se destaca entre os municípios da metade sul do Rio Grande do Sul. Mas, importa observar que todos os municípios de sua circunvizinhança apresentam índices de desenvolvimento muito abaixo da média estadual, o que caracteriza a microrregião como uma das mais carentes de todo o sul do país. Em tal contexto, a formação universitária de museólogos e museólogas, agentes de preservação do patrimônio cultural e ambiental, contribui para a emancipação de pessoas em condição de vulnerabilidade social. Ao mesmo tempo, promove o

desenvolvimento local e regional favorecendo alternativas econômicas sustentáveis e potencializando valores culturais e ambientais.

Segundo estimativas do IBGE, em 2020, a população do município de Pelotas era de 343.132 habitantes, sendo a quarta cidade mais populosa do Estado. A economia de Pelotas está baseada no agronegócio e no comércio. A cidade também se destaca por ser a maior produtora de pêssego para a indústria de conservas no Brasil, é grande produtora de arroz e rebanho bovino de corte, além de ser a maior produtora de leite do Estado. Quanto aos indicadores sociais, segundo o IBGE, Pelotas possuía, em 2010, uma taxa de 96,9% de escolarização, de 6 a 14 anos de idade e a mortalidade infantil, em 2014, correspondia a 13,55 óbitos por mil nascidos vivos.

Em relação ao campo museal, Pelotas está situada na chamada 7ª Região Museológica, categoria de delimitação geográfica proposta pelo Sistema Estadual de Museus-SEMRS. De acordo com estudo “Densidade Museológica do Rio Grande do Sul”, publicado em 2020 pelo SEMRS, constam formalmente registradas nessa região 69 unidades museológicas, que abrangem praticamente todas as tipologias de museus, como os históricos, ecomuseus, militares, de ciências naturais, tecnológicos, etc. Juntamente com o principal município vizinho, Rio Grande – com 17 museus –, Pelotas – com 29 museus – constitui o que se pode considerar o centro cultural da região, contento cerca de dois terços dos museus locais. Ainda com base no estudo ora mencionado, e considerando o contexto e a demanda nomeadamente local, é possível afirmar que o Curso de Museologia da UFPel se faz essencial, não só por formar profissionais legitimados para atender a essa realidade, mas também por se articular intrinsecamente ao cotidiano museológico da segunda região mais densa do estado, considerando a média relacional entre o número de habitantes por museu, que é de 14.723.

Em compasso com a realidade museal no mundo contemporâneo, por sua potencialidade de articular o passado, o presente e projetar-se no futuro, os museus vêm assumindo protagonismo como espaços em que a memória social e o patrimônio cultural e ambiental são colocados em debate, gerando renovadas possibilidades de apropriação e uso dos referenciais patrimoniais. No contexto nacional, sobretudo em cidades que fomentam o turismo, como é o caso da cidade de Pelotas e região, os museus estão em evidência; muitas cidades já incluem em seus planos diretores as instituições museológicas, o que traduz o interesse do poder público em relação ao potencial turístico, cultural, educativo, científico e econômico que os museus assumem atualmente.

O Rio Grande do Sul, e mais particularmente Pelotas, tem vasto campo patrimonial e museal, parte considerável ainda inexplorado. A região sul do país conta com quatro Cursos de Graduação em Museologia, dois deles no RS, o da Universidade Federal de Pelotas (2006) e o da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2008), além de dois Programas de Pós-Graduação, um Memória Social e Patrimônio cultural (UFPel) e outro em Museologia e Patrimônio (UFRGS). Salienta-se que a estruturação desses cursos gerou ainda mais mobilização dos campos patrimonial e memorial, que, em contrapartida, incrementou a procura por profissionais qualificados para gerir o patrimônio, nomeadamente musealizado.

Conflui para isto o recente marco regulatório do campo dos museus – Lei nº 11.904 de 14/01/2009, a qual institui o Estatuto de Museus, a Lei nº 7.287, de 18 de dezembro de 1984, que regulamenta a profissão de Museólogo e instrumentos correlatos –, que tem alargado exponencialmente a demanda pelo profissional museólogo. Para além da procura já existente – como: para a atuação em centros de memória, galerias de arte, institutos de pesquisa, coleções particulares, projetos ligados à memória e ao patrimônio, gestão de acervos, montagem de exposições, produção de ações educativas – a região testemunha um acréscimo de demanda para elaboração de planos e diagnósticos museológicos.

Soma-se a isto a atuação que o Conselho Regional de Museologia da 3ª Região - COREM 3R – vem desenvolvendo em parceria com as prefeituras municipais, no sentido de orientar e fiscalizar o exercício profissional. Importa sinalizar que docentes do Curso de Museologia da UFPel atuam em comissões do Conselho, mais especificamente na Comissão de Orientação e Fiscalização do Exercício Profissional (COFEP) e na Comissão de Formação e Aperfeiçoamento Profissional (CFAP). Como efeito, há uma maior inserção dos museus e do profissional museólogo no cenário cultural. Atualmente, há menos de 150 museólogas e museólogos registrados no Conselho. Ao contrastar a potencialidade de mercado de trabalho nos campos museal, patrimonial e memorial (real e em potência), e o número de profissionais aptos a exercer suas atribuições profissionais, verificamos que há um desequilíbrio nesta equação, o que justifica a demanda do Curso de Museologia da UFPel para a formação de profissionais com a competência e habilidade para desenvolver as atividades.

Importa mencionar que o Curso de Museologia da UFPel integrou o projeto de ensino “Estratégias de enfrentamento à evasão e retenção nos cursos de graduação da UFPEL”, realizado em 2018 e 2019, no qual se elaborou diagnóstico com objetivo de avaliar a inserção dos egressos no mercado de trabalho. Como resultado, chegou-se aos seguintes dados: dos 71 egressos até 2019, 38 (54%) estão inseridos no mercado de trabalho ou seguiram os estudos em

programas de pós-graduação. Destes, 17 são concursados, 10 contratados e um atua na iniciativa privada, como empresa. Aqueles que não estão atuando na área, majoritariamente, seguiram outras profissões ou reingressaram em outras graduações.

Além dos dados ora apresentados é importante destacar que diversos egressos do Curso estão hoje alocados em instituições e postos de trabalho que extrapolam as fronteiras estaduais. Caso, por exemplo, de profissionais em Santa Catarina, atuando tanto na UFSC – na formação de novos museólogos –; na prefeitura de Chapecó; em Brasília, com vínculo com o IPHAN; e na Itaipu Binacional, no Paraná. Dos egressos que exercem a profissão no Estado do RS há concursados de prefeituras municipais como as de Pelotas, Rio Grande e Gramado; contratados em demais cidades como Ijuí, Torres, Gramado, Rio Grande e Pelotas; além de docentes e técnico-administrativos da UFPel, da UFRGS e da UCPEL.

Segundo perspectivas conceituas e epistemológicas do campo, em consonância ainda com as características específicas histórico-contextuais da própria área geográfica em que se encontra estabelecido, o Curso de Museologia vem consolidando, mais do que um diálogo, uma participação efetiva e transformadora na região. A criação deste Curso veio para responder a uma determinada expectativa da comunidade e, em contrapartida, ele próprio vem se construindo intelectual e estruturalmente a partir de uma relação de mútua cooperação com a sociedade local. Esta troca, ou como poderíamos mesmo chamar de “movimento de retroalimentação”, é fundamental para caracterizar uma permanente atuação em rede, de modo a criar nexos e câmbios de experiências com os atores patrimoniais locais.

O Rio Grande do Sul, conforme antes mencionado, possui uma gama bastante representativa de Sistemas, Redes, Colegiados, Conselhos ligados à área da Museologia, o que confere ao Estado destacada atuação na organização e implementação de políticas públicas. O Curso de Bacharelado em Museologia da UFPel desde a sua organização inicial, com o primeiro grupo de professores e, após, com os primeiros museólogos formados na instituição, tem participado ativamente destes coletivos, seja na assessoria através de projetos de extensão e pesquisa, ou na ocupação de assentos representando a Universidade e a comunidade museológica. Em Pelotas, professores do Curso ocupam assentos no conselho do Sistema Municipal de Museus, o qual foi criado em 2006; participam das atividades da 7ª Região do Sistema Estadual de Museus, assim como da Rede de Museus da UFPel, criada em 2017 e do Fórum Popular Permanente de Cultura de Pelotas organização da sociedade civil com representantes de todas as áreas da cultura para defesa dos direitos da área, criado no ano de 2020, no início da pandemia. Em órgãos estaduais têm assento no Colegiado Setorial de

Museus, órgão consultivo criado pelo Secretária de Estado da Cultura para o desenvolvimento do Plano Setorial de Museus do RS, o qual é um instrumento indispensável para a construção de uma política pública para a área.

Estes são exemplos de que tanto os professores quanto alunos e ex-alunos vêm se envolvendo diretamente com políticas públicas, atuando decisivamente em sua concepção, discussão e implementação. Entende-se que a participação de museólogos e museólogas nestas instâncias e organizações influencia tanto a formação, quanto a atuação da gama de profissionais que trabalham em museus. A política pública permeia toda a ação e toda a perspectiva de futuro do campo dos museus, o que justifica a participação dos professores, alunos e egressos do curso nas organizações públicas.

2.4. OBJETIVOS DO CURSO

a) Gerais:

O Bacharelado em Museologia da UFPel tem como objetivo geral a formação de profissionais com competências e habilidades que lhes possibilite a inserção em uma realidade museológica plural, de maneira a melhorar a qualidade de vida do povo brasileiro, atentando para seu desenvolvimento do ponto de vista social e humanístico.

Com vistas a atender esses objetivos, o currículo do Curso de Bacharelado em Museologia foi concebido com o ideal de uma formação plural e completa, que não se restringe aos aspectos técnico-científicos da área. Ao contrário, tem um enfoque que abarca uma formação humanista, atenta aos movimentos sociais, à realidade museológica (nos contextos cultural, científico, patrimonial e memorial) e comprometido com seu papel de gestor de memórias e patrimônios da região e do país. Por essa via, tem forte inclinação para os preceitos da Sociomuseologia em termos de ensino, pesquisa e, especialmente, nos projetos de extensão.

b) Específicos:

Quanto aos objetivos mais específicos, o profissional egresso deve ser capaz de:

- a) agir dentro de um paradigma de meta-reflexão;
- b) pautar-se pelos princípios da ética, igualdade, respeito e democracia;
- c) ler a realidade na qual vai intervir e refletir sobre ela;
- d) propor soluções para os diversos problemas nessa realidade;
- e) unir teoria e prática nas ações que visem à melhoria de vida das comunidades;

- f) trabalhar colaborativamente na criação de ações transformadoras;
- g) articular saberes das mais diversas áreas de conhecimentos, reforçando a característica interdisciplinar da área;
- h) incentivar, enfaticamente, o desenvolvimento de atividades de extensão, amalgamados ao ensino e à pesquisa.

2.5. PERFIL DO EGRESSO

O Curso de Bacharelado em Museologia pretende formar Museólogos que sejam capazes de:

I. Quanto à competência profissional:

- a) Equilibrar os aspectos humanísticos, de informação e de comunicação;
- b) Integrar experiências de ensino, pesquisa e extensão aplicadas aos museus;
- c) Atuar na conservação preventiva, estudo e comunicação do patrimônio cultural e natural;
- d) Implementar estudos, pesquisas e ações voltadas à valorização dos museus;
- e) Estimular e promover a interdisciplinaridade da Museologia com os outros campos do conhecimento;
- f) Fomentar a qualificação, reciclagem e aperfeiçoamento da comunidade museológica, promovendo intercâmbios com entidades nacionais e internacionais na área de Museologia;
- g) Exercer plenamente a cidadania gerando possibilidades que promovam o desenvolvimento sustentável de comunidades;
- h) Estar apto, através da formação obtida, a compreender e traduzir na Museologia o patrimônio cultural nas suas variadas manifestações.

II. Quanto à capacidade de argumentação:

- a) Expressar-se, com clareza, verbalmente e por escrito, dominando os conceitos e conteúdos referentes à Museologia e aos museus;

b) Desenvolver argumentos lógicos e coerentes sobre as formas implicadas na conservação dos bens materiais e imateriais, sobre a educação para o património e sobre as questões que envolvam museus, memória, identidade e conhecimento.

III. Quanto ao campo de trabalho:

a) Atuar junto aos museus e às instituições de guarda de memória e identidades culturais, públicas ou privadas;

b) Criar novas oportunidades de trabalho no campo da Museologia, para si próprio e para demais profissionais;

c) Fomentar e assessorar iniciativas comunitárias de formação de espaços museais e ações de guarda de memória e património.

IV. Quanto ao aperfeiçoamento profissional:

a) Buscar formas de aperfeiçoamento profissional através de cursos de atualização e eventos na área;

b) Ser capaz de elaborar e desenvolver projetos de pesquisa na área de Museologia;

c) Dar continuidade a seus estudos e experiências em cursos de pós-graduação.

A formação do Museólogo deve considerar que a Museologia, domínio do conhecimento que tem por objeto de estudo o museu, se apresenta, desde um prisma histórico, baseada na Museografia, que é constituída como um conjunto de instruções práticas de como coletar, preservar, estudar e exhibir objetos. A Museologia, nos últimos decênios, teria ampliado o seu escopo no sentido de compreender o papel da instituição museal dentro de uma sociedade, num determinado tempo histórico. O museu atualmente é compreendido como um fenómeno que se manifesta de diferentes maneiras no tempo e no espaço e apresenta uma relação específica com o real no seu conjunto.

A Museologia está na intersecção de diferentes domínios das Ciências Humanas. No plano sociológico está o questionamento sobre o lugar dos museus dentro de uma determinada sociedade. No plano pedagógico está o papel didático-pedagógico dos museus. No domínio das Ciências da Comunicação está a relação objeto-público e no domínio histórico, a dimensão patrimonial do museu.

Por fim, na formação do Museólogo, especial atenção deve ser dada à preservação e salvaguarda do patrimônio cultural, compreendendo-o como um dos elementos que articulam identidades e o sentimento de pertencimento ao lugar. O Museólogo, como um profissional da área de memória, deve saber reconhecer tanto o patrimônio material, concreto, erigido, quanto aquele que está imerso nas práticas culturais, na imaterialidade: os saberes, os fazeres, os elementos ritualísticos, o patrimônio como vida. É preciso que este profissional, ao compreender e identificar esses vários sentidos que assumem patrimônio e sua matriz de significados, que é a memória, articule seus conhecimentos com os anseios e necessidades da comunidade; busque desenvolver, em conjunto com ela, iniciativas que possam reverter em reforço de identidade, bem como em ações que se traduzam por um desenvolvimento consciente, carregando recursos, qualificando as condições sociais e de inclusão.

2.6. COMPETÊNCIAS E HABILIDADES

Em termos gerais, o profissional a ser formado pelo Curso de Museologia deverá ser apto ao planejamento e organização de museus, no ensino, pesquisa e extensão, de casas de cultura, de centros culturais, de centros de memória, de arquivos históricos, de ateliers de conservação e restauração, apto para a curadoria de exposições públicas e privadas e hábil a prestar serviços aos deslocamentos de obras de arte e objetos históricos e científicos, tanto de entidades públicas como privada. Será capaz de cadastrar, organizar e promover tombamento de acervos artísticos e científicos, bem como de emitir parecer e laudos técnicos. Também estará habilitado a atuar junto às comunidades visando ativar a memória local através de acervos existentes, promovendo ações propositivas para sustentabilidade e inclusão social.

No que tange às suas habilidades específicas, deverá:

a) Exercer ação cultural: pelo papel de mediador entre o conhecimento científico, erudito, específico, o Museu é um espaço fundamental de educação não formal. Logo, a formação de um museólogo orienta-o a melhor identificar e direcionar essa função pedagógica do museu, possibilitando assim a abertura de novas fontes de conhecimento aos públicos.

b) Exercer ação social: o Museu, como espaço de memória e manifestações culturais, é um eixo importante sobre o qual se articula a identidade de um grupo, uma comunidade, uma sociedade. Cabe ao museólogo identificar essas relações, intensificar essa inserção da comunidade no museu e aprofundar esse processo de identidade.

c) Interferir no processo econômico: o Museu, como um dos elementos constitutivos do turismo cultural, pode ser uma fonte importante de recursos para uma comunidade, pois, de acordo com a forma como é trabalhado e concebido, pode ser tornar um atrativo e ampliar, dessa forma, as oportunidades de emprego, trabalho e renda da população e do local.

d) Agir sobre os processos políticos: a comunidade local poderá ser beneficiada pela aplicação de recursos financeiros nas instituições museais, e para tanto o museólogo é peça fundamental, uma vez que se ocupa, diretamente, dos projetos museológicos e gerencia os mesmos, buscando conhecer mecanismos e fontes de financiamento.

e) Desenvolver conhecimento científico: o museu é um lugar de ciência, considerando que “ciência é todo um conjunto de atitudes e atividades racionais, dirigidas ao sistêmico conhecimento com objeto limitado, capaz de ser submetido à verificação” (TRUJILLO; FERRARI, 197). Os Museus contemporâneos têm se transformado em lugares da reflexão científica e artística comprometidas com seu tempo, descortinando através da investigação e estudo, minudentes e sistêmicos de descobrimentos de dados históricos, fatos ou princípios relativos a variados campos de conhecimento. Dentro dessas perspectivas é que o museólogo deverá orientar-se na elaboração de desenvolvimento de projetos e atitudes.

3. ORGANIZAÇÃO CURRICULAR

3.1. ESTRUTURA CURRICULAR

A organização curricular do Curso de Bacharelado em Museologia é compreendida como a unidade de princípios, atividades, disciplinas e experiências que integram o processo da formação do futuro profissional, construída a partir de concepções e valores que refletem o momento histórico, o modelo cultural, social e a própria ideia de projeto. Em outras palavras, o currículo foi pensado como um todo necessário à formação do museólogo.

A estrutura curricular foi proposta em consonância com a posição dos profissionais da área da Museologia das demais IES do país e dos órgãos que fiscalizam a profissão, bem como seguindo o que promulga a Lei n.º 7287, de 18 de dezembro de 1984, que regulamenta a formação e profissão do Museólogo, e o Decreto n.º 91.775, de 15 de outubro de 1985, que autorizam a criação do Conselho Federal e dos Conselhos Regionais de Museologia. Igualmente, consideramos a singularidade humanista e social da área como referência para a estruturação do currículo.

Ancorados na ideia de que a visão humanista e social deve atravessar a formação do educando, pretendemos com o currículo ativar um posicionamento crítico, reflexivo, inclusivo e criativo do profissional sobre a realidade museológica. Realidade esta que é prenhe de múltiplas manifestações patrimoniais e memoriais, e cuja prática profissional deve ser pautada pela ética e pelo respeito à diversidade, em suas múltiplas expressões. Desta feita, a estruturação das disciplinas privilegia, de modo transversal, os conteúdos relacionados aos aspectos da formação do cidadão, ética, inclusão social, pluralidade étnico-racial, educação ambiental e sustentabilidade.

Visando atender as **Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Indígena (Lei n.º 11.645 de 10/03/2008 e Resolução CNE/CP n.º 01 de 17 de junho de 2004)**, o Projeto Pedagógico do Curso de Museologia desenvolve um trabalho transversal no tocante à história e à cultura que caracterizam a formação da população brasileira, considerando a diversidade étnica que lhe é peculiar.

Em termos de composição curricular do Curso, que respeita a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, pautamo-nos rigorosamente nos princípios fundamentais dos

museus, dispostos na Lei 11.904, de 2009, que institui o Estatuto de Museus, quais sejam: valorização da dignidade humana; promoção da cidadania; cumprimento da função social; valorização e preservação do patrimônio cultural e ambiental; a universalidade do acesso, o respeito e a valorização à diversidade cultural; e intercâmbio institucional.

Nesse aspecto, abarcamos as questões étnico-raciais e dos povos indígenas na formação discente. Especificamente às questões que abarcam a diversidade étnica, a temática é debatida nas disciplinas obrigatórias de Memória e Patrimônio, Introdução à Sociologia, Musealização do Patrimônio Arqueológico, assim como nas disciplinas optativas de Arqueologia e Acervos Museais, Etnomuseologia e Grandes Temas Sociológicos Brasileiros.

Em relação à disciplina de Memória e Patrimônio, a diversidade étnica é trabalhada sob o prisma de temas contemporâneos como a reivindicação memorial, o direito à memória, o dever de memória em Paul Ricoeur; os museus de memória como dispositivos para recuperação e valorização de memórias subterrâneas; o "esquecido social" e o papel de organizações sociais para a valorização da identidade afrodescendente no Brasil e mundial. Igualmente, são abordados os estudos de estratégias patrimoniais como a Rota dos Escravos, empreendimento da UNESCO e países envolvidos com o tráfico negreiro.

Em Introdução à Sociologia o tema perpassa, de maneira transversal, toda a estrutura da disciplina, permeando discussões de caráter teórico-epistemológico sobre a constituição da Sociologia como ciência, mas também dando conta de uma perspectiva de cunho mais interdisciplinar ao evidenciar a influência indelével das questões étnico-raciais na formação da própria “brasilidade” e suas formas de permanência na dinâmica social contemporânea. Em uma abordagem de caráter prático, se debate, ainda, sobre tais temas em museus, seja de forma direta ou como pano de fundo estruturante dos discursos museológicos produzidos e difundidos.

Na disciplina de Musealização do Patrimônio Arqueológico a questão da diversidade étnica é abarcada no decorrer de toda a disciplina, mais especificamente no tópico referente aos museus de arqueologia contemporâneos. Nesta unidade, a diversidade étnica, o passado afro-brasileira e indígena é sintetizado no arcabouço teórico-metodológico da arqueologia pública, pautado nas dinâmicas de curadoria compartilhada, engajamento social, repatriação e comunicação multivocal dos acervos arqueológicos confiados aos museus.

A disciplina optativa de Arqueologia e Acervos Museais aborda diretamente a presença indígena em território brasileiro e sua diversidade cultural, desde os tempos mais

remotos. As primeiras unidades do Curso é um histórico dos museus arqueológicos e, neste, as culturas indígenas atuais e pregressas têm papel central.

Por fim, a disciplina de Etnomuseologia aborda, fundamentalmente, os processos de musealização pautados por referências culturais não-europeias. A bibliografia recorre a museus afro-brasileiros e museus indígenas, na medida em que os contornos da própria etnomuseologia estão calcados precisamente em iniciativas indígenas e africanas, ou da diáspora africana.

É importante mencionar também que o Laboratório Multidisciplinar de Investigação Arqueológica (LÂMINA) prevê em seu regimento a interdisciplinaridade entre a Arqueologia, a Museologia e a Conservação-restauração. Desde sua fundação em 2011 até maio de 2015, o LÂMINA abrigou o importante projeto de pesquisas "O Pampa Negro", coordenado pelo Prof. Dr. Lúcio M. Ferreira do Departamento de Antropologia e Arqueologia da UFPel. O projeto envolveu a redescoberta e extroversão de testemunhos materiais do passado escravista local com destacada importância identitária para afrodescendentes e comunidades remanescentes de quilombos. O LÂMINA também promove parcerias com instituições de guarda de acervos arqueológicos, promove cursos de capacitação e atividades de extensão universitária.

Cabe falar ainda do Museu Arqueológico e Antropológico da Universidade Federal de Pelotas (MUARAN), que tem a missão institucional de "incentivar o interesse público, a preservação, sistematização e divulgação dos patrimônios arqueológico e etnológico, suas interpretações e usos culturais, de modo democrático e colaborativo; além de apoiar pesquisas arqueológicas, antropológicas e multidisciplinares que considerem manifestações culturais atuais e pregressas, sítios, registros e acervos móveis que testemunhem a presença indígena e a escravidão, seus desdobramentos sócio-políticos e transculturais na região de Pelotas, bem como em âmbito global". Nos últimos anos, o MUARAN tem promovido exposições itinerantes, oficinas em escolas públicas, palestras e grupos de discussão abertos a todos os interessados sobre temas relacionados às presenças africana e indígena na região de Pelotas. As atividades do MUARAN se dão na interface entre ensino, pesquisa e extensão, o que já resultou em trabalhos de conclusão de curso, comunicações em eventos e publicações científicas de diferentes áreas de conhecimento.

No que se refere às **Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos, conforme disposto no Parecer CNE/CP Nº 8, de 06/03/2012, que originou a Resolução CNE/CP Nº 1, de 30/05/2012**, como já referido, o Curso de Bacharelado em Museologia tem como princípio basilar a formação de museólogos conscientes de sua função social, do direito

à diversidade, da dignidade humana, da igualdade de direitos e de reconhecimento e valorização das diferenças e das diversidades. Em um plano mais específico, as questões pertinentes aos direitos humanos estão plasmadas nas disciplinas de Memória e Patrimônio, de Introdução à Sociologia, e de Etnomuseologia. Em relação à primeira, são abordados os temas de memória e justiça, Tribunal Penal Internacional e a questão da imprescritibilidade de crimes contra a humanidade; justiça de transição e comitês da verdade nos países que sediaram ditaduras. Quanto à segunda disciplina, se trata dos próprios conceitos de justiça e direitos humanos, desde as diferentes possibilidades de leitura sociológica; além da análise de como tais conceitos se concretizam na realidade da atuação museológica.

Na disciplina optativa de Etnomuseologia, a função social dos museus e o direito à memória são colocados em análise, frontalmente. Cabe à disciplina estimular que os discentes reflitam, desde um prisma decolonial, sobre os distintos modos de ver, expor e salvaguardar objetos. Instiga-se, assim, que os formandos observem criticamente a dimensão aplicada da museologia, considerando-se que a noção de objeto/cultura material não é universal, assim como não são universais os ritos e protocolos para sua gestão. A superação da violência epistêmica operada em museus ocidentais se apresenta como necessidade, pois as distintas formas e funções que os objetos podem desempenhar respeitam as ancestralidades e cosmovisões dos povos que os detém. Assim, o tema de direitos humanos perpassa todo o conteúdo da disciplina, por abordar alteridades historicamente excluídas dos projetos hegemônicos de nação, apontando para as responsabilidades éticas do exercício da profissão, objetivando a garantia de direitos coletivos, e minimizando a estigmatização de minorias. Reflexões de intelectuais indígenas acerca dos museus, a colaboração de uma Mestra Griô e contatos diretos e indiretos com museus etnográficos permitem vivenciar alteridades e conflitos inerentes a qualquer processo de musealização, o que possibilita a compreensão da Museologia como uma dimensão da existência humana, tão variada quanto a própria diversidade cultural.

As questões atinentes às condições de acessibilidade para pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida, foram pensadas conforme o disposto na CF/88, Art. 205, 206 e 208, na NBR 9050/2004, da ABNT, na Lei N° 10.098/2000, nos Decretos N° 5.296/2004, N° 6.949/2009, N° 7.611/2011 e na Portaria N° 3.284/2003.

Em termos de composição disciplinar, em um plano mais específico, tratamos do tema nas disciplinas de Expografia e Comunicação em Museus. A acessibilidade atitudinal, tecnologias assistivas, acessibilidade física e sensorial são trabalhadas como conteúdos diretos

e aplicados ao ambiente do museu, o acolhimento dos públicos e à comunicação. Discutem-se e aplicam-se os recursos para a acolhimento e integração de pessoas com deficiência. Além disso, na matriz de componentes curriculares optativos o Curso oferece a disciplina de Língua Brasileira de Sinais I (LIBRAS I).

O programa de extensão O Museu do Conhecimento para Todos desenvolve recursos humanos, produtos e processos para museus universitários, objetivado a inclusão cultural de pessoas com deficiência. Propõe o estudo do PNDH3, bem como as leis que fundamentam os direitos das pessoas com deficiência (Lei 8112/90, 8123/91, e sua relação com a Lei 11904/2009 [Estatuto dos Museus] e Decreto 8124/2013 [regulamentação do Estatuto]). Este projeto desenvolve suas atividades, com alunos de vários Cursos e, sobretudo, do Curso de Museologia em dois espaços da UFPel: o Memorial do Anglo e o Museu do Doce. A exposição deste Memorial foi projetada e montada em parceria com a Escola Louis Braille de Pelotas a partir de um projeto de extensão, apoiado financeiramente no Edital ProExt MEC/SESu 2011. O Memorial do Anglo é constituído de um site e de um espaço físico, no local onde durante o funcionamento do Frigorífico se localizavam algumas das câmaras frias. A visita mediada é acessível e recebe cegos e videntes, pessoas com dificuldade de locomoção e com necessidades especiais. Conta com um catálogo em Braille, legendas, móveis expositivos acessíveis, maquetes e esquemas táteis. Os alunos do Curso de Museologia participam das ações deste Memorial e das outras desenvolvidas no Museu, que também incluem esquemas e maquetes, audiodescrição e mediação acessível.

A formação do aluno para acessibilidade é interinstitucional, interdisciplinar e teórico/prática. No Museu do Doce já se realizou uma visita tátil à casa, tombada pelo IPHAN e totalmente restaurada, uma exposição para surdos (feita pela Escola Alfredo Dubb) e oficinas com cegos. Estes conteúdos são desenvolvidos em uma perspectiva de indissociabilidade entre ensino (curricular e extracurricular), pesquisa (investigação sobre recursos assistivos) e extensão (trabalho direto com a comunidade na elaboração, desenvolvimento e avaliação das ações). O projeto também desenvolve oficinas com conteúdos de acessibilidade, qualificando o trabalho da equipe.

Cumprе mencionar que, do ponto de vista institucional, no que se refere ao Decreto nº 5296 de 2004, que dispõe sobre as condições de acesso para pessoas com deficiência e/ou mobilidade reduzida, há na UFPel, o Núcleo de Acessibilidade e Inclusão-NAI, cuja missão é

a promoção da acessibilidade e inclusão de alunos, técnicos e docentes da UFPel com deficiências e necessidades educativas especiais.

As questões relacionadas à educação ambiental são trabalhadas de forma a contribuir com a busca por ações que modifiquem o contexto atual dos problemas ambientais, visando atender as diretrizes curriculares nacionais decorrentes das políticas de educação ambiental (Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999 e Decreto Nº 4.281 de 25 de junho de 2002).

Sobre esse aspecto é possível afirmar que o Curso percebe a educação ambiental de forma transversal em termos de ensino, pesquisa e extensão. No que se refere ao ensino, o PPC do Curso contempla a disciplinas de Botânica (obrigatória), que trabalha com as questões ambientais de forma mais estrita. Em relação à educação ambiental aborda o tema por intermédio da relação entre os Jardins Botânicos ao redor do mundo em ação conjunta com os Museus. Também é visto a importância de se considerar os jardins localizados (muitas vezes) na mesma paisagem cultural dos museus, como espaços para o desenvolvimento de atividades de educação ambiental. Atualmente, deve-se mencionar que a questão ambiental é, nomeadamente, trabalhada no Museu de Ciências Naturais Carlos Ritter, cujo espaço é utilizado como laboratório por discentes do Curso para o desenvolvimento de estágio obrigatório, assim como em projetos de extensão e ensino.

Do mesmo modo, na disciplina Memória e Patrimônio (obrigatória) são abordados temas atinentes ao patrimônio e a paisagem cultural; educação patrimonial e valorização de elementos tradicionais; impactos ambientais e degradação de elementos identitários no Brasil.

Importante mencionar que a exposição curricular de 2015, referente à antiga disciplina de Prática em Museus III, desenvolvida pelos estudantes do Curso, teve como tema “Plantas e Saberes Populares: conhecimento, magia e cura”. A referida exposição teve como objetivo divulgar o uso medicinal das plantas, abordar a biopirataria e as práticas culturais inerentes ao consumo dessas plantas, de modo a estimar a reflexão sobre o Patrimônio Natural e Imaterial. Atualmente está em desenvolvimento a exposição curricular “Botânica: viver e sentir”, trabalhada nas disciplinas de Expografia II e III, com ideia originada a partir de demandas levantadas durante a disciplina de Botânica, com objetivo de problematizar a difusão pública relacionada ao campo da botânica, permeada por uma reflexão acerca dos diferentes saberes e conhecimentos envolvidos.

Por fim, em termos de projetos de extensão, o Curso de Museologia desenvolve projetos na zona rural de Pelotas, no qual a questão ambiental atravessa todas as reflexões, especialmente no que tange à paisagem cultural e o uso dos recursos naturais.

No que se refere à estrutura curricular, o currículo do Curso de Bacharelado em Museologia alinha-se com a Resolução do COCEPE Nº 29, de 13 de setembro de 2018, segundo a qual as atividades curriculares compreendem três dimensões formativas: **formação específica, formação complementar e formação em extensão.**

A dimensão da **Formação Específica** compreende os componentes curriculares de caráter obrigatório e optativo, que são singulares e específicos para a formação do museólogo, em sinergia com o que reza o marco regulatório do campo museal. A estrutura curricular referente à *formação específica obrigatória* contempla o total de 128 créditos (1920 horas-relógio) em disciplinas obrigatórias. No tocante à *formação específica optativa*, esta de caráter mais flexível para a formação das competências individuais, o discente deverá cursar o mínimo de **12 créditos (180 horas-relógio)** para integralizar o Curso. Os componentes curriculares optativos podem ser cursados no próprio Curso de Museologia, sempre que ofertadas as disciplinas; em disciplinas ofertadas por outros cursos de graduação da UFPel, que serão aproveitadas no Curso como optativas; e em disciplinas cursadas pelos alunos em mobilidade nacional ou internacional.

Compõe também a formação específica o *Estágio Curricular Obrigatório*, que contempla 10 créditos (150 horas-relógio) para o desenvolvimento do Estágio Curricular Obrigatório, distribuídos em carga horária prática (7 créditos) e de extensão (3 créditos). Compõe ainda a matriz curricular o desenvolvimento do *Trabalho de Conclusão de Curso*, para o qual dispõe-se de 6 créditos (90 horas-relógio), cumpridos no escopo das disciplinas de Trabalho de Conclusão de Curso I e Trabalho de Conclusão de Curso II.

A dimensão da **Formação Complementar** compreende 12 créditos (180 horas-relógio), distribuídos de forma equânime entre as atividades de ensino (60 horas), pesquisa (60 horas) e extensão (60 horas). A creditação das horas será realizada mediante comprovação do discente, por intermédio de certificação referente à cada grupo de atividades (pesquisa, ensino e extensão).

A dimensão da **Formação em Extensão** do Curso de Museologia da UFPel atende à Meta 12.7 do novo Plano Nacional de Educação (2014-2024), aprovado pela Lei Federal nº 13.005, de 25 de junho de 2014, a qual designa o mínimo de 10% (dez por cento) do total de

créditos curriculares exigidos para a graduação sejam cumpridos em programas e projetos de extensão universitária. Coaduna, igualmente, com as regras estabelecidas na Resolução COCEPE 42/2018. O Curso de Museologia curriculariza a extensão em três vias complementares, quais sejam: 12 créditos (180 horas-relógio) em disciplinas obrigatórias com atividades práticas, caracterizados como extensão (EXT); 3 créditos (45 horas-relógio) no componente de Estágio Curricular Obrigatório, caracterizados como Atividades Curriculares de Extensão (ACE); e 4 créditos (60 horas) no âmbito da Formação Complementar, caracterizados como Atividades Curriculares de Extensão (ACE). Nesta configuração, soma-se o total de *19 créditos (285 horas-relógio)* de extensão curricularizada.

Tais dimensões que compõem a estrutura curricular do Curso estão organizadas levando em conta, ainda, a Resolução CNE/CES nº 21, de 13 de março de 2002 (Diretrizes Curriculares para os cursos de Museologia). Desse modo, os tópicos de estudo de formação se concentram de maneira geral em áreas do conhecimento tais como Ciências Humanas, Ciências Sociais, Artes, Letras, entre outras. Neste eixo que se fundamenta o caráter interdisciplinar da formação em Museologia. De forma específica, a estrutura curricular se distribui de maneira a dar conta dos seguintes conteúdos: teoria museológica, história dos museus e da Museologia, salvaguarda, comunicação, avaliação e gestão museológica.

3.2. TABELA SÍNTESE – ESTRUTURA CURRICULAR

TABELA 1: TABELA SÍNTESE PARA A INTEGRALIZAÇÃO CURRICULAR

FORMAÇÃO	Créditos	Horas	Horas -aula
A) Formação específica (estudos de formação geral e de aprofundamento e diversificação das áreas específicas e interdisciplinares)			
Disciplinas obrigatórias	128	1.920	2.304
Disciplinas optativas	12	180	216
Estágio curricular obrigatório	10	150	180
TCC	6	90	108
Soma	156	2.340	2.808
B) Formação complementar (ou estudos integradores, para cursos de licenciatura)			
Atividades complementares de ensino, pesquisa e extensão	12	180	216
C) Formação em Extensão (exceto as já computadas nas formações anteriores realizadas por todos os alunos)			
Atividades Curriculares em Extensão (ACE)			
TOTAL	168	2.520	3.024

3.3. MATRIZ CURRICULAR

QUADRO 3: MATRIZ CURRICULAR

ESTRUTURA ORGANIZACIONAL DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM MUSEOLOGIA
Carga horária total do Curso: 2.520
Carga horária de Formação específica: 2.340
Carga horária de Formação complementar: 180
Carga horária de Extensão (exceto as já computadas nas formações anteriores realizadas por todos os alunos):

1º SEMESTRE

Código	Deptº ou Unidade	Componente curricular	Cr	T	E	P	EAD	EXT	CH (h)	Pré-Requisito
10790014	DMCOR	Introdução à Museologia	4	4					60	
10790164	DMCOR	Introdução à Sociologia	4	4					60	
10790084	DMCOR	História dos Museus no Ocidente	4	4					60	
05001211	CA	História Geral da Arte	2	2					30	
10790165	DMCOR	Metodologia	4	4					60	
Total			18						270	

2º SEMESTRE

Código	Deptº ou Unidade	Componente curricular	Cr	T	E	P	EAD	EXT	CH (h)	Pré-Requisito
05001212	CA	Percepção Visual	4	2		2			60	
06730140	DFIL	Introdução à Filosofia	3	3					45	
10790166	DMCOR	Documentação Museológica	4	4					60	10790014
10790086	DMCOR	Teoria Museológica	4	4					60	10790014
10910161	DAA	Introdução à Antropologia	4	4					60	
Total			19						285	

3º SEMESTRE

Código	Deptº ou Unidade	Componente curricular	Cr	T	E	P	EAD	EXT	CH (h)	Pré-Requisito
09010053	DB	Botânica	3	3					45	
10790167	DMCOR	Documentação Museológica II	4			2		2	60	10790166
10790088	DMCOR	Museus e Novas Tecnologias	4	4					60	
10790096	DMCOR	Conservação e Preservação I	4	4					60	
08980052	DTUR	Museu, Lazer e Turismo	4	3				1	60	
Total			19						285	

4º SEMESTRE

Código	Deptº ou Unidade	Componente curricular	Cr	T	E	P	EAD	EXT	CH (h)	Pré-Requisito
05000735	CA	Arte e Cultura Brasileira e Latino-Americana	4	4					60	
09050055	DEZG	Zoologia	4	4					60	
10790168	DMCOR	Conservação e Preservação II	4	2		1		1	60	10790096
10790169	DMCOR	Comunicação em Museus	4	4					60	
10900040	DH	História Geral do Brasil	4	4					60	
14120002	DAURB	Arquitetura de Museus	2	2					30	
10790170	DMCOR	Arquitetura dos Espaços Expositivos	2	1		1			30	
Total			24						360	

5º SEMESTRE

Código	Deptº ou Unidade	Componente curricular	Cr	T	E	P	EAD	EXT	CH (h)	Pré-Requisito
05000048	CA	Iconografia	4	4					60	
10790171	DMCOR	Ciência, Divulgação Científica e Museus	4	4					60	
10790018	DMCOR	Expografia I	4	4					60	
10900041	DH	História Platina	4	4					60	
10790172	DMCOR	Ação Cultural e Educação em Museus I	4	2		2			60	
Total			20						300	

6º SEMESTRE

Código	Deptº ou Unidade	Componente curricular	Cr	T	E	P	EAD	EXT	CH (h)	Pré-Requisito
10790173	DMCOR	Memória e Patrimônio	4	4					60	
10790174	DMCOR	Expografia II	4	2				2	60	10790018
10790036	DMCOR	Gestão de Museus	4	4					60	10790166
10790089	DMCOR	Musealização do Patrimônio Arqueológico	4	4					60	
10790175	DMCOR	Ação Cultural e Educação em Museus II	4					4	60	10790172
Total			20						300	

7º SEMESTRE

Código	Deptº ou Unidade	Componente curricular	Cr	T	E	P	EAD	EXT	CH (h)	Pré-Requisito
10790176	DMCOR	Arte e Cultura Popular Brasileira	4	4					60	
10790177	DMCOR	Expografia III	4			2		2	60	10790174
10790194	DMCOR	Trabalho de Conclusão de Curso I	4			4			60	10790174 10790165
Total			12						180	

8º SEMESTRE

Código	Deptº ou Unidade	Componente curricular	Cr	T	E	P	EAD	EXT	CH (h)	Pré-Requisito
10790179	DMCOR	Estágio	10			7		3	150	10790174
10790195	DMCOR	Trabalho de Conclusão de Curso II	2			2			30	10790194
Total			12						180	
Extensão (ações não vinculadas a disciplinas já identificadas na matriz como EXT, constando carga horária a ser computada para integralização curricular)									60h - 4 cr em atividades complementares.	
Atividades Complementares Realizada durante todo o curso e integralizada no último semestre									180h- 12cr	

3.4. FLUXOGRAMA DO CURSO

FLUXOGRAMA DO CURSO DE MUSEOLOGIA																							
1º SEMESTRE 270 h / 18 cr			2º SEMESTRE 285 h / 19 cr			3º SEMESTRE 285 h / 19 cr			4º SEMESTRE 360 h / 24 cr			5º SEMESTRE 300 h / 20 cr			6º SEMESTRE 300 h / 20 cr			7º SEMESTRE 180h / 12 cr			8º SEMESTRE 180 h / 12 cr		
11	10790014	4	21	05001212	4	31	09010053	3	41	05000735	4	51	05000048	4	61	10790173	4	71	10790176	4	81	10790179	10
Introdução à Museologia			Percepção Visual			Botânica			Arte e Cultura Brasileira e Latino-Americana			Iconografia			Memória e Patrimônio			Arte e Cultura Popular Brasileira			Estágio		
																					62		
12	10790164	4	22	06730140	3	32	10790167	4	42	09050055	4	52	10790171	4	62	10790174	4	72	10790177	4	82	10790195	2
Introdução à Sociologia			Introdução à Filosofia			Documentação Museológica II			Zoologia			Ciência, Divulgação Científica e Museus			Expografia II			Expografia III			Trabalho de Conclusão de Curso II		
						23									53			62			73		
13	10790084	4	23	10790166	4	33	10790088	4	43	10790168	4	53	10790018	4	63	10790036	4	73	10790194	4			
História dos Museus no Ocidente			Documentação Museológica I			Museus e Novas Tecnologias			Conservação e Preservação II			Expografia I			Gestão de Museus			Trabalho de Conclusão de Curso I					
			11						34						23			15 e 62					
14	05001211	2	24	10790086	4	34	10790096	4	44	10790169	4	54	10900041	4	64	10790089	4	74		4			
História Geral da Arte			Teoria Museológica			Conservação e Preservação I			Comunicação em Museus			História Platina			Musealização do Patrimônio Arqueológico			Optativa III					
			11																				
15	10790165	4	25	10910161	4	35	08980052	4	45	10900040	4	55	10790172	4	65	10790175	4						
Metodologia			Introdução à Antropologia			Museu, Lazer e Turismo			História Geral do Brasil			Ação Cultural e Educação em Museus I			Ação Cultural e Educação em Museus II								
															55								
			26		4	36		4	46	14120002	2										LEGENDA		
			Optativa I			Optativa II			Arquitetura de Museus												A	B	C
																					Disciplina		
																					Pré-requisito		
									47	10790170	2										A- Posição na tabela		
									Arquitetura dos Espaços Expositivos												B- Código		
																					C- Créditos		
OPTATIVAS (Optativa I, Optativa II, Optativa III) – 180 horas - 12 créditos																							
FORMAÇÃO ESPECÍFICA – 2.340 horas – 156 créditos									ESTÁGIO –150 horas – 10 créditos						TCC – 90 horas – 6 créditos								
ATIVIDADES COMPLEMENTARES – 180 horas – 12 créditos																							
FORMAÇÃO EM EXTENSÃO – 285 horas – 19 créditos (total)																							

3.5. COMPONENTES CURRICULARES OPTATIVOS

Para integralizar a carga horária do Curso, para fins de obtenção de diploma, o discente deverá cursar o total de **12 créditos (180 horas-relógio)** em disciplinas optativas. Os componentes curriculares optativos podem ser cursados no próprio Curso de Museologia, sempre que ofertados pelo Colegiado, tendo como referência o rol de disciplinas optativas (verificar quadro 4). Salienta-se que as disciplinas optativas serão ofertadas de acordo com a disponibilidade dos professores ministrantes. Os discentes têm liberdade para elencar as disciplinas de acordo com os seus interesses individuais, proporcionando flexibilidade e autonomia em sua formação acadêmica.

Em razão da natureza interdisciplinar do Curso, e primando pela formação complementar em diferentes áreas do conhecimento, é possível que os discentes adicionem à sua formação, ainda, disciplinas cursadas em outros cursos da UFPel, cuja creditação e carga horária terão aproveitamento no histórico escolar do Curso de Museologia, como disciplina optativa. Soma-se a isto a possibilidade de os discentes terem aproveitamento de disciplinas cursadas em mobilidade nacional e internacional, cujo aproveitamento seguirá o disposto no Regulamento do Ensino de Graduação da UFPel.

A flexibilização formativa proporciona ao discente autonomia, de acordo com suas aspirações profissionais. Com as disciplinas optativas, o aluno irá construir novos eixos de formação, que atendam às suas necessidades de conhecimento específico. Almeja-se que os discentes realizem esse núcleo de formação de maneira com que as suas escolhas estejam relacionadas aos seus anseios, no sentido de proporcionar um domínio de conhecimento efetivamente interdisciplinar. Para isso, o colegiado do Curso estará disponível para orientar e embasar as suas escolhas, sempre que respeitados os pré-requisitos e desde que haja disponibilidade de oferta no local de origem do componente curricular.

QUADRO 4: QUADRO DE COMPONENTES CURRICULARES OPTATIVOS

Código	Deptº ou Unidade	Componente	Cr	T	E	P	EAD	EXT	CH (horas)	Pré-Requisito
10790180	DMCOR	Seminário Temático I	4	4					60	-
10790011	DMCOR	Tipologia de Museus	4	4					60	-
10790181	DMCOR	Acervos de Registros Sonoros	4	4					60	-
10790187	DMCOR	Arqueologia e Acervos Museais	4			4			60	-
10790080	DMCOR	Cultura Escrita e Documento	4	2		2			60	
10790093	DMCOR	Etnomuseologia	4	4					60	
10790094	DMCOR	Seminário Temático II	4	4					60	
10910015	DAA	Antropologia, Iconografia e Museologia	4	4					60	
20000084	CLC	Língua Brasileira de Sinais I (LIBRAS I)	4	4					60	
10790188	DMCOR	Grandes Temas Sociológicos Brasileiros	4	4					60	-
10790189	DMCOR	Práticas de Comunicação em Museus	4			4			60	10790169

3.6. ESTÁGIOS

O estágio curricular do Curso de Bacharelado em Museologia tem sua fundamentação na concepção pedagógica do Curso, embasado nas normas estabelecidas pela Universidade Federal de Pelotas, e regulamentado pela Lei nº 11788 de 25 de setembro de 2008. Segundo a mencionada Lei, o estágio curricular se classifica em obrigatório e não-obrigatório, sendo conceituado como:

(...) ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de educandos que estejam frequentando o ensino regular em instituições de educação superior, de educação profissional, de ensino médio, da educação especial e dos anos finais do ensino fundamental, na modalidade profissional da educação de jovens e adultos.

A realização de estágios obrigatórios e não-obrigatórios também está baseada nas Resoluções nº 03 e nº 04 de 08 de junho de 2009 do COCEPE/UFPeL. A resolução nº 04 de 08 de junho de 2009 é amparada pela Lei 11.788, e pela Orientação Normativa nº 7, de 30 de outubro de 2008, do Ministério de Planejamento, Orçamento e Gestão.

Respalda, ainda, a prática dos estágios na UFPeL a Resolução Nº 29, de 13 de setembro de 2018, que dispõe sobre o Regulamento do Ensino de Graduação. Amparado na lei 11.788/2008, conceitua estágio obrigatório como “aquele definido como tal no projeto do Curso, cuja carga horária é requisito para aprovação e obtenção de diploma”; e o estágio não-obrigatório como aquele que é “desenvolvido como atividade opcional, acrescida à carga horária regular e obrigatória”.

Segundo o Regulamento de Graduação, “o estágio na UFPeL caracteriza-se como ato educativo supervisionado, que visa ao aprendizado de conhecimentos teórico-práticos próprios da atividade profissional e à contextualização curricular, objetivando o desenvolvimento do estudante para a vida cidadã e para o mundo do trabalho”. Em seu Artigo 131, o Regulamento expressa que

O estágio, em suas duas modalidades, não cria vínculo empregatício de qualquer natureza, desde que observados os seguintes requisitos: I - matrícula e frequência regular do educando em curso de educação superior, atestados pela instituição de ensino; II - celebração de termo de compromisso entre o discente, a parte concedente do estágio e a UFPeL; III - compatibilidade entre as atividades desenvolvidas no estágio e aquelas previstas no termo de compromisso.

O Artigo 132 do Regulamento de Graduação da UFPeL menciona o Termo de Compromisso como “instrumento jurídico imprescindível, que torna oficial o acordo celebrado entre o estagiário, a parte concedente e a instituição de ensino, no qual são definidas as condições de realização do estágio”.

Estágio obrigatório

O estágio curricular obrigatório é definido, segundo a Lei nº 11.788, de 25 de Setembro de 2008, como aquele “cuja carga horária é requisito para aprovação e obtenção

de diploma”. No contexto estrutural da grade curricular do Curso de Museologia, o estágio curricular se encontra no último semestre (8º), se configurando como última etapa de um ciclo de disciplinas práticas. Assim, o estudante do Curso de Bacharelado em Museologia deverá cursar a disciplina Expografia II, que é pré-requisito para a realização do estágio Curricular. Ao concluir o componente curricular o aluno somará 10 créditos em um total de 150h semestrais.

O estágio deverá caracterizar-se pelo aprofundamento das teorias debatidas ao longo da formação discente a partir de suas aplicações, segundo critérios de pertinência e adequação, tendo em vista tópicos específicos da atividade museológica. Devem acontecer em museus, ou instituições congêneres – definidos conforme a Lei 11904/2009 – onde os estagiários tenham oportunidade de exercitar todas as diferentes capacidades e habilidades que a formação requer. Os locais escolhidos devem possuir todas as atividades pertinentes à formação do museólogo, a saber: conservação preventiva, gestão de acervos, educação em museus, documentação, expografia, comunicação e pesquisa.

As instituições concedentes dos estágios devem estar situadas no perímetro das cidades de Pelotas e Capão do Leão, para que o estágio possa ter o acompanhamento presencial do Professor Orientador. Outros casos deverão ser analisados pelo Colegiado do Curso.

Tendo como parâmetro a Lei Federal nº 13.005/2014, e a Resolução do COCEPE 06/2020 que regulariza na UFPel a integralização da extensão, 3 créditos (45 horas-relógio) do estágio serão destinados a atividades de extensão, as quais deverão estar descritas no plano de atividades do estágio. Serão consideradas como atividades curriculáveis de extensão as de comunicação museológica, onde o estagiário estará em contato direto com a comunidade, devendo ser planejadas com a instituição concedente, sob orientação do professor responsável pelo componente curricular. Todas as atividades definidas como carga de extensão devem fazer parte de projeto de extensão vinculado ao componente curricular Estágio Obrigatório.

Quanto ao Professor Orientador:

O Componente curricular em questão terá no mínimo um professor que será responsável por:

- encaminhar pedido ao setor responsável da UFPel, para que sejam firmados convênios com museus, centros culturais e correlatos, além de instituições

culturais de caráter público ou privado, desde que cumpram as especificações anteriormente mencionadas;

- avaliar a adequação das condições oferecidas pela instituição concedente do estágio, no que se refere à contextualização teórico-curricular do Curso, bem como ao processo formativo do aluno;
- elaborar plano de atividades a serem cumpridas pelo aluno no decorrer do período de estágio;
- orientar a produção do aluno no ambiente do estágio;
- agir/atuar como facilitador/mediar relações com as instituições concedentes de estágio sempre que for necessário;
- zelar pelo cumprimento do termo de compromisso, reorientando o estagiário para outro local em caso de descumprimento de suas normas;
- coordenar projeto de extensão vinculado ao componente curricular.

O Professor Orientador deverá fazer parte do quadro de professores lotados no Curso de Bacharelado em Museologia e estar vinculado ao DMCOR. O estágio poderá ocorrer no período de férias, desde que tenha professor habilitado para fazer a orientação. Cada professor orientador só poderá ser responsável por turma de no máximo 10 alunos, sendo sua carga horária de ensino referente às atividades desenvolvidas em sala de aula, e à orientação nas instituições concedentes.

No que se refere à avaliação do Componente Curricular:

- Acompanhar a confecção de relatórios – entregues em encontros periódicos em sala de aula – assinados pelo responsável por parte da instituição concedente em supervisionar o estagiário. Tais relatórios somados ao Formulário de Avaliação Final do Supervisor serão instrumentos de aferição e contribuirão, dentre outros, para a constituição da média final dos alunos. Será considerado aprovado o aluno que alcançar nota final maior ou igual a sete. Considerando a especificidade das atividades desenvolvidas no processo de realização do estágio não se prevê possibilidade de o aluno realizar exame se não alcançar a nota estabelecida no Projeto Pedagógico do Curso.

Estágio não-obrigatório

No que concerne aos estágios não-obrigatórios, seu cumprimento deverá seguir – assim como descrito acima referente aos estágios curriculares obrigatórios – as diretrizes estabelecidas na Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008, as Resoluções do COCEPE 03/2009 e 04/2009, o Regulamento do Ensino de Graduação da UFPel, bem como os parâmetros normativos referentes às responsabilidades do professor encarregado. Ressalta-se que tais estágios são de caráter facultativo e aleatório, e dependem da avaliação prévia do colegiado do Curso de Bacharelado em Museologia.

Quanto ao seu aproveitamento em termos de carga horária, o estágio não-obrigatório não poderá ser computado como qualquer tipo de componente curricular obrigatório. Caso o estudante realize esta modalidade de estágio, sua carga horária será registrada como atividade excedente. O estágio não obrigatório não pode ser utilizado como substituto de nenhum outro componente curricular.

3.7. TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC)

O Trabalho de Conclusão de Curso – TCC consiste em atividade curricular acadêmica obrigatória. Deve ser uma produção científica individual do aluno, entregue preferencialmente na forma de monografia. Outras possibilidades serão avaliadas pelo Colegiado do Curso são: artigo, projeto, roteiros, relatórios técnicos científicos, protótipos, entre outros. Deverá abordar temas referentes às áreas da Museologia, com objetivo de permitir a sistematização do conhecimento de natureza científica, artística, tecnológica, educacional e/ou social, sendo elaborado segundo as normas vigentes da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) e com o Manual de Normas Técnicas da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Esse trabalho final deve refletir a consolidação dos conhecimentos adquiridos durante o Curso, de modo a traduzir a capacidade investigativa, de interpretação e de produção científica do aluno.

O texto final do TCC é de inteira responsabilidade do próprio aluno, sendo expressamente vedada sua obtenção por outros meios que não oriundos de sua autoria. A aprovação do TCC por uma banca de avaliação, que será realizada em sessão pública pelo discente, diante de banca avaliadora, e a integralização dos créditos do Curso de

Bacharelado em Museologia são exigências para que o aluno obtenha o diploma de Bacharel no Curso.

A elaboração do TCC é feita a partir das atividades realizadas no componente curricular Trabalho de Conclusão de Curso II, sob a supervisão do professor responsável pelo componente curricular, na figura do orientador. As etapas para a elaboração do TCC são estabelecidas em um Cronograma de Atividade elaborado pelo aluno(a) em conjunto com os professores orientadores, que deverão ter sido indicados no componente curricular Trabalho de Conclusão de Curso I e homologadas em reunião de Colegiado.

No Cronograma de Atividades do TCC devem ser indicados todos os prazos a serem cumpridos, incluindo as etapas para o desenvolvimento e entrega da pesquisa, a definição da composição da banca, datas de entrega do trabalho final para análise do orientador, das cópias para a banca, do trabalho final revisado, ou quaisquer outros prazos que se fizerem necessários para o adequado cumprimento do processo de elaboração do TCC.

No componente curricular Trabalho de Conclusão de Curso I – ofertada no sétimo semestre do Curso – será confeccionado o projeto de pesquisa, que antecede a realização da prática de pesquisa e elaboração do TCC. O projeto de pesquisa deve ser elaborado de acordo com as orientações do docente responsável pela componente curricular Trabalho de Conclusão de Curso I com a colaboração dos orientadores dos TCCs.

As orientações de TCC ficam a cargo dos docentes responsáveis ou regentes do componente curricular Trabalho de Conclusão de Curso II no Curso de Bacharelado em Museologia, definido em comum acordo entre o/a discente e o/a possível docente orientador/orientadora, a partir da ciência do Colegiado do Curso. Havendo necessidade e em comum acordo entre o discente e o docente orientador, poderá ser convidado professor/professora ou profissional da área para desempenhar a função de coorientador/coorientadora, desde que isso seja avaliado pelo Colegiado do Curso.

O orientador poderá ser substituído, caso haja inviabilidade na condução do trabalho. A substituição deverá ser justificada por escrito à Coordenação do Curso de Bacharelado em Museologia, em documento assinado por ambas as partes. Neste caso, o Colegiado do Curso deve indicar um professor para a orientação, que deverá assumir o componente curricular Trabalho de Conclusão de Curso II, na figura de professor responsável. O componente curricular Trabalho de Conclusão de Curso II deve somar o total de 2 créditos.

O componente curricular Trabalho de Conclusão de Curso II, que ocorre no oitavo semestre, será de responsabilidade de cada orientador de TCC. Cada aluno(a) deverá matricular-se no Trabalho de Conclusão de Curso II ministrado pelo seu orientador, com anuência prévia deste. Destaca-se que a matrícula nos componentes curriculares Trabalho de Conclusão de Curso I e Trabalho de Conclusão de Curso II não necessitam seguir o calendário acadêmico, podendo ser realizada em qualquer período que demande oferta dos componentes pelo Colegiado do Curso. Para efetivar a matrícula no componente curricular Trabalho de Conclusão de Curso II o discente deverá cumprir todos os pré-requisitos da grande curricular do curso. As orientações, com relação ao tramite de documentos, solicitação de assinaturas e prazos para a realização do TCC, bem como os demais procedimentos necessários para a organização do processo, serão repassados ao discente pelo professor orientador do TCC. No processo de orientação cabe ao professor orientador:

- Anuir a proposta temática do TCC, elaborada pelo discente, em um dos campos de conhecimento da Museologia;
- Acompanhar e orientar as atividades do TCC dos acadêmicos sob sua responsabilidade;
- Exigir do aluno a entrega das partes do trabalho estabelecidas no Cronograma de Atividades do TCC;
- Analisar previamente o texto final apresentado pelo aluno, antes de envio à banca de avaliação;
- Auxiliar o orientando na realização de possíveis alterações propostas pela banca em tempo hábil para a emissão e registros de notas;
- Encaminhar parecer favorável para a apresentação em sessão pública;
- Encerrada a sessão pública de apresentação do TCC, orientar sobre os possíveis encaminhamentos e a entrega da versão final do trabalho;
- Manter o Coordenador do Curso informado sobre situações irregulares, tais como o não cumprimento dos prazos estabelecidos pelo Cronograma de Atividades, atrasos, inadequação do texto às exigências acadêmicas e científicas, ou quaisquer outras dificuldades que surjam em relação à orientação.

No processo de elaboração do TCC cabe ao aluno orientando:

- Sugerir o orientador e a temática de acordo a área de concentração do Curso;

- Corresponder às orientações relativas aos procedimentos observados no processo de coleta de dados, em especial nos trabalhos que necessitam de pesquisa de campo e autorização para a realização das coletas;
- Participar das atividades previstas para a realização do TCC considerando que a não observância dos prazos poderá acarretar reprovação;
- Cumprir o plano de trabalho elaborado em comum acordo com o orientador do TCC;
- Presença em no mínimo 75% das orientações semanais;
- Cumprir as etapas estabelecidas no Cronograma de Atividades;
- Manter os canais de comunicação disponíveis ao orientador (telefone e e-mail);
- Elaborar o TCC de acordo com as normas e exigências acadêmicas e científicas;
- Entregar um texto final, caso o aluno opte por essa opção, com no mínimo 30 (trinta) páginas, excluindo os anexos, formatado segundo as normas da ABNT e do Manual de Normas Técnicas da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e apresentando correção ortográfica e gramatical;
- Validar as informações referentes à realização de sessão pública de apresentação no TCC no sistema COBALTO;
- Entregar o TCC à banca avaliadora, após a liberação do orientador, no prazo mínimo de (15) dias da data prevista para a apresentação pública ou conforme prazo indicado pelos membros da banca;
- Entregar uma cópia da versão final do trabalho, em formato digital, ao professor orientador do TCC, de acordo com as orientações e o prazo estipulado pelo mesmo;
- Dar ciência no Termo de Responsabilidade em Caso de Plágio, disponível no sistema COBALTO.

A avaliação do TCC terá duas notas. A primeira nota, de zero a dez, é atribuída pelo orientador sendo referente às etapas cumpridas no processo de orientação. A segunda nota, também de zero a dez, é de atribuição da banca de avaliação. Será considerado aprovado o aluno que alcançar nota final maior ou igual a 7.0 (sete), calculada a partir da seguinte fórmula: $\text{nota orientador} + \text{nota banca} \div 2 = \text{média final}$. Considerando a especificidade das atividades desenvolvidas no processo de elaboração do TCC, e em consonância com o artigo 32 do Regulamento de TCC da UFPel, para estes componentes

curriculares não se prevê possibilidade de o aluno realizar exame caso não alcance a nota estabelecida no Projeto Pedagógico do Curso.

A apresentação pública do TCC deverá ocorrer nas dependências da UFPel ou, ainda, por meio de uso da plataforma digital oficial da Universidade sendo que, nesse caso, deverá a apresentação ser realizada em tempo real (ao vivo) e gravada. A data de apresentação do trabalho será definida pelo orientador do TCC e divulgada para a comunidade com antecedência mínima de sete (7) dias.

A indicação da banca examinadora deverá ser registrada no sistema COBALTO, em campo específico para este fim. A banca é composta por três membros: o orientador, na figura do presidente da banca; pelo coorientador, quando houver; por um professor da UFPel, e um membro externo, preferencialmente vinculado a uma instituição de ensino superior, com titulação mínima de graduação, escolhidos em comum acordo entre o aluno e orientador. A organização das bancas se baseia em Calendário de Atividades, definido pelo professor orientador do TCC.

Os critérios de avaliação para julgamento da banca examinadora são: 1) pertinência e adequação do trabalho aos conteúdos de Museologia; 2) fundamentação teórica e prática do trabalho; 3) consistência metodológica; 4) desenvolvimento e resultados demonstrados; 5) adequação às normas acadêmicas; 6) qualidade da apresentação do trabalho; 7) correção ortográfica e gramatical, em caso de opção por entrega de trabalho em formato escrito.

Cada aluno terá entre 15 e 20 minutos para exposição oral do trabalho final de seu TCC. Cada membro da banca terá vinte minutos para arguição. Após, o acadêmico terá dez minutos para esclarecimentos finais. O orientador, na figura de presidente da banca, apresenta os demais componentes da banca examinadora e coordena os debates. Os componentes da banca se reunirão para atribuir a nota ao aluno e preencher a ata de defesa de TCC, que deve ser entregue ao professor orientador do TCC e posteriormente ao Coordenador do Curso. Os créditos correspondentes ao componente curricular Trabalho de Conclusão de Curso II somente estarão disponíveis no histórico do/da discente após a finalização do processo de registro da sessão pública de apresentação no sistema COBALTO, o que inclui o upload da versão final do TCC. O Trabalho de Conclusão de Curso também, poderá ser disponibilizado na página do Curso, desde que esteja

devidamente corrigido e haja concordância do orientador do TCC e do Coordenador do Curso.

Caso o aluno não compareça em data e local pré-determinados para defesa do TCC, deverá apresentar justificativa por escrito ao Colegiado de Curso, e essa situação será avaliada conforme as normas da UFPel. Os casos omissos e interpretações divergentes devem ser resolvidos pelo Colegiado do Curso, garantindo a todas as partes envolvidas o direito a recorrer das decisões, nos termos das normas vigentes na UFPel.

O/a discente terá o prazo de três (3) dias úteis da data de ciência do resultado da avaliação da banca para interpor recurso, por escrito, ao orientador do TCC. O recurso será registrado pelo discente em campo específico do sistema COBALTO, sendo o orientador do TCC responsável pelo encaminhamento do recurso à banca examinadora. A Banca Examinadora terá o prazo máximo de dez (10) dias, após o recebimento do recurso para se manifestar. A avaliação final do TCC será registrada pelo orientador do TCC e divulgada pelo sistema acadêmico. Caso o aluno reprove no TCC o/a discente deverá realizar nova matrícula no componente curricular Trabalho de Conclusão de Curso II.

3.8. FORMAÇÃO COMPLEMENTAR

A formação complementar configura-se como um conjunto de atividades que preparam o profissional para a atuação mais diversificada como museólogo. Constitui-se por sua flexibilidade, por se alinhar com as demandas e anseios dos discentes, oferecendo-lhes a oportunidade de protagonizar sua própria trajetória formativa. Possibilita, também, o aproveitamento de conhecimentos e experiências vivenciadas ao longo do Curso, nas dimensões de pesquisa, ensino e extensão. O cumprimento das horas complementares, no total de **180 horas-relógio (equivalente a 12 créditos)**, será registrado no histórico escolar do discente como carga horária necessária para integralização curricular.

O discente poderá escolher essas atividades da forma como melhor lhe convir, seguindo suas aspirações como futuro museólogo. Assim como ocorre com as disciplinas optativas, o acadêmico irá construir novos eixos de formação, que atendam às suas necessidades de conhecimento específico. O Colegiado do Curso estará disponível para orientar e embasar as suas escolhas.

Nesta versão do PPC do Curso de Bacharelado em Museologia a formação complementar sofreu alterações, seguindo as orientações propostas no novo Regulamento de Ensino da Graduação da UFPel. As alterações deram-se, sobretudo, em duas direções: 1. a carga horária total da formação complementar passou de 200 para 180 horas-relógio, equivalente a 12 créditos; 2. a carga horária total foi distribuída, de forma equânime, entre horas de **ensino (60 horas), pesquisa (60 horas) e extensão (60 horas)**. A última dimensão será creditada para a integralização da extensão do currículo, na modalidade ACE.

Para fins de creditação da carga horária no histórico do discente (validação das atividades a título de formação complementar), nas três modalidades, será necessário que os discentes apresentem **atestados, certificados ou outro título legal de validação que comprovem sua participação e carga horária em programas/projetos/ações devidamente cadastrados nas instâncias competentes da UFPel**. Comprovantes de participação de outras Universidades ou instituições serão aceitos, desde que com a anuência do Colegiado do Curso de Museologia. O prazo para a apresentação dos certificados é de trinta dias antes do encerramento do semestre letivo em que o aluno esteja concluindo o Curso.

Em relação às **atividades de ensino**, serão consideradas as seguintes atividades para a validação de carga horária nesta dimensão: atividades desenvolvidas em monitoria de disciplinas e laboratórios, como bolsista ou voluntário; participação em projetos/ações de ensino, devidamente cadastrados nas instâncias superiores da Universidade, como bolsista ou voluntário; em disciplinas optativas com aproveitamento (aprovação), para além dos 12 créditos em disciplinas optativas necessários para integralizar o Curso; curso de língua estrangeira, dentro ou fora da Universidade, cuja carga horária passa a ser computada no momento do ingresso do discente no Curso de Museologia; participação em Semana Acadêmica, na condição de colaborador; participação em cursos e oficinas, desde de que tenham alinhamento com atividades de ensino. Almeja-se que a carga horária de atividades consideradas de ensino seja distribuída na tabela anexa; contudo, o cumprimento de 60 horas, em qualquer uma das atividades de ensino propostas, já será suficiente.

No tocante às **atividades de pesquisa**, considera-se as seguintes atividades para a validação de carga horária nesta dimensão: participação em projetos/grupos de pesquisa,

devidamente cadastrados nas instâncias superiores da Universidade, como bolsista ou voluntário; publicações indexadas e não-indexadas, que serão computadas com a carga horária de 30 e 15 horas, respectivamente. Almeja-se que a carga horária de atividades consideradas de pesquisa seja distribuída na tabela anexa; contudo, o cumprimento de 60 horas, em qualquer uma das atividades de pesquisa propostas, já será suficiente.

Por fim, considera-se as seguintes **atividades de extensão** para a validação de carga horária nesta dimensão: participação em programas/projetos/ações de extensão, devidamente cadastrados nas instâncias superiores da Universidade – ou em outra instituição de ensino superior em que o projeto seja caracterizado como propriamente de extensão – como bolsista ou voluntário; participação em evento de caráter extensionista, como colaborador; participação em palestras, comunicações e apresentações com caráter extensionista, como ministrante. Almeja-se que a carga horária de atividades consideradas de extensão seja distribuída na tabela anexa; contudo, o cumprimento de 60 horas, em qualquer uma das atividades de extensão propostas, já será suficiente.

QUADRO 5: ATRIBUIÇÃO DE CARGA HORÁRIA DAS ATIVIDADES COMPLEMENTARES

Atividade	Requisitos de comprovação	Horas	Máximo de Horas
Ensino			60
Monitoria	Certificado atestado coordenador atividade.	Horas descritas certificado.	
Participação em Projeto de Ensino	Certificado ou atestado do coordenador da atividade.	Horas descritas no certificado.	
Disciplinas Optativas (além dos 12 créditos necessários para integralizar o currículo)	Cópia do histórico escolar.	Horas descritas no histórico do discente.	
Curso de Língua Estrangeira	Certificado ou atestado do	Horas descritas no certificado.	

	coordenador da atividade.		
Participação em Semana Acadêmica	Certificado ou atestado do coordenador da atividade.	Horas descritas no certificado.	
Participação em cursos e oficinas	Certificado ou atestado do coordenador da atividade.	Horas descritas no certificado.	
Pesquisa			60
Participação em Projeto de Pesquisa	Certificado ou atestado do coordenador da atividade	Horas descritas no certificado	
Publicações indexadas (30 horas cada)	Apresentação de cópia do artigo	30 horas por publicação.	
Publicações não indexadas (15 horas cada)	Apresentação de cópia do artigo	15 horas por publicação.	
Extensão			60
Participação em Projeto de Extensão	Certificado ou atestado do coordenador da atividade	Horas descritas no certificado	
Participação em evento com caráter extensionista	Certificado ou atestado do coordenador da atividade	Horas descritas no certificado	
Palestras, comunicações, apresentações com caráter extensionista.	Certificado ou atestado do coordenador da atividade	Horas descritas no certificado	

3.9. FORMAÇÃO EM EXTENSÃO

O Curso de Bacharelado em Museologia atende à Meta 12.7 do novo Plano Nacional de Educação (2014-2024), aprovado pela Lei Federal nº 13.005, de 25 de junho de 2014, a qual define que no mínimo 10% (dez por cento) do total de créditos curriculares exigidos para a graduação sejam cumpridos em programas/projetos/ações de extensão universitária. Considera-se no Curso de Museologia, para fins de creditação em extensão, o que reza a Resolução CNE/CES No 07/2018, em seu Art. 7:

São consideradas atividades de extensão as intervenções que envolvam diretamente as comunidades externas às instituições de ensino superior e que estejam vinculadas à formação do estudante, nos termos desta Resolução, e conforme normas institucionais próprias.

Neste sentido, o Curso lança mão de três formas de integralização estabelecidas na Resolução COCEPE nº 6, de 10 de dezembro de 2020, quais sejam:

1. Caracterização de carga horária em extensão em disciplinas obrigatórias com carga horária prática (EXT). Nesta modalidade, o discente integraliza 12 créditos (180 horas-relógio) em extensão.
2. Caracterização de carga horária em Atividades Curriculares em Extensão (ACE), no componente curricular de Estágio Obrigatório. Nesta modalidade, o discente integraliza 3 créditos (45 horas-relógio) em extensão.
3. Caracterização de carga horária em extensão como parte de atividades complementares em extensão (ACE). Nesta modalidade, o discente integraliza 4 créditos (60 horas-relógio) em extensão.

Estão no rol de componentes curriculares obrigatórios, com carga horária em extensão (EXT), as seguintes disciplinas: Documentação Museológica II (2 créditos), Museu Lazer e Turismo (1 crédito), Conservação e Preservação II (1 crédito), Expografia II (2 créditos), Ação Cultural e Educação em Museus II (4 créditos) e Expografia III (2 créditos).

Grifa-se que todas essas disciplinas obrigatórias mencionadas possuem natureza extensionistas desde a matriz, impressa na própria caracterização do componente curricular. Em relação ao Estágio Obrigatório, desenvolvido em museus e instituições congêneres, a dimensão extensionista está no próprio escopo comunicativo desses espaços. A carga horária em extensão neste componente curricular equivale à um terço

da carga horária total, mantendo-se, assim, o equilíbrio entre as atividades de ensino, pesquisa e extensão. Nas horas complementares deverão ser destinadas 60 horas, que equivale a um terço da carga horária total, para ACE. No que se refere à última via, essa carga horária poderá ser cumprida pelos estudantes em programas, projetos e ações de extensão devidamente cadastrados no Cobalto como projeto ou programa de extensão, ou em outra instituição de ensino superior em que o projeto seja caracterizado como propriamente de extensão. Nesta configuração, soma-se o total de 19 créditos (285 horas-relógio) de extensão curricularizada.

Os projetos e ações que atendem a carga horária de extensão previstas nas disciplinas anteriormente citadas, assim como no componente curricular de Estágio Obrigatório, integram o Programa de Extensão intitulado “Museologia Extracampi” (Código 232). Os projetos vinculados a este Programa visam atender às especificidades de cada disciplina no tocante à preservação do patrimônio, em duas múltiplas dimensões, desde um prisma comunitário e integrador. O colegiado do Curso, na figura do coordenador, é responsável por implantar e manter ativo o Programa, em fluxo contínuo.

Em sintonia com a legislação vigente, considera-se que a formação de extensão deve se relacionar com atividades práticas nas quais os discentes atuam como membros da equipe, como agentes, no sentido de protagonizar atividades com a comunidade externa. Almeja-se que a participação ativa nas atividades extensionistas ofereça aos discentes uma formação engajada com as questões sociais e humanas que orbitam o campo museal. A obrigação de cumprimento da carga horária específica à integralização da extensão passa a vigorar a partir do ingresso de 2021/1.

TABELA 2: TABELA SÍNTESE DA FORMAÇÃO EM EXTENSÃO

Possibilidades da Formação em Extensão	Créditos	Horas
Disciplinas obrigatórias (registro em EXT)	12	180
Estágio curricular obrigatório (registro em EXT)	3	45
ACE (registro através da comprovação por certificação – horas complementares)	4	60
Total ofertado pelo curso	19	285

3.10. REGRAS DE TRANSIÇÃO – EQUIVALÊNCIA ENTRE OS COMPONENTES CURRICULARES

A versão atualizada do PPC do Curso de Bacharelado em Museologia, foi amplamente discutida em reuniões do Núcleo Docente Estruturante, e posteriormente aprovada em reuniões de Colegiado, com a contribuição de representantes discentes indicados pelo Centro Acadêmico. Para sua reformulação, levou-se em consideração os resultados dos relatórios de avaliação do Cursos, referentes às pesquisas aplicadas com os discentes; as demandas apresentadas pelos colegas que atuam no Curso, no esforço de aperfeiçoar os processos de ensino-aprendizagem; a adequação da carga horária total, que estava superior ao recomendado por legislação vigente; e, especialmente, a Resolução 29/2018 – COCEPE, por intermédio da qual se busca assegurar o mínimo de 10% do total de créditos curriculares, exigidos para a integralização curricular, em projetos e programas de extensão.

Nesta versão, as adequações curriculares foram menos profundas, comparadas com a última atualização, em 2016. Assim, não gerará a demanda de duplicação de ofertas, que sobrecarrega o corpo docente que atua no Curso, e tampouco gera rupturas na continuidade do regime de oferta dos componentes curriculares, uma vez que as disciplinas que geraram novas codificações são integralmente compatíveis com as disciplinas do currículo antigo e, portanto, equivalentes. Com isto, são estabelecidas regras de transição simples relacionadas ao ingresso dos alunos no período de vigência deste PPC. As alterações dos componentes curriculares, que refletem no novo desenho da matriz curricular e na geração de nova codificação, podem ser sintetizadas nas seguintes categorias: creditação de carga horária em extensão, alteração de ementa; alteração de Departamento em que a disciplina está lotada; redução de carga horária total do Curso; revisão das disciplinas optativas.

Levando em consideração a sequência da matriz curricular, arrola-se, a seguir, as alterações do quadro de disciplinas do Curso. As disciplinas de **História Geral da Arte e de Metodologia**, que antes estavam no quinto semestre, foram transferidas para o primeiro semestre do Curso. Como ambas tiveram suas ementas reformuladas, gerou-se

nova codificação. Para fins de adequação da carga horária total do Curso, a disciplina de **Leitura e Produção de Textos**, antes no primeiro semestre, foi suprimida do currículo, podendo ser cursada pelos discentes, como optativa, a partir das ofertas semestrais do banco universal de disciplinas da UFPel, em que o componente curricular é disponibilizado no regime de fluxo contínuo. Ainda para fins de adequação de carga horária total do Curso, a disciplina de **Seminário Temático I**, antes no primeiro semestre, passou a ser disciplina optativa. À disciplina de **Documentação Museológica II** foram atribuídos 2 créditos de EXT, gerando nova codificação. A disciplina de **Turismo Cultural** passou por reformulação, a pedido do Departamento de Turismo, e passou a se intitular de Museu, Lazer e Turismo; do quinto semestre, passou a ser ofertada no terceiro; e sofreu acréscimo de um crédito, na dimensão de extensão. À disciplina de **Conservação e Preservação II** foi atribuído 1 crédito de EXT, gerando nova codificação. A disciplina de **Arquitetura dos Espaços Expositivos** foi transferida para o Departamento de Museologia e Conservação e Restauração, gerando nova codificação, mas mantendo-se a ementa. À disciplina de **Expografia II** foram atribuídos 2 créditos de EXT, gerando nova codificação. A disciplina de **Ação Cultural e Educação em Museus I** migrou do sexto para o quinto semestre, mas manteve-se a codificação. A disciplina de **Ação Cultural e Educação em Museus II** migrou do sétimo para o sexto semestre, e, em razão da atribuição de toda carga horária da disciplina em EXT, houve alteração da codificação. A disciplina de **Arte e Cultura Popular Brasileira** foi transferida para o Departamento de Museologia e Conservação e Restauração e foi confeccionada ementa (antes inexistente), gerando nova codificação. À disciplina de **Expografia III** foram atribuídos 2 créditos de carga horária em EXT. A disciplina de **Estágio Obrigatório** teve redução de carga horária, de 12 para 10 créditos, atendendo à demanda de redução de carga horária total em disciplinas obrigatórias; destes 10 créditos, 3 foram destinados para EXT. Por fim, a disciplina optativa de **Acervos de Registros Sonoros** recebeu mais um crédito, mantendo-se como optativa.

Em relação ao quadro de oferta de **disciplinas optativas**, esta versão do PPC passou por atualizações, no sentido de reduzi-lo e aproximá-lo à realidade do Curso. Para esta adequação, teve-se como critérios a impossibilidade de ofertá-las em longo prazo; a possibilidade de os discentes cursá-las em outros Departamentos, na modalidade de matrícula especial ou no quadro de ofertas do banco universal; e a criação de falsa

expectativa de oferta por parte dos discentes, ao mantê-las no quadro de disciplinas optativas. Neste enquadramento, foram suprimidas do quadro de disciplinas optativas os seguintes componentes curriculares: Arte Decorativa, Paleontologia, Numismática e Filatelia, Armaria e Heráldica, Espanhol Instrumental, Língua Estrangeira Instrumental - Francês, Fundamentos de Latim e Língua Estrangeira Instrumental - Inglês.

Em relação às adequações propostas pelo novo Regulamento de Ensino da Graduação da UFPel, a carga horária total foi fixada em 2.520 horas, para fins de integralização dos créditos do Curso de Bacharelado em Museologia. Ainda alinhado ao novo Regulamento, nesta versão do PPC, computa-se cada crédito como 15 horas-relógio. Alterou-se, igualmente, o sistema de avaliação dos Trabalhos de Conclusão de Curso e o Estágio Obrigatório, que não são passíveis de exame, e nas quais é necessária a obtenção de média 7 (sete) para aprovação. Por fim, as caracterizações dos componentes curriculares foram revisadas pelos professores responsáveis, seguindo as orientações do NDE, de modo que fossem adequadas e atualizadas, sobretudo em relação às bibliografias básicas e complementares. Poucas disciplinas passaram por adequações mais profundas, que redundaram em nova ementa, como foi o caso de História Geral da Arte, Metodologia e Turismo Cultural, que passou a se intitular de Museu, Lazer e Turismo. As modificações mais densas foram reflexo da integralização da extensão em disciplinas com carga horária prática, como é o caso de Documentação Museológica II, Conservação e Preservação II, Expografia II, Ação Cultural e Educação em Museus II, Expografia III e Estágio.

A equivalência no caso de componentes curriculares que não previam extensão no currículo antigo, se dará prevendo a necessidade de compensação das horas faltantes de extensão, tendo o estudante que comprovar o cumprimento de tais horas em atividades complementares, conforme as regras descritas neste PPC.

O colegiado analisará casos específicos que envolvam equivalência de disciplinas decorrentes das mudanças de projeto pedagógico para os alunos que já tiverem ultrapassado 50% da conclusão do curso no momento da mudança curricular. A obrigação de cumprimento da carga horária específica à integralização da extensão passa a vigorar a partir do ingresso de 2021/1. Casos omissos serão analisados e deliberados pelo NDE ou órgão por superior, de acordo com a competência dos mesmos. **A nova versão do PPC vigorará para todos os alunos ingressantes de 2021.** A tabela a seguir sintetiza as

equivalências automáticas entre as disciplinas que sofreram alterações, em relação ao currículo antigo:

QUADRO 6: COMPONENTES CURRICULARES EQUIVALENTES PARA ADAPTAÇÃO CURRICULAR

EQUIVALÊNCIA			
COMPONENTES - CURRÍCULO ANTIGO		COMPONENTES - NOVO CURRÍCULO	
CÓDIGO	NOME DO COMPONENTE	CÓDIGO	NOME DO COMPONENTE
05000734	História Geral da Arte	05001211	História Geral da Arte
1440058	História Geral da Arte		
05000651	História Geral da Arte I		
05000652	História Geral da Arte II		
10790009	Metodologia	10790165	Metodologia
0790013	Metodologia		
10790087	Documentação Museológica II	10790167	Documentação Museológica II
0790095	Documentação Museológica II		
10790017	Documentação Museológica		
08980047	Turismo Cultural	08980052	Museu, Lazer e Turismo.
1710072	Turismo Cultural		
08970001	Turismo Cultural		
10790022	Conservação e Preservação II	10790168	Conservação e Preservação II
0790028	Conservação e Preservação II		
14620001	Arquitetura dos Espaços Expositivos	10790170	Arquitetura dos Espaços Expositivos
0620038	Arquitetura dos Espaços Expositivos		
10790020	Expografia II	10790174	Expografia II
0790026	Expografia II		
10790091	Ação Cultural e Educação em Museus II	10790175	Ação Cultural e Educação em Museus II
0790099	Ação Cultural e Educação em Museus II		

10790028	Ação Cultural e Educação em Museus		
05000736	Arte e Cultura Popular Brasileira	10790176	Arte e Cultura Popular Brasileira
1440060	Arte e Cultura Popular Brasileira		
10790090	Expografia III	10790177	Expografia III
0790098	Expografia III		
10790034	Estágio	10790179	Estágio
0790040	Estágio		
10790083	Introdução à Sociologia	10790164	Introdução à Sociologia
0790091	Introdução à Sociologia		
05000733	Percepção Visual	05001212	Percepção Visual
1440057	Percepção Visual		
05000008	Percepção Visual I		
05000009	Percepção Visual II		
10790085	Documentação Museológica I	10790166	Documentação Museológica I
0790093	Documentação Museológica I		
10790017	Documentação Museológica		
09010008	Botânica	09010053	Botânica
0010031	Botânica		
10790097	Comunicação em Museus	10790169	Comunicação em Museus
0790105	Comunicação em Museus		
10790023	Comunicação em Museus		
10790010	Ciência, Divulgação Científica e Museus	10790171	Ciência, Divulgação Científica e Museus
0790014	Ciência, Divulgação Científica e Museus		
10790095	Ação Cultural e Educação em Museus I	10790172	Ação Cultural e Educação em Museus I
0790103	Ação Cultural e Educação em Museus I		

10790028	Ação Cultural e Educação em Museus		
10790015	Memória e Patrimônio	10790173	Memória e Patrimônio
0790021	Memória e Patrimônio		
10790098	Seminário de Projeto	10790194	Trabalho de Conclusão de Curso I
0790106	Seminário de Projeto		
10790178	Seminário de Projeto		
10790032	Seminário de Projeto		
10790092	Seminário de Orientação	10790195	Trabalho de Conclusão de Curso II
0790020	Introdução à Museologia	10790014	Introdução à Museologia
0790092	História dos Museus no Ocidente	10790084	História dos Museus no Ocidente
10790035	História dos Museus		
0730919	Introdução à Filosofia	06730140	Introdução à Filosofia
06730024	Epistemologia		
10790019	Conservação e Preservação I	10790096	Conservação e Preservação I
0790104	Conservação e Preservação I		
1440059	Arte e Cultura Brasileira e Latino-Americana	05000735	Arte e Cultura Brasileira e Latino-Americana
05000667	Arte e Cultura Brasileira		
09050023	Zoologia	09050055	Zoologia
0050100	Zoologia		
1660050	História Geral do Brasil	10900040	História Geral do Brasil
0110164	Iconografia	05000048	Iconografia
0790024	Expografia I	10790018	Expografia I
1660051	História Platina	10900041	História Platina
0790097	Musealização do Patrimônio Arqueológico	10790089	Musealização do Patrimônio Arqueológico
05000736	Arte e Cultura Popular Brasileira	10790176	Arte e Cultura Popular Brasileira
1440060	Arte e Cultura Popular Brasileira		
0790094	Teoria Museológica	10790086	Teoria Museológica

1670020	Introdução à Antropologia	10910161	Introdução à Antropologia
10910014	Introdução à Antropologia		
14120001	Arquitetura de Museus	14120002	Arquitetura de Museus
0120105	Arquitetura de Museus		
0790042	Gestão de Museus	10790036	Gestão de Museus
0790096	Museus e Novas Tecnologias	10790088	Museus e Novas Tecnologias
05000044	Museus e Novas Tecnologias		
OPTATIVAS			
10790016	Seminário Temático	10790180	Seminário Temático I
0790022	Seminário Temático		
0790102	Seminário Temático II		
10790021	Acervos de Registros Sonoros	10790181	Acervos de Registros Sonoros
0790027	Acervos de Registros Sonoros		

3.11. CARACTERIZAÇÃO DOS COMPONENTES CURRICULARES (ementário e bibliografia)

1º SEMESTRE

COMPONENTE CURRICULAR				CÓDIGO		
Introdução à Museologia				10790014		
Departamento ou equivalente: DMCOR/ICH						
CARGA HORÁRIA:		Distribuição de créditos				
Horas: 60		T	E	P	EAD	EXT
Créditos: 4		4				
PRÉ-REQUISITO: não possui						
OBJETIVO						
Objetivo Geral:						

Compreender a importância da Museologia enquanto disciplina científica, abordando a relevância dos museus, sua história, suas transformações, função social e regulamentação.

Objetivos Específicos:

Problematizar a concepção de museu na cultura ocidental;

Promover discussões acerca da história, transformações e do papel social desempenhado pela instituição museu;

Refletir acerca das principais correntes do pensamento museológico;

Apresentar as funções museológicas e seus domínios, abordando a importância da regulamentação relativa à sua prática em âmbito nacional e internacional.

EMENTA

A ideia de Museu na cultura ocidental, desde seus antecedentes até os dias atuais. Museu, Museologia e suas principais correntes de pensamento. Museologia como disciplina científica: objeto, método, posição no sistema das ciências. Funções museológicas relativas à recolha, salvaguarda e divulgação do patrimônio cultural e suas implicações nos domínios da cultura, da educação e da memória. Política do campo dos museus no Brasil. Regulamentação referente ao estudo e à prática da Museologia, em abrangência nacional e internacional.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ALONSO FERNÁNDEZ, Luis. *Museología y museografía*. Barcelona: Del Serbal, 1999. 383 p. (Cultura artística.). ISBN 97884762822762 .

BRUNO, Maria Cristina Oliveira (Org.). *O ICOM-Brasil e o pensamento museológico brasileiro: documentos selecionados*. São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2010. 2 v. ISBN 9788599117583

BRUNO, Maria Cristina Oliveira (Org.). *Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional*. São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2010. 2 v. ISBN 9788599117590

BITTENCOURT, José Neves; BENCHETRIT, Sarah Fassa; TOSTES, Vera Lucia Bottrel (Ed.). *História representada: o dilema dos museus*. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2003. 320p. ISBN 8585822015.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ABREU, Regina; CHAGAS, Mário de Souza (Org.). *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2009. 316 p. ISBN 9788598271590 .

ALONSO FERNÁNDEZ, Luis. *Introducción a la nueva museología*. Madrid: Alianza Editorial, 2003. 208 p. ISBN 8420657484 .

CHAGAS, Mário de Souza. *A imaginação museal: museu, memória e poder em Gustavo Barroso, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro*. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Museus, 2009. 257 p. (Coleção Museu, memória e cidadania). ISBN 9788563078018 .

POULOT, Dominique. Museu e museologia. São Paulo Autêntica 2013 1 recurso online ISBN 9788582171295 .

RIVIERE, Georges Henri. La museologia: curso de museologia : textos y testimonios. Madrid: Akal, 1993. 533 p. ISBN 9788446001713

COMPONENTE CURRICULAR		CÓDIGO				
Introdução à Sociologia		10790164				
Departamento ou equivalente: DMCOR/ICH						
CARGA HORÁRIA:		Distribuição de créditos				
Horas: 60		T	E	P	EAD	EXT
Créditos: 4		4				
PRÉ-REQUISITO: não possui						
OBJETIVO Capacitar, por meio da instrumentalização teórica da Sociologia, para percepção crítico-reflexiva da realidade social e de como os museus e a prática museológica, nela se inserem.						
EMENTA Estudo de princípios e fundamentos epistemológicos, teóricos e metodológicos da Sociologia, tendo como diretriz, sua transversal implicação no delineamento de concepções teóricas e procedimentos práticos que balizam a ação museológica. Sociologia clássica e os conceitos fundantes do pensamento social subsequente. Perspectivas sociológicas contemporâneas, com ênfase na relação entre sociedade e cultura – incluindo aspectos relativos à Educação Étnico-racial e à Educação em Direitos Humanos. Tópicos especiais para discussão e aprofundamento de questões relativas ao, assim denominado, compromisso social dos museus.						
BIBLIOGRAFIA BÁSICA ARON, Raymond. As etapas do pensamento sociológico. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995. SELL, Carlos Eduardo. Sociologia Clássica. Marx, Durkheim e Weber. Petrópolis: Vozes, 2015. SOUZA, Jessé. A elite do atraso: da escravidão à Lava Jato. Rio de Janeiro: Leya, 2017.						
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR BRASIL. Ministério da Educação; Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana. Brasília: MEC, 2004. 33 p.						

BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Editora Difel. 1989.

DOMINGUES, José Maurício. Teorias sociológicas no século XX. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014

CORCUFF, Philippe. As novas sociologias: construções da realidade social. São Paulo: EDUSC. 2001. Pp 11 à 32.

CAREGNATO, Célia Elizabete (Org.). Curso de aperfeiçoamento em educação para a diversidade: módulo V - educação em e para direitos humanos. Porto Alegre: Benvenutti/Ufrgs, 2010. 17 p. (Educação para a diversidade).

COMPONENTE CURRICULAR		CÓDIGO				
História dos Museus no Ocidente		10790084				
Departamento ou equivalente: DMCOR/ICH						
CARGA HORÁRIA:		Distribuição de créditos				
Horas: 60		T	E	P	EAD	EXT
Créditos: 4		4				
PRÉ-REQUISITO: não possui						
OBJETIVO						
Desenvolver uma visão geral sobre a história dos museus no mundo ocidental, promovendo uma reflexão sobre a relação entre as instituições museológicas e os diferentes contextos culturais, sociais, políticos e econômicos.						
EMENTA						
Desenvolver uma visão contextualizada do surgimento e estruturação da instituição museu no Ocidente de suas origens históricas às instituições contemporâneas.						
BIBLIOGRAFIA BÁSICA						
CHAGAS, Mário de Souza. A imaginação museal: museu, memória e poder em Gustavo Barroso, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Museus, 2009. 257 p. (Coleção Museu, memória e cidadania). ISBN 9788563078018. BIBLIOTECA ICH						
FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves; VIDAL, Diana Gonçalves (Org.). Museus: dos gabinetes de curiosidades à museologia moderna. 2.ed. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013. 250 p. (Coleção Patrimônio ; 5). ISBN 9788580541137. BIBLIOTECA ICH						
POMIAN, Krzysztof. Coleção. In: Enciclopédia Einaudi, volume 1, Memória-História. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1997. ONLINE						
POULOT, Dominique. Patrimoine et musées: L'Institution de la culture. Paris (França): Hachette Supérieur, 2001. 224 p. ISBN 782011451835. BIBLIOTECA ICH						

POULOT, Dominique, 1956. Uma história do patrimônio no Ocidente, séculos XVIII-XXI: do monumento aos valores. São Paulo: Estação Liberdade, 2009. 239 p. ISBN 9788574481708. BIBLIOTECA ICH

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BREFE, Ana Cláudia F. Os primórdios do Museu da elaboração conceitual à instituição pública. Projeto História, PUCSP, São Paulo, n.17. ONLINE

JULIÃO, Leticia. Apontamentos sobre a história do museu. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/Superintendência de Museus, 2002. (Caderno de Diretrizes Museológicas). ONLINE

LOPES, Maria Margareth. A formação dos Museus Nacionais na América Latina Independente. Anais do Museu Histórico Nacional, vol. 30, 1998. P.p.121-145. ONLINE

PODGORNY, Irina; LOPES, Maria Margaret. Trayectorias y desafíos de la historiografía de los museos de historia natural en América Del Sur. In- Anais do Museu Paulista. São Paulo. N. Sér. V.21. n.1. p. 15-25. Jan.- jun. 2013. ONLINE

SCHWARCZ, Lilia Moritz. O Espetáculo das Raças – cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. BIBLIOTECA ICH

COMPONENTE CURRICULAR		CÓDIGO				
História Geral da Arte		05001211				
Departamento ou equivalente: C.A.						
CARGA HORÁRIA:		Distribuição de créditos				
Horas: 30		T	E	P	EAD	EXT
Créditos: 2		2				
PRÉ-REQUISITO: não possui						
OBJETIVO						
Reconhecer a produção de sentido sobre a elaboração de bens culturais e simbólicos, que motivou o ser humano a conceber visões de mundos, em diferentes e significativos momentos de sua jornada, enquanto fenômeno social e artístico.						
EMENTA						
O componente curricular de História Geral da Arte configura-se como uma abordagem introdutória sobre a produção de bens culturais e simbólicos com seus modos de concepção, representação e seus sistemas de veiculação, em diferentes momentos de constituição, enquanto fenômeno social e artístico. Nesta direção, o enfoque se dará a partir de quatro Núcleos Fundamentais: o Teocêntrico, Antropocêntrico, Digressões poéticas e o Experimental/discursivo; os quais						

conduzirão uma dialogicidade com seus sítios-lugares, a construção de sentido e os com os equipamentos culturais.
BIBLIOGRAFIA BÁSICA ARGAN, Giulio Carlo; FAGIOLO, Dell'Arco Maurizio. Guia de história da arte. 2. ed. Lisboa: Estampa, 1994. GOMBRICH, E. H. A história da arte. Rio de Janeiro LTC 2000 1 recurso online. JANSON, H. W. Iniciação a história da arte. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR BOURRIAUD, Nicolas. Estética relacional. São Paulo: Martins, 2009. BOURRIAUD, Nicolas. Formas de vida: a arte moderna e a invenção de si. São Paulo: Martins Fontes, 2011. BOURRIAUD, Nicolas. Pós-produção: como a arte reprograma o mundo contemporâneo. São Paulo: Martins, 2009. CAUQUELIN, Anne. A arte contemporânea: uma introdução. São Paulo: Martins Fontes, 2005. CAUQUELIN, Anne. Teorias da arte. São Paulo: Martins, 2005.

COMPONENTE CURRICULAR		CÓDIGO				
Metodologia		10790165				
Departamento ou equivalente: DMCOR/ICH						
CARGA HORÁRIA:		Distribuição de créditos				
Horas: 60		T	E	P	EAD	EXT
Créditos: 4		4				
PRÉ-REQUISITO: não possui						
OBJETIVO . Conceituar as formas de conhecimento e analisar sua importância nas sociedades. . Conceituar pesquisa.. . Conceituar e caracterizar a produção científica na contemporaneidade. . Diferenciar a pesquisa empírica e documental. . Compreender o direito autoral e a propriedade científica no âmbito da produção acadêmica.						

. Conhecer e exercitar a redação científica. . Aprender a sistematizar fontes de pesquisa, reconhecendo suas tipologias. . Aprender a formular apresentações visuais e a comunicar oralmente trabalhos científicos. . Aprender a aplicar o formato do trabalho acadêmico e as normas técnicas de formatação.
EMENTA Conhecer e estudar as principais metodologias utilizadas no âmbito das ciências sociais e humanas, procurando enfatizar as características do Método Científico, bem como as suas relações com o contexto teórico e com as técnicas de pesquisa. Preconizará também o estudo do método científico numa perspectiva histórica e crítica, ressaltando suas filiações sociais e culturais e debatendo outras formas de conhecimento do mundo.
BIBLIOGRAFIA BÁSICA ANDRADE, Maria Margarida de. Introdução à metodologia do trabalho científico elaboração de trabalhos na graduação. 10ª. São Paulo Atlas 2012 1 recurso online ISBN 9788522478392. MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Metodologia do trabalho científico. 7.ed. São Paulo: Atlas, 2011. 2012. 2015 225 p. ISBN 9788522448784 MARTINS, Gilberto de Andrade. Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas. 3. Rio de Janeiro Atlas 2016 1 recurso online ISBN 9788597009088. MEDEIROS, João Bosco. Redação científica: a prática de fichamento, resumos, resenhas. 11. ed. São Paulo: Atlas, 2009,2012, 2013. 321 p. ISBN 9788522453399. GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 6. Rio de Janeiro Atlas 2017 1 recurso online ISBN 9788597012934.
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR LOPES, Maria Margaret. O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX. 2. ed. São Paulo: HUCITEC ; Brasília : UnB, 2009. 369 p. (Logica e filosofia da ciencia. Serie historia da ciencia e da tecnologia). ISBN 9788527104258. MATTAR, João. Metodologia científica na era digital. 4. São Paulo Saraiva 2017 1 recurso online ISBN 9788547220334 POPPER, Karl Raimund Sir. A lógica da pesquisa científica. 2.ed. São Paulo: Cultrix, 2014. 454 p. ISBN 9788531612503. RAMOS, Albenides. Metodologia da pesquisa científica: como uma monografia pode abrir o horizonte do conhecimento . São Paulo: Atlas, 2009. 246 p. ISBN 9788522454259.

SANTOS, Pedro António dos. Metodologia da pesquisa social da proposição de um problema à redação e apresentação do relatório. São Paulo Atlas 2015 1 recurso online ISBN 9788522494156.

2º SEMESTRE

COMPONENTE CURRICULAR Percepção Visual		CÓDIGO 05001212				
Departamento ou equivalente: C.A.						
CARGA HORÁRIA:		Distribuição de créditos				
Horas: 60		T	E	P	EAD	EXT
Créditos: 4		2		2		
PRÉ-REQUISITO: não possui						
OBJETIVO Estudos sobre a forma e a cor, enquanto elementos de comunicação visual, com ênfase na percepção e produção de obras bi e tridimensionais e suas relações com o espaço museográfico. Promover a análise crítica e estética (relacionados à percepção da forma da cor) dos diversos fenômenos culturais e movimentos artísticos, e dos espaços bi e tridimensional.						
EMENTA A comunicação não verbal. Características da percepção visual. Percepção da forma e da cor: aspectos físicos, fisiológicos e culturais. Estudos teóricos e práticos das relações formais e cromáticas (nas artes plásticas, gráficas, nos museus) e da estruturação dos espaços bi e tridimensional. Análise crítica e estética dos diversos fenômenos culturais e movimentos artísticos.						
BIBLIOGRAFIA BÁSICA ARNHEIM, Rudolf. Arte e Percepção Visual. São Paulo: Pioneira, 1988. DONDIS, Donis A. Sintaxe da Linguagem Visual. São Paulo: M. Fontes, 1991. FARINA, Modesto. Psicodinâmica das cores em publicidade. São Paulo: Edgard Blücher, Ed. da USP, 1975.						
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR GOMES FILHO, João. Gestalt do Objeto: sistema de leitura visual da forma. São Paulo: Escrituras, 2003 LUPTON, Ellen & PHILLIPS, Jennifer Cole. Novos Fundamentos do Design. São Paulo: Cosac & Naify, 2008.						

OSTROWER, Fayga. Universos da Arte. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

PEDROSA, Israel. O Universo da Cor. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2008.

WONG, Wucius. Princípios de forma e desenho. Trad. Alvamar Helena Lamparelli. 2. Ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

COMPONENTE CURRICULAR				CÓDIGO		
Introdução à Filosofia				06730140		
Departamento ou equivalente: DFIL						
CARGA HORÁRIA:		Distribuição de créditos				
Horas: 45		T	E	P	EAD	EXT
Créditos: 3		3				
PRÉ-REQUISITO: não possui						
OBJETIVO						
Apresentar e debater questões filosóficas escolhidas do vasto repertório da longa tradição filosófica ocidental (Lógica, Filosofia Antiga, Medieval, Moderna e Contemporânea, Ética e Filosofia Política, Estética e Filosofia da Ciência).						
EMENTA						
A filosofia, enquanto uma reflexão sobre a própria reflexão, em alguma medida, se dirige a todas as disciplinas do conhecimento humano. Para o bacharelado em Museologia, uma iniciação em filosofia pode permitir a percepção da íntima relação entre as diferentes disciplinas e especialidades científicas presentes no museu, suas articulações e seus desdobramentos políticos e culturais.						
A disciplina proporrá uma introdução ao conhecimento filosófico e uma revisão temática e multifacetada de algumas das mais candentes questões filosóficas dos últimos dois milênios, possibilitando a compreensão da diversidade de pensamentos e das linguagens que lhes sejam próprias.						
BIBLIOGRAFIA BÁSICA						
BONJOUR, Laurence. Filosofia textos fundamentais comentados. 2. Porto Alegre ArtMed 2010 1 recurso online ISBN 9788536323633.						
JAPIASSÚ, Hilton. Dicionário básico de filosofia. Rio de Janeiro Zahar 1990 1 recurso online ISBN 9788537803417.						
LACOSTE, Jean. A filosofia da arte. Rio de Janeiro Zahar 1986 1 recurso online ISBN 9788537812204.						
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR						
CHAUI, Marilena. Convite à Filosofia (14ª Ed.). São Paulo: Ática, 2011.						

MARCONDES, Danilo. Iniciação à história da filosofia dos pré-socráticos a Wittgenstein. Rio de Janeiro Zahar 1997 1 recurso online ISBN 9788537802496.

NAGEL, Thomas S. Uma breve introdução à filosofia. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. 107 p. ISBN 9788578274399.

REALE, Miguel. Introdução à filosofia. 4. São Paulo Saraiva 2002 1 recurso online ISBN 9788502135444.

STEIN, Ernildo. Uma breve introdução à filosofia. 2. ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005. 224 p. (Coleção Filosofia ; 1). ISBN 8574292974.

COMPONENTE CURRICULAR		CÓDIGO				
Documentação Museológica I		10790166				
Departamento ou equivalente: DMCOR/ICH						
CARGA HORÁRIA:		Distribuição de créditos				
Horas: 60		T	E	P	EAD	EXT
Créditos: 4		4				
PRÉ-REQUISITO: Introdução à Museologia						
OBJETIVO Capacitar o aluno a ter uma visão crítica sobre a atividade de documentação em museus. Refletir sobre o papel da documentação museológica para a preservação do patrimônio cultural; Discutir e analisar os sistemas documentais existentes; Discutir e analisar propostas de projetos, a partir do referencial teórico e das experiências apresentadas.						
EMENTA A Documentação museologia é a parte da museologia em que através de técnicas que podemos denominar de documentais, tem como fim tornar acessível a todos o conteúdo produzido sobre cada um dos objetos, que são fontes de informação. A documentação museológica é a base essencial para o bom funcionamento de todos os outros setores de uma instituição museológica. Através da pesquisa sobre os objetos se torna possível a produção e a difusão do conhecimento a partir deles e com eles, proporcionando o aprofundamento da função educativa dos Museu. Durante esta disciplina será desenvolvido o estudo dos seguintes temas: ferramentas produzidas, museus e documentação do patrimônio integral: sistemas de documentação/informação. Tesaurização, formação, registro, classificação, catalogação, inventário de coleções. Manipulação de coleções.						
BIBLIOGRAFIA BÁSICA CHAGAS, Mário – Pesquisa Museológica - In: Museu Instituição de Pesquisa, MAST, RJ, 2005						

FERREZ, Helena Dodd & BIANCHINI, Maria Helena S, Thesaurus para acervos museológicos. Fundação Nacional Pró-Memória, Coordenadoria Geral de Acervos Museológicos, MHN, Rio de Janeiro, 1987.

JULIÃO, Leticia – Pesquisa Histórica no Museu – In: Caderno de Diretrizes Museológicas 1, Secretaria de Estado da Cultura/Superintendência de Museus, Belo Horizonte, 2002.

SOUZA, Rosali Fernandez de. Thesaurus como linguagem de representação em informação, In: Documentação em Museus, MAST-Colloquia vol.10, Rio de Janeiro, 2008.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ACAM Portinari (org) Documentação e Conservação de Acervos Museológicos: diretrizes. ACAM Portinari, Governo do Estado de São Paulo, São Paulo, 2010.
https://www.sisemsp.org.br/wp-content/uploads/2013/12/Documentacao_Conservacao_Acervos_Museologicos.pdf

GRANATO, Marcus, SANTOS, Claudia Penha dos, LOUREIRO, Maria Lucia N. M. (orgs) Documentação em Museus. Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST, Rio de Janeiro, 2008.

MORO, Fernanda de Camargo- Museu: Aquisição/Documentação. Livraria Eça Editora, Rio de Janeiro, 1986

NASCIMENTO, Rosana – O objeto museal, sua historicidade: implicações na ação documental e na dimensão pedagógica do museu. Cadernos de Sociomuseologia – Centro de Estudos de Sociomuseologia, 11, ULHT, Lisboa, 1988.

RIBEIRO, Antonio Cláudio Lopes – As políticas de aquisição do MHN (1922x1996) In: Anais do MHN, n39, IPHAN, Rio de Janeiro, 2007.

COMPONENTE CURRICULAR				CÓDIGO		
Teoria Museológica				10790086		
Departamento ou equivalente: DMCOR/ICH						
CARGA HORÁRIA:		Distribuição de créditos				
Horas: 60		T	E	P	EAD	EXT
Créditos: 4		4				
PRÉ-REQUISITO: Introdução à Museologia						
OBJETIVO						
Geral:						
Apresentar e discutir a importância da Museologia como campo de saber, disciplina científica e sua inter-relação com as ciências humanas e sociais.						

Específicos:

- Apresentar conceitos de museu e museologia;
- Assinalar as especificidades do campo científico;
- Discutir acerca da trajetória do campo, de sua origem à atualidade;
- Promover reflexões a respeito da relação entre a Museologia e as ciências humanas e sociais;
- Problematicar o papel social e político desempenhado pelos museus na contemporaneidade.

EMENTA

Conceitos de museu e museologia. Museus e museologia: origens, trajetória do campo e desdobramentos contemporâneos. Museologia e a inter-relação epistemológica com as ciências humanas e sociais. Museu e pesquisa: o objeto de estudo da museologia. A museologia enquanto ciência aplicada. A museologia e as acepções do termo. O museu como fenômeno social. Discurso crítico sobre o papel social e político dos museus. Nova Museologia, Museologia social e a função social dos museus. Museu e museologia na sociedade contemporânea.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Org.). Memória e Patrimônio: Ensaio Contemporâneo. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. 316 p.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François (Ed.). Conceitos-chave de museologia. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, Pinacoteca do Estado de São Paulo, Secretaria de Estado da Cultura, 2013. 98 p.

MUSEU DE ASTRONOMIA E CIÊNCIAS AFINS. Museu: instituição de pesquisa. Rio de Janeiro: MAST, 2005. 100 p. (MAST Colloquia; 7).

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ARAÚJO, Marcelo Mattos; BRUNO, Maria Cristina Oliveira (org.). A Memória do Pensamento Museológico Contemporâneo - Documentos e Depoimentos. São Paulo: Comitê Brasileiro do ICOM, 1995.

CERÁVOLO, Suely Moraes. Delineamentos para uma Teoria da Museologia. Anais do Museu Paulista, Nova Série, São Paulo, vol. 12, p. 237-268, jan/dez. 2004.

CURY, Marília Xavier. Museologia. Marcos Referenciais. Cadernos do CEOM. Chapecó: Argos, n. 21, p. 45-73, 2005b.

PRIMO, Judite Santos. Pensar Contemporaneamente a Museologia. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Cadernos de Sociomuseologia, n. 16, p. 05-38. 1999.

VIDAL, Diana Gonçalves (Org.); FIGUEIREDO, B. G. (Org.). Museus: dos Gabinetes de Curiosidades à Museologia Moderna. Belo Horizonte/Brasília: Scientia: UFMG/CNPq/ Argymentvm, 2005.

COMPONENTE CURRICULAR				CÓDIGO		
Introdução à Antropologia				10910161		
Departamento ou equivalente: DAA						
CARGA HORÁRIA:		Distribuição de créditos				
Horas: 60		T	E	P	EAD	EXT
Créditos: 4		4				
PRÉ-REQUISITO: não possui						
OBJETIVO						
Promover a interdisciplinaridade entre Antropologia e Museologia						
EMENTA						
Iniciação à história da Antropologia, a conceitos centrais da disciplina e aos fundamentos metodológicos de etnografia, com exercícios práticos de trabalho de campo.						
BIBLIOGRAFIA BÁSICA						
CASTRO, Celso. Textos básicos de antropologia cem anos de tradição: Boas, Malinowski, Lévi-Strauss e outros. Rio de Janeiro Zahar 2016 1 recurso online ISBN 9788537815908.						
LARAIA, Roque de Barros. Cultura um conceito antropológico. Rio de Janeiro Zahar 1986 1 recurso online ISBN 9788537801864.						
GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro LTC 1989 1 recurso online ISBN 978-85-216-2397-7.						
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR						
BARBOSA, Andréa. Antropologia e imagem. Rio de Janeiro Zahar 2006 1 recurso online ISBN 9788537802915.						
KUSCHNIR, Karina. Antropologia da política. Rio de Janeiro Zahar 2007 1 recurso online ISBN 9788537802908.						
MARCONI, Marina de Andrade. Antropologia: uma introducao. São Paulo: Atlas, 1986. 255 p. ISBN 8522400385.						
TADEU, Tomaz. Antropologia do ciborgue as vertigens do pós-humano. 2. São Paulo Autêntica 2009 1 recurso online ISBN 9788551301494.						
VELHO, Gilberto. Um antropólogo na cidade ensaios de antropologia urbana. Rio de Janeiro Zahar 2013 1 recurso online ISBN 9788537810804						

3º SEMESTRE

COMPONENTE CURRICULAR Botânica		CÓDIGO 09010053				
Departamento ou equivalente: IB						
CARGA HORÁRIA:		Distribuição de créditos				
Horas: 45		T	E	P	EAD	EXT
Créditos: 3		3				
PRÉ-REQUISITO: não possui						
OBJETIVO Fornecer aos estudantes os subsídios para a compreensão da biodiversidade vegetal e da importância dos sistemas de classificação dos seres vivos. Despertar o interesse dos estudantes quanto à riqueza, o uso e à conservação da biodiversidade. Apresentar a relevância da aplicação de métodos e técnicas de preservação de plantas em herbários, assim como as relações entre Botânica e Museologia.						
EMENTA Estudo da Botânica incluindo os conceitos fundamentais da Biologia Vegetal relacionados à classificação da biodiversidade e à nomenclatura das plantas em um contexto aplicado à Museologia.						
BIBLIOGRAFIA BÁSICA PEIXOTO, A.L. 2003. Coleções biológicas de apoio ao inventário, uso sustentável e conservação da biodiversidade. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 238p. PEIXOTO, A.L.; BARBOSA, M.R.V.; MENESES, M.; MAIA, L.C. 2006. Diretrizes e estratégias para a modernização de coleções botânicas brasileiras com base na formação de taxonomistas e na consolidação de sistemas integrados de informação sobre biodiversidade. www.cgee.org.br/atividades/redirect/1679 PEIXOTO, A.L.; MAIA, L.C. (ed). 2013. Manual de procedimentos para herbários. Recife, Editora Universitária UFPE.						
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR BEDIAGA, B.; PEIXOTO, A.L.; FILGUEIRAS, T.S. 2016. Maria Bandeira: uma botânica pioneira no Jardim Botânico do Rio de Janeiro. História, Ciência, Saúde 23(3): 799-822. FIDALGO, O. & BONONI, V. L. R. 1989. Técnicas de coleta, preservação e herborização de material botânico. São Paulo: Instituto de Botânica. FIDALGO, O. & BONONI, V. L. R. 1989. Técnicas de coleta, preservação e herborização de material botânico. São Paulo: Instituto de Botânica. PEIXOTO, A.L. 1999. Brazilian botany on the threshold of the 21th century: looking through the scientific collections. Ciência e Cultura. 51 (1/2): 349-362.						

PEIXOTO, A.L. 1999. Brazilian botany on the threshold of the 21th century: looking through the scientific collections. *Ciência e Cultura*. 51 (1/2): 349-362.

RAVEN, P. H.; EVERT, R. F.; CURTIS, H. 1976. *Biologia vegetal*. Rio de Janeiro, Guanabara Dois.

RAVEN, P. H.; EVERT, R. F.; CURTIS, H. 1976. *Biologia vegetal*. Rio de Janeiro, Guanabara Dois.

SALATINO, A. & BUCKERIDGE, M. 2016. Mas de que serve saber botânica? *Estudos Avançados* 30(87): 177-196.

COMPONENTE CURRICULAR		CÓDIGO				
Documentação Museológica II		10790167				
Departamento ou equivalente: DMCOR/ICH						
CARGA HORÁRIA:		Distribuição de créditos				
Horas: 60		T	E	P	EAD	EXT
Créditos: 4				2		2
PRÉ-REQUISITO: Documentação Museológica I						
OBJETIVO Identificar, propor e discutir, em termos teóricos/práticos, perspectivas de ação referentes ao mais diversos aspectos concernentes ao dia-a-dia da documentação museológica. Desenvolver a perspicácia para a identificação de problemas e a proposta de soluções para os museus. Capacitar para a tomada mais adequada de decisões, em circunstâncias específicas. Aguçar a perspectiva crítico-reflexiva no que tange às diretrizes e convenções gerais estabelecidas para as práticas da documentação museológicas.						
EMENTA A disciplina visa a prática em atividades de documentação museológica. Através de supervisão em campo, propõem a problematização acerca de atividades de documentação de acervos realizadas em museus ou espaços correlatos. A Disciplina aplica créditos das atividades práticas em extensão através do projeto Documentação Museológica como ferramenta de comunicação com a comunidade (código do COCEPE 3362), ligado ao Programa Museologia Extracampi (código 232), do Curso de Museologia, cadastrado na Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFPel, ao qual o aluno deverá participar, com aproveitamento integral.						
BIBLIOGRAFIA BÁSICA CHAGAS, Mário – Pesquisa Museológica - In: Museu Instituição de Pesquisa, MAST, RJ, 2005						

FERREZ, Helena Dodd & BIANCHINI, Maria Helena S, Thesaurus para acervos museológicos. Fundação Nacional Pró-Memória, Coordenadoria Geral de Acervos Museológicos, MHN, Rio de Janeiro, 1987.

JULIÃO, Leticia – Pesquisa Histórica no Museu – In: Caderno de Diretrizes Museológicas 1, Secretaria de Estado da Cultura/Superintendência de Museus, Belo Horizonte, 2002.

SOUZA, Rosali Fernandez de. Thesaurus como linguagem de representação em informação, In: Documentação em Museus, MAST-Colloquia vol.10, Rio de Janeiro, 2008.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ACAM Portinari (org) Documentação e Conservação de Acervos Museológicos: diretrizes. ACAM Portinari, Governo do Estado de São Paulo, São Paulo, 2010.
https://www.sisemsp.org.br/wp-content/uploads/2013/12/Documentacao_Conservacao_Acervos_Museologicos.pdf

GRANATO, Marcus, SANTOS, Claudia Penha dos, LOUREIRO, Maria Lucia N. M. (orgs) Documentação em Museus. Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST, Rio de Janeiro, 2008.

MORO, Fernanda de Camargo- Museu: Aquisição/Documentação. Livraria Eça Editora, Rio de Janeiro, 1986

NASCIMENTO, Rosana – O objeto museal, sua historicidade: implicações na ação documental e na dimensão pedagógica do museu. Cadernos de Sociomuseologia – Centro de Estudos de Sociomuseologia, 11, ULHT, Lisboa, 1988.

RIBEIRO, Antonio Cláudio Lopes – As políticas de aquisição do MHN (1922x1996) In: Anais do MHN, n39, IPHAN, Rio de Janeiro, 2007.

COMPONENTE CURRICULAR		CÓDIGO				
Museus e Novas Tecnologias		10790088				
Departamento ou equivalente: DMCOR/ICH						
CARGA HORÁRIA:		Distribuição de créditos				
Horas: 60		T	E	P	EAD	EXT
Créditos: 4		4				
PRÉ-REQUISITO: não possui						
OBJETIVO Discutir sobre o potencial das novas tecnologias no escopo museológico, considerando-as, sobretudo, valiosas ferramentas de gestão e extroversão da informação.						
EMENTA						

O uso das novas tecnologias na concepção e implementação dos diferentes processos implicados na ação museológica.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

LÉVY, Pierre. Cibercultura. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2003,2007. 269 p. (Coleção Trans). ISBN 8573261269.

LÉVY, Pierre. O que é virtual?. 2.ed. São Paulo: Ed.34, 2017. 159 p. (Coleção Trans). ISBN 9788573260366.

CASTELLS. Manuel. O Museus na Era da Informação: conectores culturais de tempo e espaço. p.p.48-62 In: Museus sem lugar. Ensaios, Manifestos, Diálogos em Rede. Lisboa, 2015. ONLINE.

MUCHACHO, Rute. Museus virtuais: A importância da usabilidade na mediação entre o público e o objecto museológico. LIVRO DE ACTAS – 4º SOPCOM. 1540.ONLINE.

HENRIQUES, Rosali. Os Museus virtuais: conceitos e configurações. Cadernos de Sociomuseologia: v. 56 n. 12 (2018): Questões contemporâneas da Sociomuseologia. ONLINE.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

RECUERO, Raquel. Redes sociais na internet. Porto Alegre: Sulina, 2009. 191 p. (Colecao Cibercultura) ISBN 9788520505250 BIBLIOTECA ICH

PARENTE, André (Org.). Imagem-máquina: a era das tecnologias do virtual. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2011. 301 p. (Coleção TRANS) ISBN 0788585490270 BIBLIOTECA ICH

SEMINÁRIO INTERNACIONAL MUSEU, CIÊNCIA E TECNOLOGIA, 2006. Rio de Janeiro, RJ. Livro do Seminário Internacional. Rio de Janeiro: Museu Historico Nacional, 2007. 279 p. ISBN 9788585822071 BIBLIOTECA ICH

LOUREIRO, Maria Lucia.

Webmuseus de arte: aparatos informacionais no ciberespaço. Ciência da Informação, 33,dez. 2004. ONLINE.

WERTHEIN, Jorge. A sociedade da informação e seus desafios. Ci. Inf., Brasília, v. 29., n. 2, 2000. ONLINE

COMPONENTE CURRICULAR		CÓDIGO				
Conservação e Preservação I		10790096				
Departamento ou equivalente: DMCOR/ICH						
CARGA HORÁRIA:		Distribuição de créditos				
Horas: 60		T	E	P	EAD	EXT
Créditos: 4		4				

PRÉ-REQUISITO: não possui
OBJETIVO Geral: Compreender a importância da preservação e conservação preventiva dos bens de valor cultural, bem como da legislação sobre preservação patrimonial, destacando os seus agentes de degradação. Específicos: ● Apresentar a história da preservação dos bens culturais; ● Diferenciar os conceitos de preservação, conservação preventiva e restauração; ● Identificar os fatores de degradação do patrimônio cultural; ● Evidenciar a relevância da adoção de medidas de segurança e conservação dos bens culturais; ● Promover reflexões a respeito dos museus e da preservação patrimonial; ● Refletir acerca da importância da legislação patrimonial, das cartas e recomendações em âmbito nacional e internacional, bem como sobre o Inventário Nacional dos Bens Culturais Musealizados; ● Apresentar a importância do tombamento para a preservação patrimonial.
EMENTA Histórico da preservação de bens culturais. Conceitos básicos: preservação, conservação preventiva e restauração. Fatores de degradação: ação humana, condições ambientais, ataques biológicos e reações químicas. Medidas de segurança e conservação. Museus e preservação patrimonial. Legislação, cartas e recomendações nacionais e internacionais sobre preservação de bens culturais e naturais. Inventário Nacional dos Bens Culturais Musealizados. O tombamento e a preservação patrimonial. O registro de bens culturais de natureza imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro.
BIBLIOGRAFIA BÁSICA DRUMOND, Maria Cecília de Paula. Prevenção e conservação em museus. In: CADERNO de Diretrizes Museológicas. 2. ed. Brasília: Ministério da Cultura; Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional; Departamento de Museus e Centros Culturais; Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura; Superintendência de Museus, 2006. MENDES, Marylka (Org.). Conservação: conceitos e práticas. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2011. MUSEU DE ASTRONOMIA E CIÊNCIAS AFINS. Conservação de acervos. Rio de Janeiro: MAST, 2007. (MAST Colloquia; 9).
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

FUNARI, P.P.A. Os Desafios da Destruição e Conservação do Patrimônio Cultural no Brasil. Trabalhos de Antropologia e Etnologia, Porto, 41, ½, 2001, 23-32.

LEAL, Fernando Machado. Restauração e Conservação de monumentos brasileiros: subsídios para seu estudo. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1977.

MUSEUMS, LIBRARIES AND ARCHIVES COUNCIL. Museologia: roteiros práticos 9. Conservação de coleções. São Paulo: Edusp/ Fundação Vitae, 2005.

THE COUNCIL FOR MUSEUMS, ARCHIVES AND LIBRARIES. Museologia: roteiros práticos 4. Segurança de Museus. São Paulo: Edusp/ Fundação Vitae, 2003.

THE COUNCIL FOR MUSEUMS, ARCHIVES AND LIBRARIES. Museologia: roteiros práticos 5. Parâmetros para a conservação de acervos: um roteiro de auto-avaliação. São Paulo: Edusp/ Fundação Vitae, 2004.

COMPONENTE CURRICULAR				CÓDIGO	
Museu, Lazer e Turismo				08980052	
Departamento ou equivalente: DTUR					
CARGA HORÁRIA:		Distribuição de créditos			
Horas: 60	T	E	P	EAD	EXT
Créditos: 4	3				1
PRÉ-REQUISITO: não possui					
OBJETIVO					
Inserir os discentes na discussão sobre a relação entre cultura, patrimônio, museologia, lazer e turismo.					
EMENTA					
Elementos históricos e conceituais do Lazer e do Turismo. O turismo como fenômeno social. A experiência de lazer e de turismo contemporâneo e suas relações com o fenômeno museístico. Lazer, Turismo, cultura e Patrimônio. Museu, Lazer e Turismo. Disciplina que aplica créditos das atividades práticas em extensão através do Programa Museologia Extracampi (código 232), cadastrado na Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFPel.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
BARBOSA, Ycarim Melgaço. História das viagens e do turismo. São Paulo: Aleph, 2002 (Coleção ABC do Turismo).					
DIAS, Reinaldo. Turismo e patrimônio cultural: recursos que acompanham o crescimento das cidades. São Paulo: Saraiva, 2006.258 p.					
VASCONCELLOS, Camilo de Mello. Turismo e Museus. São Paulo: Aleph, 2006 (Coleção. ABC do turismo)					

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

CHAGAS, Mario de Souza e PIRES Vladimir Sibylla (orgs.). Território, museus e sociedade: práticas, poéticas e políticas na contemporaneidade. Rio de Janeiro: UNIRIO; Brasília: Instituto Brasileiro de Museus, 2018. Disponível em: https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2019/06/LIVRO-TERRITORIO-MUSEUS-E-SOCIEDADE_WEB____vers%C3%A3o-02.pdf

HARVEY, David. Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Loyola, 1999.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. Museu e Turismo: estratégias de Cooperação – BRASÍLIA, DF : IBRAM, 2014. Disponível em: https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/12/Museus_e_Turismo.pdf

SILVA, Carlos Esquivel Gomes da; PINTO, Rita de Cássia Santos; LOUREIRO, Katia Afonso Silva (Org.). Circuitos das casas-tela: caminhos de vida no Museu de Favela. Rio de Janeiro: MUF, 2012

Artigos Diversos

4º SEMESTRE

COMPONENTE CURRICULAR		CÓDIGO				
Arte e Cultura Brasileira e Latino-Americana		05000735				
Departamento ou equivalente: CA						
CARGA HORÁRIA:		Distribuição de créditos				
Horas: 60		T	E	P	EAD	EXT
Créditos: 4		4				
PRÉ-REQUISITO: não possui						
OBJETIVO						
Investigar as transformações da arte e da cultura no Brasil e na América Latina, investigar as causas determinantes dessas transformações e o pensamento estético-filosófico, favorecendo a apreciação crítica de obras de arte.						
Estudar as principais manifestações artísticas e culturais do século XVI aos nossos dias.						
Indicar e avaliar os momentos político-sociais e suas relações com a arte emergente em cada período.						
EMENTA						
Disciplina destinada a investigar as transformações da arte e da cultura brasileira e latino-americana através da análise de correntes de pensamento, contextos históricos e						

sociais relacionados a produção artística. A influência das matrizes ibéricas, indígenas e africanas na formação artística e cultural brasileira e latino-americana assim como movimentos artísticos e culturais importantes para compreensão da América Latina também são objetos de reflexão.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ADES, Dawn. Arte na América Latina. Rio de Janeiro: Cosac e Naify, 1997.

AMARAL, Aracy Abreu. Arte para quê? A preocupação social na arte brasileira, 1930-1970: subsídio para uma história social da arte no Brasil. São Paulo: Nobel, 1987.

ORTIZ, Renato. Cultura brasileira e identidade nacional. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BAUMAN, Zygmunt. A cultura no mundo líquido moderno. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BULHÕES, Maria Amélia ; KERN, Maria Lúcia Bastos (Org.). América Latina: territorialidade e práticas artísticas. Porto Alegre: Ed. UFRGS: 2002.

CANCLINI, Néstor García. Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: EDUSP, 2003, 2006.

HALL, Stuart. Da diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

MORAIS, Frederico. Artes plásticas na América Latina: do transe ao transitório. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

COMPONENTE CURRICULAR		CÓDIGO				
Zoologia		09050055				
Departamento ou equivalente: DEZG						
CARGA HORÁRIA:		Distribuição de créditos				
Horas: 60		T	E	P	EAD	EXT
Créditos: 4		4				
PRÉ-REQUISITO: não possui						
OBJETIVO						
Promover o aprendizado teórico-prático da zoologia geral munindo o aluno de conhecimentos necessários para a administração e manutenção de acervos zoológicos sobre sua responsabilidade.						
EMENTA						

Proporcionar a compreensão dos princípios teóricos e práticos da zoologia geral, abrangendo o conhecimento histórico, técnico, material e prático da atividade que envolve o profissional em museologia que tenha responsabilidade sobre acervos zoológicos tombados em museus.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

AHLERT, Douglas ; DORNELLES, José Eduardo Figueiredo. Orientador. Lista comentada das serpentes catalogadas na coleção herpetológica do Museu de Ciências Naturais Carlos Ritter da Universidade Federal de Pelotas, RS, Brasil [recurso eletrônico] / Douglas Ahlert; orientador José Eduardo Figueiredo Dornelles 75f. : il. TCC (Graduação em Ciências Biológicas) - Instituto de Biologia.Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014.

DORNELLES, José Eduardo Figueiredo. org. Guia da Biodiversidade do Acervo do Museu de Ciências Carlos Ritter : 2005-2008 / organizador José Eduardo Figueiredo Dornelles. 2. ed. Pelotas : Ed. e Gráfica da UFPel, 2005.

MELLO, Milton Thiago de. Animais silvestres e meio ambiente / Milton Thiago de Mello. Brasília : Sociedade Brasileira de Medicina Veterinária, 2006. 210 p. : il. (Agricultura, Zootecnia, Animais silvestres , Meio ambiente , Conservação da natureza.

OLIVEIRA, Éder Ribeiro; DORNELLES, José Eduardo Figueiredo; SOUZA, Daniel Maurício Viana. Estabelecimento de metodologia científica para análise do estado de conservação de espécimes de taxidermia artística do Museu de Ciências Naturais Carlos Ritter. Pelotas : Editora e Gráfica da UFPel, 2010.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BERBARE, Daniel de Alvarenga et al. 100 aves de Pelotas. 1. ed. Pelotas: do autor, 2019. [59 p.]

GOMES, Gustavo Crizel;Anúnciação, Jander fotógrafo Freitas, Thales Castilhos de fotógrafo ;Berbare, Daniel de Alvarenga [et al.], 100 aves de Pelotas 1ª Edição, Pelotas : do autor, 2019, 59 p.fots. color.

MORGANTI, Carlos.Taxidermia : entomologia, herbario / Carlos Morganti.Buenos Aires : Hobby, 1952.178 p. : il. (Entomologia, Herbários).

PÉREZ, Aquilino . Manual completo de taxidermia para el aficionado y el profesional / Aquilino Pérez, Barcelona : De Vecchi, 1981, 205 p. : il. ISBN 8431585129, (Taxidermia,biologia).

SIQUEIRA, Rodrigo. Organização do Banco de Dados sobre o acervo ornitológico do Museu de Ciências Naturais Carlos Ritter ? Pelotas/RS [recurso eletrônico] / Rodrigo de Oliveira Siqueira ; Orientadora Rosângela Lurdes Spironello, 2014. 60 f. : il. TCC (Bacharelado em Geografia) - Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014 .

COMPONENTE CURRICULAR				CÓDIGO			
Conservação e Preservação II				10790168			
Departamento ou equivalente: DMCOR/ICH							
CARGA HORÁRIA:			Distribuição de créditos				
Horas: 60			T	E	P	EAD	EXT
Créditos: 4			2		1		1
PRÉ-REQUISITO: Conservação e Preservação I							
OBJETIVO							
Geral:							
Capacitar os estudantes para o desenvolvimento de diagnóstico de conservação, bem como aplicação de procedimentos técnicos que assegurem a conservação e preservação de bens culturais.							
Específicos:							
● Promover encontros teóricos e encaminhamentos práticos a respeito da conservação e preservação patrimonial; ● Apresentar a estrutura do diagnóstico de conservação, a metodologia empregada e suas etapas de elaboração; ● Evidenciar a importância do monitoramento e controle ambiental, apontando fatores como iluminação, poluentes gasosos e particulados como sendo agentes de risco e degradação do patrimônio cultural; ● Apresentar os aparelhos e materiais para conservação em museus, bem como os equipamentos de proteção individual, salientando a relevância de sua utilização; ● Realizar aulas práticas de higienização mecânica a seco, elaboração de pastas de envelopes para conservação, acondicionamento em reserva e feitura de cantoneiras; ● Ressaltar a relevância da adoção de medidas de segurança e conservação dos bens, inclusive no que tange ao manuseio, embalagem e transporte dos acervos; ● Refletir acerca dos cuidados com a limpeza dos espaços museológicos, bem como a conservação dos acervos.							
EMENTA							
Diagnóstico de conservação. Monitoramento de temperatura e umidade relativa. Iluminação. Poluentes gasosos e particulados. Aparelhos e materiais para conservação em museus. Equipamentos de proteção individual - EPI. Higienização mecânica a seco. Acondicionamento e manutenção em Reserva Técnica. Manuseio, embalagem e transporte de acervos. Prevenção e segurança em museus. Cuidados com a limpeza dos espaços museológicos. Conservação de acervos museológicos: materiais de suportes orgânicos e inorgânicos. Disciplina que aplica créditos das atividades práticas em							

extensão através do Programa Museologia Extracampi (código 232), do Curso de Museologia, cadastrado na Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFPel.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

MENDES, Marylka (Org.). Conservação: conceitos e práticas. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2011.

MUSEU DE ASTRONOMIA E CIÊNCIAS AFINS. Conservação de acervos. Rio de Janeiro: MAST, 2007. (MAST Colloquia; 9).

TEIXEIRA, Lia Canola; GHIZONI, Vanilde Rohling. Conservação preventiva de acervos. Florianópolis: FCC, 2012. 74p. (Coleção Estudos Museológicos, v.1).

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

CALVO, Ana. Conservacion y restauracion: materiales, tecnicas y procedimientos de la A a la Z. 3. ed. Barcelona: Ediciones del Serbal, 2003.

FUNARI, P.P.A. Os Desafios da Destruição e Conservação do Patrimônio Cultural no Brasil. Trabalhos de Antropologia e Etnologia, Porto, 41, 1/2, 2001, 23-32.

GONZÁLEZ-VARAS, Ignacio. Conservación de bienes culturales: teoría, historia, principios y normas. 6. ed. Madri: Catedra, 2008. (Manuales Arte Cátedra).

THE COUNCIL FOR MUSEUMS, ARCHIVES AND LIBRARIES. Museologia: roteiros práticos 4. Segurança de Museus. São Paulo: Edusp/ Fundação Vitae, 2003.

THE COUNCIL FOR MUSEUMS, ARCHIVES AND LIBRARIES. Museologia: roteiros práticos 5. Parâmetros para a conservação de acervos: um roteiro de auto-avaliação. São Paulo: Edusp/ Fundação Vitae, 2004.

COMPONENTE CURRICULAR		CÓDIGO				
Comunicação em Museus		10790169				
Departamento ou equivalente: DMCOR/ICH						
CARGA HORÁRIA:		Distribuição de créditos				
Horas: 60		T	E	P	EAD	EXT
Créditos: 4		4				
PRÉ-REQUISITO: não possui						
OBJETIVO						
Apresentar e discutir o Museu enquanto um sistema formal de gerenciamento de informação, enfocando, sobretudo, o seu potencial comunicativo. Ao cabo da disciplina o aluno deverá ser capaz de reconhecer e agir sobre as principais mídias de comunicação museológica, assim como perceber as suas principais potencialidades e deficiências.						
EMENTA						

Estudo do museu como sistema comunicacional; estudo das metodologias de interpretação do real e sua adequação aos códigos de percepção das sociedades; o museu como sistema sógnico; recepção e avaliação de públicos; leitura semântica de exposições; acessibilidade em museus.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

FREIRE, Paulo. Extensão ou comunicação. 10. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

LE COADDIC, Yves-François. A ciência da informação. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2004.

VARINE, Hugues de. Museus e desenvolvimento social: balanço crítico. SANTOS, MCTM. Encontros Museológicos: reflexões sobre a museologia, a educação e o museu. Rio de Janeiro: MinC/DEMU, p. 12-20, 2008.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

MAGALHÃES, Aline Montenegro; BEZERRA, Rafael Zamorano; BENCHETRIT, Sarah Fassa (Org.). Museus e comunicação: exposições como objeto de estudo. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2010.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira (Org.). O ICOM-Brasil e o pensamento museológico brasileiro: documentos selecionados. São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2010.

DEBARY, Octave. Antropologia dos restos: da lixeira ao museu. Pelotas: UM2 Comunicação, 2017. 137 p. ISBN 9788566576115. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/ppgmp/files/2016/11/Antropologia-dos-Restos.pdf>. Acesso em: 13 maio 2019.

GIRANDY, Daniele. O museu e a vida. Rio de Janeiro: Fundação Nacional Pró-Memória; Porto Alegre : Instituto Estadual do Livro - RS.; Belo Horizonte : UFMG, 1990.

LOPES, Maria Margaret. O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX. 2. ed. São Paulo: HUCITEC ; Brasília : UnB, 2009. 369 p. (Logica e filosofia da ciencia. Serie historia da ciencia e da tecnologia). ISBN 9788527104258.

COMPONENTE CURRICULAR		CÓDIGO				
História Geral do Brasil		10900040				
Departamento ou equivalente: DH						
CARGA HORÁRIA:		Distribuição de créditos				
Horas: 60		T	E	P	EAD	EXT
Créditos: 4		4				
PRÉ-REQUISITO: não possui						

OBJETIVO
Desenvolver no discente a capacidade organizar os conceitos sobre a história do Brasil, relacionando os fatos com o desenvolvimento dos museus no país.
EMENTA
Estudo e compreensão da História do Brasil a partir da chegada da família real portuguesa até a atualidade brasileira no século XXI.
BIBLIOGRAFIA BÁSICA
FAUSTO, Boris. História do Brasil. 6. ed. São Paulo: Ed. USP : Fundação de Desenvolvimento da Educação, 1998.
HOLANDA, Sérgio Buarque de (Dir.). O Brasil monárquico. Tomo II: O progresso de emancipação, v.1. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993.
PINHEIRO, Paulo Sérgio et.al. O Brasil republicano: sociedade e instituições (1889-1930). 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR
BASTOS, Pedro Paulo Zahluth; FONSECA, Pedro Cezar Dutra (Org.). A era Vargas: desenvolvimento, economia e sociedade. São Paulo: UNESP, 2012.
CUNHA, Manuela Carneiro da (Org.). História dos índios no Brasil. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras ; Secretaria Municipal de Cultura ; FAPESP, 2006.
FLORENTINO, Manolo. Em costas negras: uma história do tráfico de escravos entre a África e o Rio de Janeiro (séculos XVIII e XIX). São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
GASPARI, Elio. A ditadura encurralada. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
PESAVENTO, Sandra Jatahy. A burguesia gaúcha: dominação do capital e disciplina do trabalho, RS 1889-1930. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

COMPONENTE CURRICULAR				CÓDIGO		
Arquitetura de Museus				14120002		
Departamento ou equivalente: DAURB						
CARGA HORÁRIA:		Distribuição de créditos				
		T	E	P	EAD	EXT
		2				
Horas: 30						
Créditos: 2						
PRÉ-REQUISITO: não possui						
OBJETIVO						

Ao final do curso o aluno deverá ser capaz de identificar as características da arquitetura do renascimento ao neoclassicismo; as principais características espaciais dos museus e de sua inserção na cidade contemporânea.

EMENTA

Introdução à história da Arquitetura. O edifício museu e suas características físicas e espaciais. A inserção de equipamentos culturais no contexto urbano da cidade contemporânea.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

HUGLES, Philip. Diseño de exposiciones. Barcelona: Promopress, 2010

SEGRE, Roberto. Museus brasileiros = Brazilian museums. Rio de Janeiro: Viana & Mosley, 2010.

TELLES, Augusto Carlos da Silva. Atlas dos monumentos históricos e artísticos do Brasil. 2. ed. Rio de Janeiro: MEC ; SEAC ; FENAME, 1980.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BOYLAN, Patrick J. (coord.). Como gerir um museu: manual prático. Paris: ICOM/UNESCO, 2004.

BRASIL – Lei nº 7.287, de 18 de dezembro de 1984. Dispõe sobre a regulamentação da profissão de Museólogo.

BRASIL – Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009. Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências.

CHAGAS, Mário de Souza; NASCIMENTO JUNIOR, José do (orgs.). Subsídios para a criação de museus municipais. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura / Instituto Brasileiro de Museus e Centros Culturais / Departamento de Processos Museais, 2009.

FISCHMANN, Daniel Pitta. O projeto de museus no movimento moderno: principais estratégias nas décadas 1930-60. 2003. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura .

PROPAR. Faculdade de Arquitetura. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

FRAGA, Carlos André Soares. Museus, pavilhões e memoriais: a arquitetura de Oscar Niemeyer para exposições. 2006. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura.

PROPAR. Faculdade de Arquitetura. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

KIEFER, Flávio. MAM Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro MASP Museu de Arte de São Paulo: paradigmas brasileiros na arquitetura de museus. 1998. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura / PROPAR. Faculdade de Arquitetura. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.

POULOT, Dominique. Museu e museologia. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013

COMPONENTE CURRICULAR Arquitetura dos Espaços Expositivos		CÓDIGO 10790170				
Departamento ou equivalente: DMCOR/ICH						
CARGA HORÁRIA:		Distribuição de créditos				
Horas: 30		T	E	P	EAD	EXT
Créditos: 2		1		1		
PRÉ-REQUISITO: não possui						
OBJETIVO Ao final do curso o aluno deverá ser capaz de identificar os principais parâmetros que incidem na qualificação ambiental do espaço dos museus e aplicá-los na organização interna dos espaços expositivos						
EMENTA Estudo dos principais parâmetros que respondem pela funcionalidade, estética e segurança dos espaços e suportes expositivos, com vistas a sua organização e planejamento. Estudo de caso.						
BIBLIOGRAFIA BÁSICA CARDOSO, Eduardo; CUTY, Jeniffer (Autor). Acessibilidade em ambientes culturais. Porto Alegre: Marca Visual, 2012. 174 p. (615.8515 C268) HUGHES, Philip. Diseño de exposiciones. Londres: Promopress, 2010. 2 ed. (727 H894d) IIDA, Itiro. Ergonomia: projeto e produção. 2. ed. São Paulo: Edgard Blucher, 2005, 2010. 614 p. (620.82 I25e 2.ed.) SALASAR, Desirée Nobre. Um museu para todos: manual para programas de acessibilidade. Pelotas: Ed. da UFPel, 2019. 65 p. Disponível em: < http://guaiaca.ufpel.edu.br:8080/handle/prefix/4390 >. Acesso em: 20 maio 2019. SEGRE, Roberto. Museus brasileiros. Rio de Janeiro: Viana & Mosley, 2010. 200 p. (069.0981 S455m)						
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR BURDEN, Ernest. Dicionário ilustrado de arquitetura. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2006. 367 p. 2.ed. 2006. (R720.3 B949d) BUXTON, Pamela. Manual do arquiteto planejamento, dimensionamento e projeto. 5. Porto Alegre Bookman 2017 1 recurso online KIEFER, Flavio. MAM e MASP: paradigmas brasileiros na arquitetura de museus. [Porto Alegre]: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1998. 186 p. (727.6 K47m)						

PINHEIRO, Antonio Carlos da Fonseca Bragança. Conforto ambiental iluminação, cores, ergonomia, paisagismo e critérios para projetos. São Paulo Erica 2014 1 recurso online

SILVA, Mauri Luiz da. Luz, Lâmpadas e Iluminação. Porto Alegre: M. L. da Silva; 2002. (621.3028 S5861)

WEIGEL, R. G. Luminotecnia, susprincípios y aplicaciones. Barcelona: Gustavo Gilli, 1973. (621.32 W419l)

5º SEMESTRE

COMPONENTE CURRICULAR				CÓDIGO		
Iconografia				05000048		
Departamento ou equivalente: CA						
CARGA HORÁRIA:		Distribuição de créditos				
Horas: 60		T	E	P	EAD	EXT
Créditos: 4		4				
PRÉ-REQUISITO: não possui						
OBJETIVO Aprofundar conceitos necessários ao estudo de imagens em diversos períodos da história das artes visuais. Apresentar e debater os processos de análise (iconográfica) e interpretação (iconológica) de arte figurativa em diferentes circunstâncias.						
EMENTA Disciplina destinada a aprofundar conceitos necessários à análise iconográfica de imagens em diversos períodos da história das artes visuais. Pretende-se considerar e discutir as tradições interpretativas dos objetos portadores de imagem em diversas culturas e períodos. Priorizaremos neste semestre a tradição imagética ocidental, da qual a sociedade contemporânea e as ciências humanas são muitas vezes tributárias.						
BIBLIOGRAFIA BÁSICA AUMONT, Jacques. A imagem. 16. ed. Campinas: Papirus, 2011. 331 p. (Coleção Ofício de Arte e Forma). DIDI-HUBERMAN, Georges. O que vemos, o que nos olha. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2014. 263 p. (Coleção trans). LEROI-GOURHAN, André. O gesto e a palavra. Lisboa: Edições 70, 1985, 1990. 2v. (Coleção perspectivas do homem; 16) PANOFSKY, Erwin, 1892-1968. Estudos de iconologia: temas humanísticos na arte do Renascimento. Lisboa: Estampa, 1986. 237 p. (Imprensa universitária).						

XAVIER, Ismail (Org.). A experiência do cinema: antologia. 4. ed. Rio de Janeiro: Ed. Graal : Embrafilmes, 2008. 483 p.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

CASIMIRO, Luís Aberto. Iconografia da anunciação: símbolos e atributos. Revista da Faculdade de Letras. Ciência e Técnicas do Patrimônio. Porto 2008-2009, I Série vol. VII-VIII, p. 152-174. Disponível em:

<https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/9411.pdf>

KOSSOVITCH, Leon. O Plástico e o Discurso. Revista Discurso no. 7, 1976, p. 111-137. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/discurso/article/view/37803/40530>

PORTUGAL, Daniel B; ROCHA, Rose de Melo. Como Caçar (e ser caçado por) imagens: entrevista com W.J.T. Mitchell. In: Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação. Brasília, V.12, n.1, jan/abril. 2009. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/376/327>

RIPA, Cesare. Iconologia. Madri: Akal, 1987. Disponível em: <https://warburg.sas.ac.uk/pdf/noh390b2714105.pdf>

WOODFORD, Susan. A arte de ver a arte. Rio de Janeiro: Zahar, 1983. 112 p.

COMPONENTE CURRICULAR		CÓDIGO				
Ciência, Divulgação Científica e Museus		10790171				
Departamento ou equivalente: DMCOR/ICH						
CARGA HORÁRIA:		Distribuição de créditos				
Horas: 60		T	E	P	EAD	EXT
Créditos: 4		4				
PRÉ-REQUISITO: não possui						
OBJETIVO						
Discutir os domínios socioculturais que envolvem a representação ocidental moderna dos processos e produtos científicos no universo museológico.						
EMENTA						
Estudo da emergência dos museus como um dos contextos contemporâneos de divulgação da ciência para o público em geral. Desenvolvimento histórico e fundamentação sociocultural da ciência, a partir de diferentes perspectivas teórico-epistemológicas. Características, tipologias, funções, agentes e instrumentos dos museus de ciência. Conceitos e noções acerca da divulgação científica, enfatizando uma análise crítico-reflexiva sobre suas potencialidades e controvérsias no âmbito museológico.						
BIBLIOGRAFIA BÁSICA						

BAUMGARTEN, Maíra. Conhecimento e sustentabilidade: políticas de ciência, tecnologia e inovação no Brasil contemporâneo . Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2008.

LOPES, Maria Margaret. O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX. 2. ed. São Paulo: HUCITEC ; Brasília : UnB, 2009.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870 - 1930). São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BORGES, Maria Eliza Linhares. Inovações, coleções, museus. São Paulo Autêntica 2011

GRAMSCI, Antonio. Os intelectuais e a organização da cultura. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

SEMINÁRIO INTERNACIONAL MUSEU, CIÊNCIA E TECNOLOGIA, 2006. Rio de Janeiro, RJ. Democratização da memória: a função social dos museus ibero-americanos. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2008.

COMPONENTE CURRICULAR		CÓDIGO				
Expografia I		10790018				
Departamento ou equivalente: DMCOR/ICH						
CARGA HORÁRIA:		Distribuição de créditos				
Horas: 60		T	E	P	EAD	EXT
Créditos: 4		4				
PRÉ-REQUISITO: não possui						
OBJETIVO						
Geral:						
Habilitar os estudantes do Bacharelado em Museologia a desenvolverem critérios para o bom planejamento de uma exposição, além de torná-los aptos a promoverem a acessibilidade dos seus públicos e de fomentarem novos e enriquecedores discursos expositivos.						
Específicos:						
● Relacionar a prática sistematizada de planejamento institucional à programação criteriosa de exposições museológicas; ● Compreender a relevância do papel desempenhado pelos museus frente à sociedade, em especial no que tange à construção do discurso expográfico; ● Identificar os elementos determinantes da exposição museológica, tendo em vista a importância do Estatuto dos Museus;						

- Analisar a exposição museológica do ponto de vista comunicacional;
- Compreender a relevância da adoção de práticas avaliativas e analíticas acerca dos resultados da exposição.

EMENTA

Teoria sobre planejamento e programação de exposições. Análise da relação entre gestão, o planejamento institucional e a exposição, observando o impacto da atuação do museu com a sociedade, identificando os elementos determinantes da exposição no que tange ao cumprimento do Estatuto dos Museus. Conceito de exposição como instrumento comunicacional dentro dos museus. Estudo sobre os instrumentos de avaliação dos resultados de uma exposição. Estudo sobre exposição de acervos. Curadoria e pesquisa de acervo.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

CURY, Marília Xavier. Exposição: concepção, montagem e avaliação. São Paulo: Annablume, 2006.

CURY, Marília Xavier. Marcos teóricos e metodológicos para recepção de museus e exposições. UNIrevista - Vol. 1, nº 3 : (julho 2006) ISSN 1809-4651.

POLO, Maria Violeta. Destaques da expografia brasileira. PESQUISA EM DEBATE • Ano I • n. 1 • jul-dez 2004 • p. 57-62.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BELCHER, Michael. Organización y diseño de exposiciones: su relación con el museo. España: Ediciones Trea, 2.ed, 1997.

DE LARA FILHO, Durval. Museu: de espelho do mundo a espaço relacional. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Área de concentração Cultura e Informação, Linha de pesquisa Mediação e Ação Cultural. Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006.

FERNANDÉZ, Luis Alonso. Museologia e Museografia. Barcelona: Ediciones del Serbal, 3. ed, 2006.

MAGALHÃES, Alice M. Museus e Comunicação: Exposições como objeto de Estudo. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2010.

MESTRE, Joan S.; ANTOLÍ, Núria S. (orgs). Museografía didáctica. España: Ariel, 2005.

COMPONENTE CURRICULAR		CÓDIGO 10900041
História Platina		
Departamento ou equivalente: DH		
CARGA HORÁRIA:	Distribuição de créditos	

Horas: 60	T	E	P	EAD	EXT
Créditos: 4	4				
PRÉ-REQUISITO: não possui					
OBJETIVO Fornecer ao aluno um panorama da história regional, desde o período da conquista aos dias de hoje					
EMENTA A disciplina trata da história das populações originárias na Bacia do Prata e o seus primeiros contatos com os europeus, o período de colonização e a formação das distintos complexos socioeconômicos da região; Discute os conflitos, guerras e tratados que ocorreram na fronteira colonial luso-hispânica, a formação dos estados nacionais e as interações internacionais na região do Prata; Estuda o processo de abolição da escravidão, a expansão do capitalismo e da modernidade, discutindo as principais transformações socioeconômicas, políticas e culturais ocorridas nos séculos XIX e XX.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA FAUSTO, Boris; DEVOTO, Fernando. Brasil e Argentina: um ensaio de História comparada (1850-2002). São Paulo: Ed. 34, 2005. REICHEL, Heloisa e GUTFREIND, Ieda. As raízes históricas do Mercosul. A região platina colonial. São Leopoldo: UNISINOS, 1996. DI TELLA, Torcuato. História social da Argentina Contemporânea. Brasília: FUNAG, 2017. GRIJÓ, Luiz A. et. ali (Org.). Capítulos de história do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004. PADRÓS, Enrique S. (Org.). Cone sul em tempos de ditadura: reflexões e debates sobre a história recente. Porto Alegre: Evangraf/UFRGS, 2013.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR BANDEIRA, L. A. Moniz, O expansionismo brasileiro e a formação dos estados na bacia do Prata. Brasília: Ed. da UnB, 1995. PESAVENTO, Sandra J. História do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980. POSSAMAI, Paulo C. A vida cotidiana da Colônia do Sacramento (1715-1735). Lisboa: Livros do Brasil, 2006. REICHEL, Heloisa Jochims. As raízes históricas do Mercosul: a Região Platina colonial. São Leopoldo: [s.n.], 1996. 212 p. ISBN 8585580577. VARGAS, Jonas M. “Os Barões do charque e suas fortunas”: um estudo sobre as elites regionais brasileiras a partir de uma análise dos charqueadores de Pelotas (RS, século XIX). São Leopoldo: Editora Oikos, 2016.					

COMPONENTE CURRICULAR Ação Cultural e Educação em Museus I				CÓDIGO 10790172		
Departamento ou equivalente: DMCOR/ICH						
CARGA HORÁRIA:		Distribuição de créditos				
Horas: 60		T	E	P	EAD	EXT
Créditos: 4		2		2		
PRÉ-REQUISITO: não possui						
OBJETIVO Debater conceitos de educação em museus. Conhecer experiências educativas de diversas instituições museais. Refletir sobre o papel da ação educativa na relação patrimônio cultural, museu e sociedade; Discutir e analisar a dimensão pedagógica dos museus, e as estratégias e metodologias utilizadas em diferentes contextos; Discutir e analisar propostas de projetos, a partir do referencial teórico e das experiências apresentadas; Desenvolver projetos educativos para instituições culturais.						
EMENTA A disciplina de Ação Cultural e Educativa em Museus I propõe conhecer e estudar práticas educativas que acontecem em museus e instituições culturais e que têm seu foco no patrimônio. Também propõe refletir sobre o papel da educação para o patrimônio dentro destas instituições e para seus diferentes públicos e sobre os elementos necessários à concepção e elaboração de projetos de ação educativa. Para tanto, serão estudados diversos temas: educação para o patrimônio no Brasil; diferentes metodologias, experiências, materiais e projetos de educação para o patrimônio; educação museal em instituições de diferentes tipologias; avaliação e observação de ações educativas. A disciplina se vale de bibliografia mas também de materiais e jogos da Mediateca do LEP – Laboratório de Educação para o Patrimônio; da observação de ações educativas em museus locais e do acompanhamento de experiências on line.						
BIBLIOGRAFIA BÁSICA FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 24. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002. HORTA, Maria de Lourdes; GRUNBERG, Evelina. Guia básico de educação patrimonial. Brasília: IPHAN ; Rio de Janeiro : Museu Imperial, 1999. MUSAS: revista brasileira de museus e museologia. Brasília: José Neves Bittencourt, 2004						
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR BARBOSA, Maria Helena R. - Ações educativas em museus de arte: entre políticas e práticas, 2012.						

CASTRO, F; SOARES,O; COSTA, A. Educação museal : conceitos, história e políticas. Rio de Janeiro : Museu Histórico Nacional, 2020.

CURY, MARÍLIA X. Educação em Museus: Panorama, Dilemas e Algumas Ponderações, 2013.

LIRA, Daniela. Educação patrimonial: políticas, relações de poder e ações afirmativas, 2016.

MARANDINO, et alii. A educação em museus e os materiais educativos, 2016.

MARANDINO, Martha. Transposição ou recontextualização? Sobre a produção de saberes na educação em museus de ciências, 2004.

PINHEIRO, Aurea. Patrimônio cultural e museus: por uma educação dos sentidos, 2015.

6º SEMESTRE

COMPONENTE CURRICULAR		CÓDIGO				
Memória e Patrimônio		10790173				
Departamento ou equivalente: DMCOR/ICH						
CARGA HORÁRIA:		Distribuição de créditos				
Horas: 60		T	E	P	EAD	EXT
Créditos: 4		4				
PRÉ-REQUISITO: não possui						
OBJETIVO						
Dominar conceitualmente memória e patrimônio, aplicando esses conceitos aos temas contemporâneos nesse campo.						
EMENTA						
Discutir memória e patrimônio de forma integrada, dando ênfase aos processos memoriais e ao patrimônio na perspectiva histórica e contemporânea. Para tanto, serão abordados temas tais como memórias subterrâneas, memórias traumáticas, mimese, resistência, tradução, memórias e identidades diaspóricas e indígenas, e processos de institucionalização ou de disputa em torno do patrimônio cultural de afrodescendentes, indígenas e outros atores subalternizados em âmbito nacional e internacional.						
BIBLIOGRAFIA BÁSICA						
BOSI, E. Memória e Sociedade: lembrança de velhos. São Paulo, Companhia das Letras, 1985, p.5-29						
CHOAY, Françoise. A alegoria do patrimônio. São Paulo: Editora UNESP						

CHUVA, Márcia. Os arquitetos da memória: sociogênese das práticas de preservação do patrimônio cultural no Brasil (anos 1930-1940). Rio de Janeiro: UFRJ, 2009. p. 143-194;
 SAID, E. W. Orientalismo. O oriente como invenção do ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
 SILVA, T.T., HALL, S., WOODWARD, K. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BHABA. O Local da Cultura. Minas Gerais: Editora UFMG, 1998. p. 105-138.
 CASTRO, Eduardo Viveiros de. A inconstância da alma selvagem: e outros ensaios de antropologia. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.
 FONSECA, Maria Cecília Londres. O patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ ; MINC IPHAN, 2005.
 HALL, Stuart. Da diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
 CASTRO, Eduardo Viveiros de. A inconstância da alma selvagem: e outros ensaios de antropologia. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

COMPONENTE CURRICULAR		CÓDIGO				
Expografia II		10790174				
Departamento ou equivalente: DMCOR/ICH						
CARGA HORÁRIA:		Distribuição de créditos				
Horas: 60		T	E	P	EAD	EXT
Créditos: 4		2				2
PRÉ-REQUISITO: Expografia I						
OBJETIVO						
Orientar os debates, a organização e a elaboração de projeto de exposição curricular, a ser implementado em semestre subsequente.						
EMENTA						
Elaboração de projeto de exposição museológica curricular. Disciplina que aplica créditos das atividades práticas em extensão através do Programa Museologia Extracampi (código 232), do Curso de Museologia, cadastrado na Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFPel.						
BIBLIOGRAFIA BÁSICA						
CADERNO de diretrizes museológicas. 2. ed. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura; Superintendência de Museus. Ministério da Cultura; Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional; Departamento de Museus e Centros Culturais., 2006.						

CADERNOS DE SOCIOMUSEOLOGIA. Lisboa: Instituto de Educação da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 1993.

FERNANDES, Maria Luiza Pacheco (Trad.). Planejamento de exposições. São Paulo: EDUSP, 2001.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BELCHER, Michael. Organización y diseño de exposiciones: su relación con el museo. España: Ediciones Trea, 2.ed, 1997.

DE LARA FILHO, Durval. Museu: de espelho do mundo a espaço relacional. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Área de concentração Cultura e Informação, Linha de pesquisa Mediação e Ação Cultural. Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006.

DESVALLÉES, André ; MAIRESSE, François (Ed.). Conceitos-chave de museologia. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, Pinacoteca do Estado de São Paulo, Secretaria de Estado da Cultura, 2013.

EXPOSIÇÕES temporárias do Museu de Ciências e Tecnologia - PUCRS: Catálogo 2008-2009. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

IBERMUSEUS = IBERMUSEOS, 1., 2007. Salvador, BA. [Memórias do] I Encontro Ibero-Americano de Museus: realizado de 26 a 28 de junho de 2007, em Salvador, Bahia. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Departamento de Museus e Centros Culturais, 2008.

COMPONENTE CURRICULAR		CÓDIGO				
Gestão de Museus		10790036				
Departamento ou equivalente: DMCOR/ICH						
CARGA HORÁRIA:		Distribuição de créditos				
Horas: 60		T	E	P	EAD	EXT
Créditos: 4		4				
PRÉ-REQUISITO: Documentação Museológica I						
OBJETIVO						
Gerais: Familiarizar o aluno com as questões teóricas e práticas que norteiam a gestão de museus e de coleções museológicas, bem como analisar as questões legais e éticas que regem as práticas profissionais de museus. Capacitar o aluno para o planejamento e execução de programas eficientes de aquisição, salvaguarda e comunicação de coleções museológicas em suas diversas manifestações						

Específicos:

Pensar o espaço físico e o corpo funcional dos museus contemporâneos

Apresentar e discutir as políticas contemporâneas de gestão de museus e coleções

Argumentar e problematizar os programas de acervos em termo de aquisição e descarte de coleções

Discutir as potencialidades e os limites da programação museológica

EMENTA

Noções de gerenciamento de museus e de coleções museológicas; análise das legislações nacionais e internacionais que regem as práticas museológicas de aquisição, salvaguarda e comunicação de acervos; os códigos de conduta ética dos profissionais de museus. Estudo e análise de “Planos e Programas Museológicos” em instituições com natureza de museu, públicas e privadas; composição dos recursos humanos e estruturação espacial das coleções, assim como os procedimentos para efetuar os seus deslocamentos internos e externos. Noções básicas de adequação dos espaços para a acessibilidade dos mais diversos públicos. Princípios de segurança física e informacional das coleções que compõem os museus.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ALONSO FERNÁNDEZ, Luis. *Museología y museografía*. Barcelona: Del Serbal, 1999. 383 p. (Cultura artística.). ISBN 97884762822762 .

BARJA, Wagner (Org.). *Gestão museológica: questões teóricas e práticas = Museum management: theory and practice*. Brasília: Centro de Documentacao e Informacao, 2013. 347 p. (Série obras em parceria ; 7). ISBN 9788540201095 .

MASON, Timothy. *Gestão museológica: desafios e práticas*. São Paulo: EDUSP, 2004. 91 p. (Série museológica ; 7). ISBN 8531408466 .

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BEVILACQUA, Gabriel Moore Forell et al. (Org.). *Spectrum 4.0: padrão para gestão de coleções de museus do Reino Unido (Collections Trust)*. São Paulo: Museu da Imigração do Estado de São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo: Secretaria da Cultura, 2014. 254 p. (Gestão e documentação de acervos: textos de referência ; v.2). ISBN 9788582560389 .

BRASIL. Congresso Nacional. Câmara dos Deputados (Org.). *Legislação sobre museus*. 2.ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2013. 159 p. (Série Legislação ; 79). ISBN 9788540200562 .

COHEN, Regina; DUARTE, Cristiane Rose de Siqueira; BRASILEIRO, Alice de Barros Horizonte. *Acessibilidade a museus*. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus, 2012. 191 p. (Cadernos museológicos ; v. 2). ISBN 9788563078193 .

FABBRI, Angelica; ASSOCIAÇÃO CULTURAL DE AMIGOS DO MUSEU CASA PORTINARI; (Org.). *Documentação e conservação de acervos museológicos: diretrizes*. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, Brodowski: ACAM Portinari, 2010. 112 p. ISBN 9788563566010 .

ONO, Rosária; MOREIRA, Kátia Beatriz. Segurança em museus. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus, 2011. 166 p. (Cadernos museológicos ; v. 1) ISBN 9788563078155 .

COMPONENTE CURRICULAR		CÓDIGO				
Musealização do Patrimônio Arqueológico		10790089				
Departamento ou equivalente: DMCOR/ICH						
CARGA HORÁRIA:		Distribuição de créditos				
Horas: 60		T	E	P	EAD	EXT
Créditos: 4		4				
PRÉ-REQUISITO: não possui						
OBJETIVO Gerais: Apresentar e discutir os princípios e as potencialidades dos processos de musealização do patrimônio arqueológico em museus e instituições congêneres, e suas interseções com a Arqueologia Pública e Educação Patrimonial. Específicos: Discutir os princípios e as potencialidades dos processos de musealização aplicados ao patrimônio arqueológico. Discutir as problemáticas inerentes à exposição de materiais arqueológicos no que se refere à degradação dos mesmos por agentes ambientais e pela ação humana. Problematizar os procedimentos museológicos de salvaguarda e comunicação das coleções arqueológicas em museus e instituições congêneres.						
EMENTA Estudo dos processos de curadoria, gestão e políticas de representação de coleções arqueológicas em museus. Desdobramentos históricos dos museus de história natural e das coleções arqueológicas musealizadas. Discussão dos princípios e potencialidades dos processos de musealização aplicados às coleções arqueológicas. Princípios e parâmetros de representação pública da arqueologia, e seus limites e reciprocidades com a Arqueologia Pública.						
BIBLIOGRAFIA BÁSICA BASTOS, Rossano Lopes; SOUZA, Marise Campos de; GALLO, Haroldo (Org.). Normas e gerenciamento do patrimônio arqueológico. São Paulo: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. 9ª Superintendência Regional, 2005. 201 p. ISBN 859954201X .						

CURY, Marília Xavier ; VASCONCELLOS, Camilo de Mello ; ORTIZ, Joana Montero (Coord.). Questões indígenas e museus: debates e possibilidades. Brodowski: ACAM Portinari, São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, Secretaria de Estado da Cultura, 2010, 2012. (Coleção museu aberto) ISBN 9788563566119

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. Arqueologia. São Paulo: Contexto, 2003. 125 p. ISBN 85-724-4251-0 .

FUNARI, Pedro Paulo Abreu; CAMPOS, Juliano Bitencourt; RODRIGUES, Marian Helen da Silva Gomes (Org.). Arqueologia pública e patrimônio: questões atuais. Criciúma: Unesc, 2015. 525 p. ISBN 9788584100361

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves; VIDAL, Diana Gonçalves (Org.). Museus: dos gabinetes de curiosidades à museologia moderna. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2005. 239 p. ISBN 8598885053 .

CHAGAS, Mário de Souza; PIRES, Vladimir Sibylla (Org.). Território, museus e sociedade: práticas, poéticas e políticas na contemporaneidade. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2018. 306 p. (Coleção Museu, Memória e Cidadania ; 12). ISBN 9788561066727.

ANAIAS DO MUSEU PAULISTA: história e cultura material. São Paulo: USP, 1922-. Semestral. ISSN 0101-4714 .

KUBRUSLY, Clarisse Quintanilha. A experiência etnográfica de katarina Real (1927-2006): colecionando maracatus em Recife. Brasília: MinC, 2011. 142 p. (Coleção Museu, Memória e Cidadania). ISBN 9788563078179 .

MENDONÇA, Elizabete de Castro; SILVA, Junia Gomes da Costa Guimarães e (Org.). Bens culturais musealizados: políticas públicas, preservação e gestão. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2014. 195 p. ISBN 9788560672035 .

REVISTA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. Distrito Federal: IPHAN / Superintendencia do Iphan do Distrito Federal, 1946-. Semestral. ISSN 0102-2571 .

COMPONENTE CURRICULAR		CÓDIGO				
Ação Cultural e Educação em Museus II		10790175				
Departamento ou equivalente: DMCOR/ICH						
CARGA HORÁRIA:		Distribuição de créditos				
Horas: 60		T	E	P	EAD	EXT
Créditos: 4						4
PRÉ-REQUISITO: Ação Cultural e Educação em Museus I						
OBJETIVO						

Debater conceitos de educação em museus. Conhecer experiências educativas de diversas instituições museais. Desenvolver projetos educativos. Propor ações educativas para museus locais

EMENTA

Aprofundamento das leituras e discussões sobre educação para o patrimônio. Elaboração de projetos de ações educativas em museus da região. Prática: proposta, aplicação e avaliação de ações educativas. Disciplina que aplica créditos das atividades práticas em extensão através do Programa Museologia Extracampi (código 232), do Curso de Museologia, cadastrado na Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFPel.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HORTA, Maria de Lourdes; GRUNBERG, Evelina. Guia básico de educação patrimonial. Brasília: IPHAN ; Rio de Janeiro : Museu Imperial, 1999.

SANTOS, Maria Célia Teixeira Moura. Encontros museológicos: reflexões sobre a museologia, a educação e o museu. Rio de Janeiro: Minc/IPHAN/DEMU, 2008.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

MOURA, Maria Teresa Teixeira de (Coord.). Cartilha de educação patrimonial: expansão da Mina São Luiz. São Luis: Sete soluções, 2009.

MUSAS: revista brasileira de museus e museologia. Brasília: José Neves Bittencourt, 2004.

SERRES, Juliane Conceição Primon; FERREIRA, Maria Letícia Mazzucchi (Coord.); MARCHI, Darlan de Mamann; KNACK, Eduardo Roberto Jordão; POLONI, Rita Juliana Soares (Org.). Memória & patrimônio: lugares, sociabilidades e educação : volume I. Pelotas: Ed. da UFPel, 2019. 240 p. ISBN 9788551700600 (v.1). Disponível em: <http://guaiaca.ufpel.edu.br:8080/handle/prefix/4931>. Acesso em: 16 jun. 2020.

MARANDINO, Martha. Transposição ou recontextualização? Sobre a produção de saberes na educação em museus de ciências, 2004.

PINHEIRO, Aurea. Patrimônio cultural e museus: por uma educação dos sentidos, 2015.

7º SEMESTRE

COMPONENTE CURRICULAR

Arte e Cultura Popular Brasileira

CÓDIGO

10790176

Departamento ou equivalente: DMCOR					
CARGA HORÁRIA: Horas: 60 Créditos: 4	Distribuição de créditos				
	T 4	E	P	EAD	EXT
PRÉ-REQUISITO:					
OBJETIVO Despertar no aluno o gosto pelo estudo da História da Arte e da Cultura Popular brasileira, tratada como uma área capaz de desenvolver a percepção visual, a sensibilidade, o espírito crítico e o debate sobre o tema.					
EMENTA Perspectiva das diversas manifestações artísticas e culturais brasileiras da pré-história, do período colonial e da arte acadêmica. Análise crítica, reflexão e interpretação de movimentos do século XIX, do Modernismo, da Arte Contemporânea e da Arte Popular brasileira. Estudo de diferentes concepções histórico-estéticas no Brasil.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA BARCINSKI, Fabiana Werneck. Sobre a arte brasileira: da pré-história aos anos 1960. São Paulo: Martins Fontes, 2015. CHIARELLI, Tadeu. Arte Internacional Brasileira. 2. ed. São Paulo: Lemos, 2002. FARIAS, Agnaldo. Arte Brasileira Hoje. São Paulo: PubliFolha, 2002.					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR CANONGIA, Ligia. O Legado dos Anos 60 e 70. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. COLI, Jorge. O que é Arte. Editora Brasiliense, São Paulo, 1995 KOSSOVITCH, Leon; RESENDE, Ricardo; LANDARINA, Maysa (Orgs.). Gravura: Arte Brasileira do Século XX. São Paulo: Cosac & Naify, Itaú Cultural, 2000. SCARINCI, Carlos. A Gravura no Rio Grande do Sul: 1900-1980. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982. ZANINI, Walter. História Geral da Arte no Brasil. São Paulo: Instituto Walter Moreira Salles, 1983. 2v.					

COMPONENTE CURRICULAR		CÓDIGO 10790177
Expografia III		
Departamento ou equivalente: DMCOR/ICH		
CARGA HORÁRIA:	Distribuição de créditos	

Horas: 60	T	E	P	EAD	EXT
Créditos: 4			2		2
PRÉ-REQUISITO: Expografia II					
OBJETIVO Capacitar o aluno a ter uma visão crítica sobre os processos que envolvem a concepção, montagem e avaliação de exposições museológicas; Estimular a turma a trabalhar em equipe, reconhecendo as potencialidades de cada indivíduo do grupo; Dar subsídios para o aluno dimensionar as demandas do mercado de trabalho, sem perder de vista os códigos deontológicos da Museologia; Aguçar a percepção das necessidades e anseios do público.					
EMENTA Implementação de exposição curricular, desenvolvida a partir do projeto aprovado em “Expografia II”. Disciplina que aplica créditos das atividades práticas em extensão através do Programa Museologia Extracampi (código 232), do Curso de Museologia, cadastrado na Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFPel.					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA ALONSO FERNÁNDEZ, Luis. Museología y museografía. Barcelona: Del Serbal, 1999. 383 p. (Cultura artística.). ISBN 97884762822762 . BELCHER, Michael. Organización y diseño de exposiciones: su relación con el museo. Espanha: TREA, 1997. 277 p. (Biblioteconomia y administración cultural; 5) ISBN 8487733409 SANTANA, Cristiane Batista. Para além dos muros: por uma comunicação dialógica entre museus e entorno . São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 2011. 119 p. (Coleção Museu aberto) ISBN 9788563566003					
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR DESVALLÉES, André ; MAIRESSE, François (Ed.). Conceitos-chave de museologia. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, Pinacoteca do Estado de São Paulo, Secretaria de Estado da Cultura, 2013. EXPOSIÇÕES temporárias do Museu de Ciências e Tecnologia - PUCRS: Catálogo 2008-2009. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010. FERNANDES, Maria Luiza Pacheco (Trad.). Planejamento de exposições. São Paulo: EDUSP, 2001. 32 p. (Série museologia ; 2). ISBN 8531406447 . MAGALHÃES, Aline Montenegro; BEZERRA, Rafael Zamorano; BENCHETRIT , Sarah Fassa (Org.). Museus e comunicação: exposições como objeto de estudo. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2010. 392 p. (Livros do Museu Histórico Nacional). ISBN 9788585822132. SANTACANA MESTRE, Joan; SERRAT ANTOLI, Nuria (Coord.). Museografia didática. Espana: Ariel, 2005. 653 p. ISBN 8434467631 .					

SANTOS, Maria Célia Teixeira Moura. Encontros museológicos: reflexões sobre a museologia, a educação e o museu. Rio de Janeiro: Minc/IPHAN/DEMU, 2008. 255 p. (Coleção Museu, Memória e Cidadania). ISBN 9788573340686 .

COMPONENTE CURRICULAR				CÓDIGO		
Trabalho de Conclusão de Curso I				10790194		
Departamento ou equivalente: DMCOR/ICH						
CARGA HORÁRIA:		Distribuição de créditos				
Horas: 60		T	E	P	EAD	EXT
Créditos: 4				4		
PRÉ-REQUISITO: Metodologia; Expografia II						
OBJETIVO						
Refletir junto com os alunos sobre a experiência da pesquisa, cotejando o seu projeto de pesquisa e apresentando alternativas e possibilidades teórico-metodológicas; Situar debates recorrentes da experiência da pesquisa; Estimular a troca de experiências entre os alunos. Contribuir para instrumentalizar o aluno para o desenvolvimento do seu TCC						
EMENTA						
A disciplina trata sobre A natureza da pesquisa científica. Serão desenvolvidos os passos para a organização de um projeto científico e o universo da produção científica. A pesquisa na área da museologia: Discussão e apresentação de como construir o problema, a hipótese, as variáveis da pesquisa. A disciplina objetiva, especificamente, a construção do objeto de pesquisa e a elaboração de projeto de TCC.						
BIBLIOGRAFIA BÁSICA						
BITTENCOURT, José Neves – A pesquisa como cultura institucional: objetos, política de aquisição e identidade nos museus brasileiros - : Museu Instituição de Pesquisa, MAST, RJ, 2005.						
CHAGAS, Mário – Pesquisa Museológica - In: Museu Instituição de Pesquisa, MAST, RJ, 2005.						
COSTA, Marco Antonio; COSTA, Maria de Fátima. Metodologia da Pesquisa: conceitos e técnicas. Rio de Janeiro: Interciência, 2 ed., 2010.						
Manual de normas UFPel para trabalhos acadêmicos [livro eletrônico]: revisão Aline Herbstrith Batista, Dafne Silva de Freitas e Patrícia de Borba Pereira. -Pelotas: Editora da UFPel, 2019 https://wp.ufpel.edu.br/sisbi/files/2019/10/Manual-normasvers%C3%A3o-site.pdf						
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR						

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996. MARTINS JUNIOR, Joaquim. Como escrever trabalhos de conclusão de curso: instruções para planejar e montar, desenvolver, concluir, redigir e apresentar trabalhos monográficos e artigos. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

GRANATO, Marcus, SANTOS, Claudia Penha dos (orgs) Museu: Instituição de Pesquisa. Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST, Rio de Janeiro, 2005

LAKATOS, Eva Maria. Fundamentos de metodologia científica. - 5. ed. : Atlas -São Paulo 2003.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Metodologia do trabalho científico. 7.ed. São Paulo: Atlas, 2011. 2012. 2015 225 p.

PARDO, Maria Benedita Lima. A arte de realizar pesquisa: um exercício de imaginação e criatividade. São Cristóvão: Editora UFS, 2006. 89 p.

8º SEMESTRE

COMPONENTE CURRICULAR		CÓDIGO				
Estágio		10790179				
Departamento ou equivalente: DMCOR/ICH						
CARGA HORÁRIA:		Distribuição de créditos				
Horas: 150		T	E	P	EAD	EXT
Créditos: 10				7		3
PRÉ-REQUISITO: Expografia II						
OBJETIVO						
Preparar os estudantes para a atuação no campo da Museologia, com a sua inserção nas atividades cotidianas vinculadas à sua área de formação, proporcionando aprendizagem profissional.						
EMENTA						
Estágio supervisionado em museus ou instituições afins. Aprofundamento das teorias debatidas a partir de suas aplicações segundo critérios de pertinência e adequação, tendo em vista tópicos específicos da atividade museológica. O componente curricular aplica créditos das atividades práticas em extensão através do projeto Estágio Curricular: Ações de Comunicação (código do COCEPE 3363), ligado ao Programa Museologia Extracampi (código 232), do Curso de Museologia, cadastrado na Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFPel, ao qual o aluno deverá participar, com aproveitamento integral.						
BIBLIOGRAFIA BÁSICA						

ALONSO FERNÁNDEZ, Luis. Introducción a la nueva museologia. Madrid: Alianza Editorial, 2003.

CADERNOS DE SOCIOMUSEOLOGIA. Lisboa: Instituto de Educação da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 1993

CERÁVOLO, Suely Moraes. Delineamentos para uma Teoria da Museologia. Anais do Museu Paulista, Nova Série, São Paulo, vol. 12, p. 237-268, jan/dez. 2004.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

CURY, Marília Xavier. Museologia. Marcos Referenciais. Cadernos do CEOM. Chapecó: Argos, n. 21, p. 45-73, 2005b.

POULOT, Dominique. Museu e museologia. São Paulo Autêntica 2013 1 recurso online ISBN 9788582171295

RIVIERE, Georges Henri. La museologia: curso de museologia : textos y testimonios. Madrid: Akal, 1993

COMPONENTE CURRICULAR		CÓDIGO				
Trabalho de Conclusão de Curso II		10790195				
Departamento ou equivalente: DMCOR/ICH						
CARGA HORÁRIA:		Distribuição de créditos				
Horas: 30		T	E	P	EAD	EXT
Créditos: 2				2		
PRÉ-REQUISITO: Trabalho de Conclusão de Curso I						
OBJETIVO						
Desenvolver trabalho de pesquisa sobre tema referente às áreas da Museologia, elaborado segundo as normas vigentes da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), e sob orientação de docente que atua no Curso.						
EMENTA						
Desenvolvimento de trabalho de conclusão de curso.						
BIBLIOGRAFIA BÁSICA						
MARTINS JUNIOR, Joaquim. Como escrever trabalhos de conclusão de curso: instruções para planejar e montar, desenvolver, concluir, redigir e apresentar trabalhos monográficos e artigos . 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2012						
MEDEIROS, João Bosco. Redação técnica elaboração de relatórios técnico-científicos e técnicas de normalização textual : teses, dissertações, monografias, relatórios técnico-científicos e TCC. 2. São Paulo Atlas 2010						
TOBIAS, José Antônio. Como fazer sua pesquisa. 6. ed. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2005.						

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ANDRADE, Maria Margarida. Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação. 10. ed. São Paulo: Atlas, 2010,2018.

CARVALHO, Maria Cecília Maringoni de (Org.). Construindo o saber: metodologia científica, fundamentos e técnicas. 3. ed. Campinas: Papirus, 1991.

ECO, Umberto. Como se faz uma tese. 18. ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre: ARTMED ; Editora UFMG, 1999, 2007.

LOZADA, Gisele. Metodologia científica. Porto Alegre SAGAH 2019

OPTATIVAS

COMPONENTE CURRICULAR Seminário Temático I				CÓDIGO 10790180		
Departamento ou equivalente: DMCOR/ICH						
CARGA HORÁRIA:		Distribuição de créditos				
Horas: 60		T	E	P	EAD	EXT
Créditos: 4		4				
PRÉ-REQUISITO:						
OBJETIVO Discutir a problemática que tangencia a formação de coleções, a natureza complexa dos objetos/documentos e a relação destes dois vetores com a formação e a transformação dos museus no ocidente.						
EMENTA Seminários com tópicos específicos. Estudo das manifestações contemporâneas de Museu. Teoria museológica. Estudos de casos.						
BIBLIOGRAFIA BÁSICA MUSEU DE ASTRONOMIA E CIÊNCIAS AFINS. Museu: instituição de pesquisa. Rio de Janeiro: MAST, 2005. MUSEU DE ASTRONOMIA E CIÊNCIAS AFINS. Conservação de acervos. Rio de Janeiro: MAST, 2007. 204. REVISTA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. Distrito Federal: IPHAN / Superintendencia do Iphan do Distrito Federal.,1946						

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ABREU, Regina; CHAGAS, Mário de Souza (Org.). Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2009. 316 p.

ANAIS DO MUSEU HISTÓRICO NACIONAL. Rio de Janeiro: MEC, 1940

ANAIS DO MUSEU PAULISTA: história e cultura material. São Paulo: USP, 1922

DEBARY, Octave. Antropologia dos restos: da lixeira ao museu. Pelotas: UM2 Comunicação, 2017. 137 p.

ENCONTRO NACIONAL DA REDE DE EDUCADORES EM MUSEUS E CENTROS CULTURAIS DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, 1., set. 17-18, 2010, Rio de Janeiro. Anais. Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 2010.

COMPONENTE CURRICULAR		CÓDIGO				
Seminário Temático II		10790094				
Departamento ou equivalente: DMCOR/ICH						
CARGA HORÁRIA:		Distribuição de créditos				
Horas: 60		T	E	P	EAD	EXT
Créditos: 4		4				
PRÉ-REQUISITO:						
OBJETIVO						
Propor discussões verticalizadas acerca de questões que tangenciam a formação do profissional de museus, atentando aos temas de interesse mais prementes.						
EMENTA						
Seminários com tópicos específicos. Questões teóricas e estudos de casos sobre temas contemporâneos e de pertinência museológica.						
BIBLIOGRAFIA BÁSICA						
SEMANA DOS MUSEUS, 2., 1999. São Paulo. Anais. São Paulo: USP, 1999.						
MENDONÇA, Elizabete de Castro; SILVA, Junia Gomes da Costa Guimarães e (Org.). Bens culturais musealizados: políticas públicas, preservação e gestão. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2014.						
MUSEU DA CASA DO PONTAL; (Coord.). Caderno de Conservação e restauro de obras de arte popular brasileira. Rio de Janeiro: Associação dos Amigos da Arte Popular, 2008.						
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR						
BENNETT, Tony. The birth of the museum: history, theory, politics. London: Routledge, 2009.						

BRASIL. Ministério da Cultura. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Departamento de Museus e Centros Culturais. Cadastro nacional de museus: mapeando a diversidade museal brasileira. 2.ed. Brasília: Ministério da Cultura, 2010. 34 p.

CADERNO de diretrizes museológicas. 2. ed. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura; Superintendência de Museus. Ministério da Cultura; Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional; Departamento de Museus e Centros Culturais., 2006.

CADERNOS DE SOCIOMUSEOLOGIA. Lisboa: Instituto de Educação da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 1993

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. Caderno da Política Nacional de Educação Museal. Brasília: IBRAM, 2018. 130 p.

COMPONENTE CURRICULAR		CÓDIGO				
Tipologia de Museus		10790011				
Departamento ou equivalente: DMCOR/ICH						
CARGA HORÁRIA:		Distribuição de créditos				
Horas: 60		T	E	P	EAD	EXT
Créditos: 4		4				
PRÉ-REQUISITO:						
OBJETIVO Geral: Desenvolver uma visão dos diferentes tipos de museus, evidenciando seus pontos comuns e especificidades em relação a acervos e abordagens. Específicos: - Analisar os sistemas classificatórios existentes, sua abrangência e limites; - Discutir textos pertinentes às temáticas propostas construindo uma visão geral sobre as diferentes especificidades dos Museus; - Desenvolver habilidades de expressão verbal e escrita a partir das atividades propostas na disciplina; - Estimular a participação discente nos debates propostos.						
EMENTA Estudo das diferentes tipologias de museus, seus conteúdos, especificidades e significados. Museus nacionais, museus de arte e história, museus de ciência e tecnologia, museus temáticos, galerias e novas tendências.						

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

CADERNO DE DIRETRIZES MUSEOLÓGICAS. 2. ed. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura; Superintendência de Museus. Ministério da Cultura; Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional; Departamento de Museus e Centros Culturais., 2006. 152 p.

CADERNOS DE SOCIOMUSEOLOGIA. Lisboa: Instituto de Educação da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 1993.

DESVALLÉES, André ; MAIRESSE, François (Ed.). Conceitos-chave de museologia. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, Pinacoteca do Estado de São Paulo, Secretaria de Estado da Cultura, 2013. 98 p.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ALONSO FERNÁNDEZ, Luis. Museología y museografía. Barcelona: Del Serbal, 1999.

ANAIIS DO MUSEU PAULISTA: história e cultura material. São Paulo: USP, 1922

HENRIQUES, Rosali. Museus virtuais e cibermuseus : a internet e os museus. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia de Portugal, 2004. 20 p.

RIVIERE, Georges Henri. La museologia: curso de museologia : textos y testimonios. Madrid: Akal, 1993

SANTACANA MESTRE, Joan; SERRAT ANTOLI, Nuria (Coord.). Museografia didáctica. Espana: Ariel, 2005.

COMPONENTE CURRICULAR				CÓDIGO		
Acervos de Registros Sonoros				10790181		
Departamento ou equivalente: DMCOR/ICH						
CARGA HORÁRIA:		Distribuição de créditos				
Horas: 60		T	E	P	EAD	E
Créditos: 4		4				X T
PRÉ-REQUISITO:						
OBJETIVO						
Aprofundar estudos na área da oralidade e seus registros e dos acervos sonoros.						
EMENTA						
Inscreve-se no interesse de pensar de forma integrada os registros sonoros e as narrativas que eles trazem, bem como seus suportes. Trata dos registros sonoros e da						

conservação de sua materialidade e de seus conteúdos informacionais. Propõe conhecer os diferentes suportes, as formas de acondicionamento e armazenagem, de documentação e classificação, e explorar as possibilidades de pesquisa e expográficas destes materiais.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.). Usos & abusos da história oral. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

BENJAMIN, Walter. O Narrador. Obras Escolhidas: magia, técnica, arte e política. Editora Brasiliense. 1985.

BOSI, Ecléa. Memória e sociedade: lembrança de velhos. 6. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

COSTA E LIMA, C. Preservação Digital: a experiência da pesquisa Guignard. 2007. 100 f. Dissertação (Mestrado em Artes) - Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

DAVID, Priscila. História Oral: Metodologia do Diálogo/Oral History: Methodology for Dialogue. Patrimônio e Memória, v. 9, n. 1, 2013 p. 157-170

ERRANTE, Antoinette. Mas afinal, a memória é de quem?: Histórias orais e modos de lembrar e contar. História da educação, v. 4, n. 8, p. 141-174, 2000.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. Entrevista narrativa. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático, v. 4, p. 90-113, 2002.

Roteiros Práticos de Museologia Nº 9 – Conservação de Coleções.
http://www.usp.br/cpc/v1/imagem/download_arquivo/roteiro9.pdf

SATURNINO, Douglas. Comunicação visual e expografia: um estudo de caso na exposição Audiophylia.
http://www.arquimuseus.arq.br/seminario2014/transferencias/eixo02_cultura_e_exposicoes/e02-douglas_saturnino.pdf

SCARABUCI, M; KAFURE, I. Diretrizes para digitalizar e conservar os suportes de som IN Perspectivas em ciência da Informação. Belo Horizonte, 2020.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. O local do testemunho. Tempo e Argumento. Florianópolis, v.2, n.1, jan-jun. 2010. p. 3-20. Disponível em:
<<http://www.revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/viewFile/1894/1532>>..

SERRA, F. Áudio digital: a tecnologia aplicada à música e ao tratamento de som. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2002. 137 p. [Links]

ST. LAURENT, G. Guarda e manuseio de materiais de registro sonoro: conservação preventiva em bibliotecas e arquivos. 2. ed. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2001.

COMPONENTE CURRICULAR				CÓDIGO		
Arqueologia e Acervos Museais				10790187		
Departamento ou equivalente: DMCOR/ICH						
CARGA HORÁRIA:		Distribuição de créditos				
Horas: 60		T	E	P	EAD	EXT
Créditos: 4				4		
PRÉ-REQUISITO:						
OBJETIVO						
Experimentar em aulas práticas a inter-relação entre os trabalhos de profissionais da Arqueologia e da Museologia, a fim de considerar sua importância social através de uma abordagem crítica dos procedimentos habituais de levantamento de dados, análise de material, produção e extroversão de conhecimento em arqueologia, o que inclui a musealização e suas necessárias implicações na divulgação científica e na educação patrimonial.						
EMENTA						
Disciplina prática voltada a introduzir discentes de Museologia nas atividades típicas da cadeia operatória de produção do conhecimento em arqueologia. Visa expor e debater a inter-relação necessária entre profissionais da Arqueologia e da Museologia atuantes junto a instituições de guarda, projetos de pesquisa, ações de colaboração e repatriação, bem como demais circunstâncias nas quais se pratique a musealização da arqueologia. Aborda, então, a relação entre essas áreas a partir de atividades práticas em campo, laboratório, na gestão de acervos monumentais e mobiliários em reserva técnica ou exposição, dentre outros usos sociais de acervos arqueológicos. São apresentadas, praticadas e questionadas as ações que pautam habitualmente a rotina da pesquisa arqueológica, suas implicações documentais, curatoriais e comunicativas em estudos de caso, a partir de sítios e coleções acessíveis.						
BIBLIOGRAFIA BÁSICA						
CERAVOLO, Suely; DEMARTINI, Célia Maria C. & SCATAMACCHIA, Maria Cristina M. A “Caverna do Ódio”: um exemplo de utilização social do sítio arqueológico. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia n. 2, São Paulo: MAE-USP, 1992: p. 115 a 121.						
De BLASIS, Paulo A. D. & MORALES, Walter F. O Potencial dos acervos antigos: recuperando a coleção 030 do Museu Paulista. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia n. 7, São Paulo: MAE-USP, 1997: p. 111 a 131.						
NAJJAR, Rosana. Arqueologia histórica: manual. Brasília: IPHAN, 2005.						
RIBEIRO, Pedro Augusto Mentz. Manual de introdução a arqueologia. Porto Alegre: Sulina, 1977.						
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR						

CURY, Marília Xavier et al. A arte da cerâmica aqui e lá/ Museu de Arqueologia e Etnografia da Universidade de São Paulo: Acervo Artístico-Cultural dos Palácios do Governo. São Paulo: MAE, 2009. 22 p. ISBN 9788560984091.

ROSKAMS, Steve. Excavation. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

STAHL, Ann Brower (ed.). African archaeology/ a critical introduction. USA: Blackwell Publishing, 2008. 490 p. ISBN 9781405101561.

SWAIN, Hedley. An Introduction to Museum Archaeology, Cambridge University Press, 2007.

COMPONENTE CURRICULAR		CÓDIGO				
Cultura Escrita e Documento		10790080				
Departamento ou equivalente: DMCOR/ICH						
CARGA HORÁRIA:		Distribuição de créditos				
Horas: 60		T	E	P	EAD	EXT
Créditos: 4		2		2		
PRÉ-REQUISITO:						
OBJETIVO - Conhecer e apropriar-se de discussões teórico-metodológicas do âmbito da História Cultural e, destacadamente, da história da Cultura Escrita; - Examinar de pesquisas vinculadas as práticas de escrita, de leitura, de registros das memórias, suas singularidades e multiplicidades. - Conhecer técnicas e materiais para conservação e preservação de documentos.						
EMENTA Inscribe-se no interesse de pensar de forma integrada a cultura escrita e seus suportes. Trata de escritas ordinárias – correspondências, diários, receitas – como indícios de práticas e escrita e leitura e da conservação de sua materialidade.						
BIBLIOGRAFIA BÁSICA CERTEAU, Michael de. A invenção do cotidiano 1: artes de fazer. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1994. CHARTIER, Roger. Os desafios da escrita. São Paulo: UNESP, 2002. CHARTIER, Roger. Leituras e leitores na França do Antigo Regime. São Paulo: Ed. UNESP, 2004.						
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR CERTEAU, Michel. A Invenção do Cotidiano: Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.						

CHARTIER, Roger e Scolari, Carlo. Cultura escrita y textos en red. Barcelona: Editorial GEDISA, 2019.

CHARTIER, Roger, A ordem dos Livros. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994.

CHARTIER, Roger. Os desafios da escrita. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

GINZBURG, Carlo. O fio e os rastros. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GINZBURG, Carlo. Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

COMPONENTE CURRICULAR		CÓDIGO				
Etnomuseologia		10790093				
Departamento ou equivalente: DMCOR/ICH						
CARGA HORÁRIA:		Distribuição de créditos				
Horas: 60		T	E	P	EAD	EXT
Créditos: 4		4				
PRÉ-REQUISITO:						
OBJETIVO Geral: Cabe a uma disciplina de etnomuseologia o estudo daqueles modos de ver, expor e salvaguardar objetos que se façam críticos à formação de coleções etnográficas em contexto colonial; que enfatizem os usos dos objetos para as populações que os criaram; ou que promovam a valorização de tais acervos, e das culturas que os originaram. Específicos: . Apresentar os conceitos de Etnologia, Etnografia e Etnomuseologia e suas inter-relações. - Apresentar e debater o histórico da inter-relação entre os trabalhos de Etnólogos e Museólogos. . Debater os processos de musealização de acervos indígenas ou aborígenes nas Américas e noutros contextos coloniais. . Analisar estudos de caso de etnomuseologia, seus pressupostos e repercussões sociais e culturais. . Compreender a noção cambiante de arte indígena, bem como seus desdobramentos museológicos.						

- . Debater a dimensão museal da antropologia dos objetos e da arqueologia das coisas.
- Apresentar e debater as políticas de reconhecimento e repatriação em museus etnográficos.
- . Debater a musealização de acervos etnográficos e comunitários por meios autóctones, bem como seus desdobramentos patrimoniais.

EMENTA

Disciplina de introdução à etnomuseologia que enfoca sua conceituação, seu histórico e desenvolvimentos em museus indígenas, comunitários e etnológicos.

Desde a concepção e primeira aplicação da etnomuseologia por Georges Henri Rivièrre entre 1935 e 1937, a noção passou por reformulações importantes na América Latina e noutras regiões, transitando da condição de formadora dos “arquivos de Humanidade”, capazes de animar os objetos e trazer o exterior para dentro do museu, para o reconhecimento de formas eminentemente críticas e autônomas de musealização.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

CÂNDIDO, Manuelina M. D.; RUOSO, Carolina (Orgs.) *Museus e patrimônio: experiências e devires*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Editora Massangana, 2015.

CUNHA, Manuela Carneiro da (Org.). *História dos índios no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras ; Secretaria Municipal de Cultura ; FAPESP, 2006. 609 p. ISBN 8571642605.

CURY, Marília Xavier ; VASCONCELLOS, Camilo de Mello ; ORTIZ, Joana Montero (Coord.). *Questões indígenas e museus: debates e possibilidades*. Brodowski: ACAM Portinari, São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, Secretaria de Estado da Cultura, 2010, 2012.

MUNANGA, Kabengele. *Negritude usos e sentidos*. 3. São Paulo Autêntica 2009

KOPENAWA, David; ALBERT, Bruce. 18. Casas de pedra; 19. Paixão pela mercadoria; 20. Na cidade. In: *A queda do Céu - palavras de um xamã yanomami*. São Paulo, 2015, p. 394-438.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ABREU, Regina; CHAGAS, Mário. *Memória e Patrimônio – ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009

BARCELOS NETO, Aristóteles. *Arte e mito no Alto Xingu: coleções etnográficas do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia*. Salvador: Secretaria de Planejamento, Ciência e Tecnologia, 1999.

GONÇALVES, José Reginaldo S.; SAMPAIO, Roberta; BITAR, Nina Pinheiro (Ed.). *A alma das coisas: patrimônios, materialidade e ressonância*. Mauad Editora Ltda, 2013.

GORGUS, Nina. Le magicien des vitrines - Le muséologue Georges Henri Rivière. Paris : Éditions de la maison des sciences de l’homme, 2003.

SOARES, Bruno César B. Máscaras guardadas: Musealização e Descolonização. Tese defendida no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense. Orientação: Lygia Segala. Niterói: UFF, 2012.

COMPONENTE CURRICULAR				CÓDIGO		
Antropologia, Iconografia e Museologia				10910015		
Departamento ou equivalente: DAA						
CARGA HORÁRIA:		Distribuição de créditos				
Horas: 60		T	E	P	EAD	EXT
Créditos: 4		4				
PRÉ-REQUISITO:						
OBJETIVO						
Geral:						
Ministrar conhecimentos teóricos, metodológicos e da produção simbólica relacionados a área da Antropologia.						
Específicos:						
Subsidiar projetos, pesquisas, análises, escritura de textos, produção iconográfica e museológica que abordam a diversidade de sociedades humanas marcadas tanto pelo fenômeno da tradição como da globalização.						
EMENTA						
Discussão de alguns conceitos que proporcionam interfaces entre Antropologia e Museologia: memória, patrimônio.						
BIBLIOGRAFIA BÁSICA						
HORIZONTES ANTROPOLÓGICOS. Porto Alegre: UFRGS,1995						
KOSBY, Marília Floôr. Nós cultuamos todas as doçuras: a contribuição negra para a tradição doceira de Pelotas. Pelotas, 2007. 57 f. TCC (Graduação em Ciências Sociais) - Instituto de Sociologia e Política. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2007.						
SANTOS, Ricardo Ventura. Inventário analítico do Arquivo de Antropologia Física do Museu Nacional. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 2006.						
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR						
DEBARY, Octave. Antropologia dos restos: da lixeira ao museu. Pelotas: UM2 Comunicação, 2017.						

GARCÍA CANCLINI, Néstor. Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 2003, 2006.

KUBRUSLY, Clarisse Quintanilha. A experiência etnográfica de katarina Real (1927-2006): colecionando maracatus em Recife. Brasília: MinC, 2011.

LEAL, Ana Paula da Rosa. Arqueologia, Museologia e Conservação: documentação e gerenciamento da coleção proveniente do Sítio Santa Bárbara (Pelotas-RS). 2014. 124 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014.

MUSEU ANTROPOLÓGICO DA UFG. (Org.). Arqueologia brasileira: o passado também devora. Goiânia: UFG, 1999. 43 p.

COMPONENTE CURRICULAR				CÓDIGO		
Língua Brasileira de Sinais I (LIBRAS I)				20000084		
Departamento ou equivalente: CLC						
CARGA HORÁRIA:		Distribuição de créditos				
Horas: 60		T	E	P	EAD	EXT
Créditos: 4		4				
PRÉ-REQUISITO:						
OBJETIVO Objetivo Geral: • Desenvolver as habilidades de recepção e de produção sinalizada, visando às competências linguística, discursiva e sociolinguística na Língua Brasileira de Sinais; • Propor uma reflexão sobre o conceito e experiência visual dos surdos a partir de uma perspectiva sociocultural e linguística; • Propor uma reflexão sobre o papel da Língua de Sinais na vida dos surdos e nos espaços de interação entre surdos e ouvintes, particularmente nos ambientes educacionais.						
EMENTA Fundamentos linguísticos e culturais da Língua Brasileira de Sinais. Desenvolvimento de habilidades básicas expressivas e receptivas em Libras para promover comunicação entre seus usuários. Introdução aos Estudos Surdos.						
BIBLIOGRAFIA BÁSICA CAPOVILLA, Fernando César; et al. Dicionário da Língua de sinais do Brasil: a Libras em suas mãos. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo- EDUSP,						

2017.3v.

GESSER, Audrei. LIBRAS? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da Língua Sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola, 2009.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ALBRES, Neiva de Aquino. Ensino de Libras: aspectos históricos e sociais para a formação didática de professores. Curitiba: Appris, 2016;

GESSER, Audrei. O ouvinte e a surdez: sobre ensinar e aprender a LIBRAS. São Paulo: Parábola Editorial, 2012;

LOPES, Maura Corcini. Surdez & Educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2007;

PEREIRA, Maria Cristina da Cunha; CHOI, Daniel; VIEIRA, Maria Inês; GASPAR, Priscila; NAKASATO, Ricardo. LIBRAS: conhecimento além dos sinais. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2012;

QUADROS, Ronice Müller de. Educação de Surdos: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artmed, 2008.

COMPONENTE CURRICULAR		CÓDIGO				
Grandes Temas Sociológicos Brasileiros		10790188				
Departamento ou equivalente: DMCOR/ICH						
CARGA HORÁRIA:		Distribuição de créditos				
Horas: 60		T	E	P	EAD	EXT
Créditos: 4		4				
PRÉ-REQUISITO: não possui						
OBJETIVO						
Discutir sobre grandes temas sociológicos brasileiros, por meio de apresentações e análises teórico-conceituais, seguidas de debate acerca de casos do cotidiano social.						

EMENTA

Grandes temas sociológicos brasileiros. Escravidão; autoritarismo; lutas de classes/raça/gênero.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ALMEIDA, Silvio Luiz de. Racismo estrutural. São Paulo: Sueli Carneiro, Jandaíra, 2021. 255p. (Feminismos plurais).

CASARA, Rubens R. R. Estado pós-democrático: neo-obscurantismo e gestão dos indesejáveis. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. 239 p.

CABRERA, Carlos Artur Gallo; RUBERT, Sylvania (org.). Entre a memória e o esquecimento: estudos sobre os 50 anos do Golpe civil-Militar no Brasil. Porto Alegre: Deriva, 2014. 346 p.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón. Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

CHAUÍ, Marilena de Souza. Brasil: mito fundador e sociedade autoritária. São Paulo: Ed. Fundacao Perseu Abramo, 2000. 103 p.

CHAUÍ, Marilena. Conformismo e resistência. São Paulo Autêntica 2014 1 recurso online

DEUS, Zélia Amador de. Caminhos trilhados na luta antirracista. São Paulo Autêntica 2020 1 recurso online (Cultura negra e identidades).

SOUZA, Jessé. A elite do atraso: da escravidão à lava jato. Rio de Janeiro: Leya, 2017. 239 p.

COMPONENTE CURRICULAR		CÓDIGO				
Práticas de Comunicação em Museus		10790189				
Departamento ou equivalente: DMCOR/ICH						
CARGA HORÁRIA:		Distribuição de créditos				
Horas: 60		T	E	P	EAD	EXT
Créditos: 4				4		
PRÉ-REQUISITO: Comunicação em Museus						
OBJETIVO						
Implementar práticas de comunicação museológica, através de projetos em parceria com os museus da UFPel e demais instituições.						
EMENTA						

Práticas de comunicação museológica, por meio de projetos de acessibilidade, estudo de público, tecnologia e virtualidade, e divulgação.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

COHEN, Regina; DUARTE, Cristiane Rose de Siqueira; BRASILEIRO, Alice de Barros Horizonte. Acessibilidade a museus. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus, 2012. 191 p. (Cadernos museológicos ; v. 2).

ENCONTRO NACIONAL DA REDE DE EDUCADORES EM MUSEUS E CENTROS CULTURAIS DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, 1., set. 17-18, 2010, Rio de Janeiro. Anais ... Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 2010. 350 p.

MAGALHÃES, Aline Montenegro; BEZERRA, Rafael Zamorano; BENCHETRIT, Sarah Fassa (org.). Museus e comunicação: exposições como objeto de estudo. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2010. 392 p. (Livros do Museu Histórico Nacional).

SALASAR, Desirée Nobre. Um museu para todos: manual para programas de acessibilidade. Pelotas: Ed. da UFPel, 2019. 65 p. ISBN 9788571929685. Disponível em: <http://guaiaca.ufpel.edu.br:8080/handle/prefix/4390>. Acesso em: 20 maio 2019.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

CRUZ, Matheus. 'Publicidade e propaganda nos museus pelotenses: qual a imagem 'vendida' por essas instituições?'. 2010. 50 f. TCC (Graduação em Museologia) - Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de Pelotas, 2010. Disponível em: <https://pergamum.ufpel.edu.br/pergamumweb/vinculos/0000cf/0000cfa8.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. Educação museal: experiências e narrativas. Brasília: IBRAM, 2012. 163 p. (Prêmio Darcy Ribeiro ; 2009).

SANTANA, Cristiane Batista. Para além dos muros: por uma comunicação dialógica entre museus e entorno. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 2011. 119 p. (Coleção Museu aberto).

VENZKE, Larissa Lysakowski. 'Por que eles não entram?': estudo de público no Parque do Museu Municipal da Baronesa. 2011. 47 f. TCC (Graduação em Museologia) - Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de Pelotas, 2011. Disponível em: <https://pergamum.ufpel.edu.br/pergamumweb/vinculos/0000cf/0000cfc4.pdf>. Acesso em: 21 jul. 2021.

4. METODOLOGIAS DE ENSINO E SISTEMA DE AVALIAÇÃO

4.1. METODOLOGIAS, RECURSOS E MATERIAIS DIDÁTICOS

A avaliação é parte integrante do processo de formação, uma vez que possibilita diagnosticar questões relevantes, aferir os resultados alcançados considerando os objetivos propostos e identificar mudanças de percurso eventualmente necessárias. O processo de formação deve garantir o desenvolvimento de competências profissionais, de modo que a avaliação se destina à análise da aprendizagem dos futuros museólogos, favorecendo seu percurso e regulando as ações de sua formação. Deve atentar, também, ao constante processo de (re)estruturação do Projeto Pedagógico e do ambiente de ensino. Não se presta a punir os que não alcançam o que se pretende, mas ajudar cada aluno a identificar melhor suas necessidades de formação e empreender o esforço necessário para investir no próprio desenvolvimento profissional.

Objetivamente, apontamos que os processos de avaliação desenvolvidos junto ao Curso de Museologia, estão voltados para o ensino e a aprendizagem, para o ambiente de ensino, e para o próprio Projeto Pedagógico do Curso. Estas três instâncias não estão dissociadas, e quando bem relacionadas, somente vêm a potencializar a formação do aluno. Os seguintes procedimentos são previstos:

- Valorização de aspectos relacionados com a ética, cidadania, sustentabilidade, diversidade e pluralidade étnico-racial, indissociavelmente relacionados com o respeito aos distintos valores estabelecidos socialmente aos objetos que se constituem em bens culturais;
- Apresentação e discussão sobre os problemas mais relevantes sobre o patrimônio, memória e museus, visando explorar e promover a articulação entre teoria, prática, ensino e prestação de serviços, desenvolvendo-se assim a consciência crítica do estudante e exercitando a sua capacidade de propor soluções contextualizadas e aplicáveis às realidades em nível do país, da região ou da cidade de Pelotas;
- Presença do professor como orientador do processo de ensino-aprendizagem e, principalmente, como facilitador da construção do conhecimento;

- Ensino centrado no estudante como sujeito ativo na construção do seu conhecimento;
- Incentivo à pesquisa técnica e científica para ampliar os conhecimentos relativos à aplicação de inovações no campo de trabalho, na área dos museus, do patrimônio cultural e da memória social;
- Integração das diversas disciplinas teóricas e práticas que oferecem ao estudante conhecimentos relativos a estrutura epistemológica do curso;
- Atividades práticas realizadas nos vários laboratórios do curso e instituições museais parceiras, como meio do exercício da futura profissão, e também como experiência de trabalho cooperativo e em equipe;
- Associação dos conteúdos teóricos e práticos através do estímulo à participação em grupos de estudos, eventos acadêmicos e profissionais e em projetos de ensino, de pesquisa e de extensão coordenados e realizados pelo corpo docente e técnico do curso;
- Estímulo ao uso das bibliotecas da universidade e também da internet, como ferramenta para acessar os conteúdos mais atualizados sobre a Museologia produzido em outros centros e instituições;
- Introdução do uso da plataforma Moodle como ferramenta de auxílio do ensino presencial;
- Aproximação dos graduandos com a pós-graduação, estimulando a participação em eventos, defesas de teses e dissertações ou compondo equipes de pesquisas desenvolvidas pelos docentes;
- Estímulo para que os discentes participem de projetos de ensino, pesquisa e extensão como bolsistas de iniciação científica, monitores, etc.;
- Orientação e acompanhamento dos estágios obrigatórios de forma a garantir a complementação entre conteúdos trabalhados no currículo e a experiência prática dentro de instituições de salvaguarda de acervos;
- Integração com instituições culturais da cidade, estimulando os discentes a participarem dos projetos de extensão e de pesquisa coordenados pelos docentes do curso;
- Reconhecimento do direito à diferença, promovendo condições para atendimento adequado, quando necessário, eliminando barreiras e criando condições de igualdade de oportunidades para o aluno que apresente necessidades educacionais especiais, sem caracterizar uma situação de privilégio.

De acordo com o Regulamento do Ensino de Graduação da UFPel, “desempenho acadêmico satisfatório” é o indicativo de que o discente encontra-se em condições de avançar no seu processo de formação” (2018, p. 5). Deve-se destacar, para tanto, o papel do Núcleo Docente Estruturante, do Colegiado e do Centro Acadêmico, no sentido de avaliar o ambiente educacional e propor, de forma colaborativa, um conjunto de ações que busquem o crescimento e potencialização continuada do Curso. Neste sentido, é importante fazer alusão à contribuição de projetos como “Estratégias de enfrentamento à evasão e retenção nos cursos de graduação da UFPEL”, que com viés de ensino e pesquisa, ajudou a traçar um perfil socioeconômico dos estudantes, e compreender suas motivações e expectativas acerca do Curso e da profissão. Tal projeto significou também um fortalecimento da identidade do Curso, se consolidando, sobretudo, em eventos periódicos como a Semana de Acolhida aos Calouros, e a Jornada Acadêmica do Curso de Museologia. Cabe mencionar, ainda, a formação de Comissão responsável por capitanear uma série de ações voltadas à qualificação do Curso – atividades, relação com os estudantes, dentre outras incluindo os processos de avaliação – resultante de Projeto Piloto proposto pela Gestão Central da Universidade, intitulado “Melhoria do Desempenho Acadêmico”.

É parte inerente ao processo a garantia da acessibilidade em seus mais diversos aspectos, sobretudo metodológica. Reconhecemos o direito à diferença como irrevogável, e para tanto, estabelecemos condições para acolhimento e o acompanhamento especializado, eliminando barreiras e criando condições de igualdade de oportunidades para os estudantes com necessidades educativas especiais, procurando propiciar sua autonomia – não só como aluno, mas como sujeito em sentido mais amplo.

4.2. ACOMPANHAMENTO E AVALIAÇÃO DO ENSINO E DA APRENDIZAGEM

A avaliação dos alunos será feita de acordo com o Regimento Geral da Universidade Federal de Pelotas e, mais especificamente, atendendo às regras para a determinação do aproveitamento do ensino, dispostas no Capítulo V, do Título IV do Regulamento do Ensino de Graduação da UFPel. Com base em tais documentos regulatórios, salienta-se que, dentre outros critérios, se dará atenção, neste sentido, ao número de presenças em sala de aula, notas mínimas e número de avaliações – no mínimo

de duas por semestre letivo. Ainda de acordo com a Resolução Nº 29/2018, no que tange aos componentes curriculares, cabe ao professor regente o controle de frequência, através de registro semanal, bem como explicitar as formas de avaliação nos planos de ensino, analisados e aprovados em colegiado. Deve-se ressaltar, no entanto, que o esquema avaliativo, como um todo, se constituirá de forma processual ao longo de toda formação, pois o acompanhamento dos alunos deverá ser constante e resultar na identificação de dúvidas e conhecimentos que surgem nas rotinas de sala de aula.

A avaliação com o uso de provas, exercícios, além de projetos e outras maneiras de aferir os conhecimentos construídos pelos alunos, será realizada com a atribuição de nota constituída em grau numérico, variando entre o mínimo de 0 (zero pontos) e o máximo de 10 (dez pontos). O aluno atingirá média satisfatória para cada disciplina, quando obtiver média semestral igual ou superior a 7 (sete pontos). O aluno sofrerá reprovação, sem a possibilidade de realizar exame final, caso o valor da média semestral seja inferior a 3 (três pontos). Todos os alunos que obtiverem média semestral entre 3 (três) e 6,9 (seis números inteiros e nove décimos) terão direito a realização de um exame final. A média final que resultará da prova de exame, será o resultado da média entre a nota total do semestre e a da prova final, quando ambas, somadas e divididas pelo número 2 (dois), deverão resultar em uma nota com no mínimo 5 (cinco) ou mais pontos, para aprovação do aluno. O aluno que obtiver média final de 4,9 (quatro pontos e nove décimos), ou menor, será reprovado.

No que se refere a Estágio e TCC, a expressão dos resultados de desempenho acadêmico será realizada com a atribuição de nota constituída em grau numérico, variando entre o mínimo de 0 (zero pontos) e o máximo de 10 (dez pontos). O aluno será considerado aprovado quando obtiver média semestral igual ou superior a 7 (sete pontos).

Como a atuação do museólogo é de natureza multidisciplinar, avaliar as competências profissionais no processo de formação é da mesma forma, uma tarefa diversificada. As competências para o trabalho coletivo têm importância igual às das competências mais propriamente individuais, uma vez que é um princípio educativo dos mais relevantes e, portanto, avaliar também essa aprendizagem é fundamental. Nesse sentido, objetivando a construção do conhecimento intelectual, cognitivo e instrumental, mais do que a mera assimilação de conteúdos tradicionais, o Curso buscará e fomentará as seguintes habilidades dos alunos:

- Capacidade de elaborar e expor ideias em sala de aula e demais ambientes, acadêmicos ou não, a partir de parâmetros epistemológicos;
- Aptidão para trabalhar, inclusive de forma propositiva, em laboratório, núcleos e demais organismos científico-culturais, integrantes da estrutura do Curso e demais instituições da sociedade como um todo;
- Habilidade de propor, estruturar e executar um projeto acadêmico;
- Capacidade de realizar interpretações e estabelecer teorizações de maneira articulada ao exercício da prática;
- Competência para elaboração de texto escrito sobre conteúdos estudados;
- Qualificação para refletir e expressar em linguagem própria da Museologia, sobre aspectos diversos da realidade sociocultural.

Sejam quais forem os métodos utilizados nos processos de avaliação dos alunos, eles deverão obedecer aos parâmetros de pontuação exigidos pela Universidade Federal de Pelotas.

Cabe destacar que o Curso tem no Núcleo de Inclusão e Acessibilidade (NAI) da UFPel um parceiro, considerando as peculiaridades diversas inerentes ao processo de acompanhamento e avaliação do ensino e aprendizagem. Neste sentido, é fundamental o papel cumprido, em especial, pela Seção de Atendimento Educacional Especializado (SAEE) do NAI, atendendo e diagnosticando a necessidade de acompanhamento personalizado de alunos, de modo não só a orientá-los, mas também aos professores, tendo em vista suas necessidades educacionais próprias. Tal suporte se relaciona tanto aos processos de ensino e aprendizagem, como aos sistemas de avaliação.

Quanto à frequência em aulas e demais atividades programadas, independentemente dos resultados obtidos, é considerado reprovado na disciplina o aluno que não obtenha frequência de, no mínimo, 75% (setenta e cinco por cento). As regras específicas quanto às possibilidades de concessão de abono de faltas constam no artigo 118 do Regulamento de Ensino da Graduação da UFPel.

4.3. APOIO AO DISCENTE

A Universidade Federal de Pelotas possui diversos setores voltados ao atendimento discente, com destaque para a Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE). Nesse órgão, a Coordenação de Políticas Estudantis (CPE) é responsável pelas políticas que norteiam

as ações da PRAE em relação ao acolhimento, moradia e permanência de estudantes da UFPel no Programa de Moradia Estudantil (PME). Uma forma de ajuda exemplifica-se como o Auxílio-moradia e o Auxílio-deslocamento, ajuda mensal para a fixação e mobilidade de estudantes de fora e/ou da cidade de Pelotas, com dificuldades financeiras.

A PRAE conta com o Núcleo Psicopedagógico de Apoio ao Discente, responsável pela ajuda emocional a estudantes com dificuldades pessoais e/ou de aprendizado. Regularmente são publicados Editais de Programas de Assistência Estudantil, os quais possuem recursos destinados a retenção e conclusão dos estudos dos discentes, por meio de diversos indicadores. Três unidades do Restaurante Universitário (Campus Capão do Leão, Campus Anglo e Campus Centro) servem refeições com cardápio semanal aos estudantes com benefícios, ou com preços acessíveis para os não beneficiados com auxílio-alimentação.

Outro setor, a Coordenação de Políticas Estudantis, desenvolve políticas, principalmente a partir de editais de fomento, voltados a temas e ações como bolsas para a iniciação ao trabalho, editais para a realização de eventos acadêmicos, bolsas de desenvolvimento institucional, além da recente proposta de realização de cerimônias de formatura institucionais. Existem também editais específicos para a permanência de estudantes de origem indígena e quilombola.

Em sintonia com os objetivos estratégicos elencados no Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) e visando atender às políticas afirmativas do Brasil, o Conselho Universitário da UFPel aprovou em julho de 2016 a resolução número 08, que trata da aprovação do Plano Institucional de Acessibilidade. O objetivo de tal Plano é:

articular, fomentar e consolidar uma política de acessibilidade e inclusão na UFPel, promovendo adequação frente às barreiras pedagógicas, arquitetônicas, urbanísticas, de transporte, informação e comunicação, a fim de promover a acessibilidade e permanência dos alunos, docentes e técnico-administrativos com deficiência na comunidade universitária.

Cabe salientar que, em virtude da adesão ao programa INCLUIR do Governo Federal, desde 2008 a acessibilidade na UFPel é promovida pelo NAI, o qual recebe

demandas do corpo docente, discente e técnico administrativo, busca a aquisição de equipamentos e tecnologias assistivas; gerando e acompanhando processos administrativos para atendimento de alunos e servidores com deficiência; oferecendo serviços de tradutores e intérpretes de Língua de Sinais nos cursos de graduação e pós-graduação, em reuniões, defesas de teses e dissertações, etc.; controlando o projeto de ensino por tutoria para alunos com necessidades educacionais específicas; participando e promovendo eventos sobre acessibilidade e inclusão; promovendo acessibilidade nos eventos da UFPel, como a Semana Integrada de Inovação, Ensino, Pesquisa e Extensão; acompanhando e orientando os docentes que ministram disciplinas para alunos com necessidades especiais e oferecendo sugestões de encaminhamento, estratégias e metodologias alternativas, seja nas questões didáticas como na avaliação; apoiando projetos de extensão e pesquisa que promovam a acessibilidade; encaminhando alunos para o Núcleo de Apoio Psicopedagógico (NUPADI), da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis; capacitando técnicos administrativos lotados no NAI, visando o desenvolvimento sensível à realidade da pessoa com deficiência. O NUPAD também promove encontros de grupos de apoio psicológico e palestras sobre saúde mental visando difundir o apoio institucional fornecido.

O Conselho Universitário da UFPel aprovou, em fevereiro de 2018, sua Resolução de número 3 que dispõe sobre a Política de Ações Afirmativas para Pessoas com Deficiência, Transtorno do Espectro Autista (TEA), Altas Habilidades e Superdotação no âmbito dos Cursos de Graduação e Pós-graduação da UFPel. Por meio desta resolução a UFPel busca garantir condições de acesso, permanência, igualdade de participação e aprendizagem por meio da oferta de serviços e de recursos de acessibilidade que propiciem a eliminação de barreiras arquitetônicas, pedagógicas, comunicacionais, atitudinais e sociais que promovam a inclusão plena para pessoas com deficiência visual, auditiva, física, intelectual, transtorno do espectro autista, altas habilidades e superdotação.

No âmbito do curso, o Colegiado busca estar atento às necessidades específicas de alunos que demonstrem dificuldades de acompanhamento das disciplinas ou problemas de frequência, encaminhando, conforme o caso, ao apoio discente oportunizado pelo NAI. O curso ainda organiza atividades que contemplem a integração estudantil, como a Semana de Acolhimento, contando com o apoio do seu Centro

Acadêmico (CAMU). Nesta Semana acontecem ações de integração através das quais diversos aspectos da vida e percurso acadêmico são esclarecidos aos ingressantes. Essa iniciativa tem notável efeito positivo no esforço de diminuição da evasão, assim como para prover o real sentido do termo acolhimento, qual seja: proteger, amparar e abrigar. O planejamento das Semanas de Acolhimento se dá anualmente, com reuniões regulares para definir a programação e o cronograma de atividades. Neste sentido, toda a programação está sempre pronta para ser efetivada na primeira semana de aula.

Outra iniciativa de acompanhamento e integração dos estudantes é a Jornada Acadêmica da Museologia (JOMU). O objetivo, traçado coletivamente, é engajar os alunos do Curso em uma construção de saberes intrinsecamente relacionados ao campo museológico, em um prisma contemporâneo e prático. As ações são planejadas através de reuniões periódicas com uma comissão formada por discentes, podendo contar com a colaboração de docentes convidados, de sorte a delinear coletivamente os objetivos, metodologia, cronograma e a programação do evento. Cumpre mencionar que esta ação tem estreita relação com a construção de uma identidade do Curso, e por meio dela se consegue observar uma aproximação efetiva dos estudantes do Curso com o corpo docente, assim como abre ampla perspectiva para vislumbrar como a área está se desenvolvendo no Brasil. A JOMU procura privilegiar, também, a participação de profissionais que atuam em outros estados e municípios.

5. GESTÃO DO CURSO E PROCESSOS DE AVALIAÇÃO INTERNA E EXTERNA

5.1. COLEGIADO DE CURSO

O Colegiado, em conjunto com a sua Coordenação, deverá trabalhar no sentido de cumprir o Projeto Pedagógico do Curso de Bacharelado em Museologia, dentro das condições legais, institucionais e de infraestrutura disponíveis. Trata-se do órgão de coordenação didática, que tem por finalidade superintender o ensino, no âmbito do Curso.

O Colegiado é composto por um representante de cada Departamento necessário à estrutura do Curso, são professores representantes das áreas profissionalizante e básica, além da representação discente. O Colegiado é dirigido por um Coordenador. A escolha do Coordenador se dá por seleção interna, de uma lista tríplice de membros, do próprio Colegiado, a qual é submetida à apreciação da Reitoria. A duração do mandato da Coordenação do Curso é de 2 (dois) anos, podendo ser reconduzido.

De acordo com o Regimento da UFPel, as atribuições dos colegiados de graduação são as seguintes:

- Coordenar e supervisionar o curso;
- Receber reclamações e recursos na área do ensino;
- Apreciar os pedidos de transferência e estudar os casos de equivalência de disciplinas de outras Universidades ou Unidades de Ensino, para efeitos de transferência;
- Elaborar ou rever o currículo, submetendo-o ao Conselho Coordenador do Ensino, da Pesquisa e da Extensão;
- Propor ao Conselho Coordenador do Ensino, da Pesquisa e da Extensão, a organização curricular dos cursos correspondentes;
- Emitir parecer sobre os processos relativos a aproveitamento de estudos e adaptação, mediante requerimento dos interessados;
- Assegurar a articulação entre o ciclo básico e o ciclo profissional do curso correspondente;
- Estabelecer normas para o desempenho dos professores orientadores;
- Emitir parecer sobre recursos ou representações de alunos sobre matéria didática;
- Aprovar o Plano de Ensino das disciplinas do curso correspondente;

- Aprovar a lista de ofertas das disciplinas do curso correspondente, para cada período letivo;
- Propor aos Departamentos correspondentes os horários mais convenientes para as disciplinas de seu interesse;
- Elaborar seu Regimento, para aprovação pelo Conselho Coordenador do Ensino, da Pesquisa e da Extensão.

A Coordenação do Curso de Museologia atua no sentido de viabilizar o funcionamento do Curso, a partir daquilo que está previsto em seu Projeto Pedagógico, obedecendo também aos marcos legais vigentes e aos espaços institucionais e de infraestrutura disponibilizados pela UFPel. Dessa forma, cabe destacar que a atuação da Coordenação está definida no Regimento da UFPel, conforme o que segue:

- Integrar o Conselho Universitário, quando for o caso;
- Presidir os trabalhos do Colegiado de Cursos;
- Responder, perante o Conselho Coordenador do Ensino, da Pesquisa e da Extensão, pela eficiência do planejamento e coordenação das atividades de ensino do curso correspondente;
- Fiscalizar o cumprimento da legislação federal de ensino relativa ao Curso;
- Coordenar a atividade de orientação discente no âmbito do respectivo Curso;
- Designar os professores-orientadores;
- Receber e encaminhar os processos dirigidos ao Colegiado de Curso;
- Solicitar aos chefes de Departamentos as providências necessárias ao regular funcionamento do Curso;
- Cumprir e fazer cumprir as decisões do Colegiado de Curso;
- Assegurar o regular funcionamento do Colegiado de Curso, dentro das normas do Estatuto e do Regimento da Universidade e Resolução do Conselho Coordenador do Ensino, da Pesquisa e da Extensão;
- Comunicar ao Diretor da Unidade correspondente as faltas não justificadas de professores às reuniões do Colegiado.

Abaixo, a atual composição do Colegiado do Curso de Bacharelado em Museologia, do Instituto de Ciências Humanas:

Área Profissionalizante:

Departamento de Museologia, Conservação e Restauro - DMCOR/ICH:

Prof. José Paulo Siefert Brahm (Coordenador do Curso)

Titular: *Prof. Diego Lemos Ribeiro*

Suplente: *Prof. Pedro Luis Machado Sanches*

Titular: *Prof^a. Carla Rodrigues Gastaud*

Suplente: *Prof^a. Noris Mara Pacheco Martins Leal*

Titular: *Prof^a. Sarah Maggitti Silva*

Suplente: *Prof^a. Juliane Conceição Primon Serres*

Titular: *Prof^a. Rita Juliana Soares Poloni*

Suplente: *Prof. Roberto Heiden*

Titular: *Prof. Daniel Maurício Viana de Souza*

Suplente: *Prof^a. Annelise Costa Montone*

Centro de Artes:

Titular: *Prof. Rogério Vanderlei Lima Trindade*

Suplente: *Prof^a. Kelly Wendt*

Departamento de História – ICH:

Titular: *Prof. Aristeu Elisandro Machado Lopes*

Suplente: *Prof. Jonas Moreira Vargas*

Departamento de Arqueologia e Antropologia – ICH:

Titular: *Profa. Cláudia Turra Magni*

Suplente: *Profa. Adriane Luisa Rodolpho*

Área Básica:

Departamento de Filosofia – IFISP

Titular: *Prof. Carlos Alberto Miraglia*

Suplente: *Prof. Carlos Adriano Ferraz*

Departamento de Arquitetura e Urbanismo – FAUrb

Titular: *Prof. . Ricardo Luis Sampaio Pintado*

Suplente: *Prof. Eduardo Rocha*

Departamento de Ecologia, Zoologia e Genética – IB

Titular: *Prof. José Eduardo Figueiredo Dornelles*

Suplente: *Prof. Cesar Jaeger Drehmer*

Departamento de Botânica – IB

Titular: *Prof. Márcio Silva de Souza*

Suplente: *Prof^a. Caroline Scherer*

Departamento de Turismo – FAT

Titular: *Prof^a. Dalila Müller*

Suplente: *Prof^a. Dalila Rosa Hallal*

Representantes Discentes:

Titular: *Acad. João Pedro Peccini Rodrigues*

Suplente: *Acad. Flora Coelho Jerozolinski*

No que tange aos seus processos de avaliação, o Curso de Museologia promoverá ações em âmbito externo – através do atendimento aos padrões de qualidade conforme disposto no art.3º, inciso VIII, da Lei nº10.861, de 14/04/2004 – e interno, por meio de metodologia de acompanhamento dos egressos. Neste sentido, o Curso implementará pesquisas de avaliação junto a instituições públicas e privadas que venham absorver seus egressos.

5.2. NÚCLEO DOCENTE ESTRUTURANTE

O Núcleo Docente Estruturante – NDE, constitui-se de um grupo de docentes com atribuições de caráter consultivo, propositivo e de assessoria sobre matéria acadêmica, para acompanhamento do Curso, sendo corresponsável pela elaboração, implementação, atualização e consolidação do Projeto Pedagógico do Curso, visando à continuada promoção de sua qualidade.

O Curso de Bacharelado em Museologia possui o Núcleo Docente Estruturante que é responsável pela concepção e atualização de seu Projeto Pedagógico. O Regimento Interno, elaborado em 2014, está de acordo com as normas e orientações estabelecidas pela Resolução Nº. 01, de 17 de junho de 2010, da Comissão Nacional de Avaliação da Educação Superior – CONAES, bem como a Resolução Nº 22 de 19 de julho de 2018, do Conselho Coordenador do Ensino, da Pesquisa e da Extensão – COCEPE da UFPel.

Dentre suas atribuições, em consonância com o Art. 2º da referida Resolução do COCEPE, figuram:

I. Propor, organizar e encaminhar, em regime de colaboração, a elaboração, reestruturação e atualização do Projeto Pedagógico do Curso (PPC), definindo concepções e fundamentos;

II. Promover melhorias no Currículo do Curso tendo em vista a sua flexibilização e a promoção de políticas que visem sua efetividade;

III. Contribuir para consolidação do perfil profissional do egresso e melhora geral da qualidade do Curso ao qual se vincula, realizando estudos e atualizações periódicas do PPC, verificando o impacto do sistema de avaliação de aprendizagem na formação do estudante e análise da adequação do perfil do egresso, considerando as Diretrizes Curriculares Nacionais e as novas demandas do mundo do trabalho e da sociedade;

IV. Acompanhar o desenvolvimento do PPC, referendando, por meio de relatório redigido e assinado por todos os seus membros, a adequação das bibliografias básicas e complementares do curso, de modo a garantir compatibilidade, em cada bibliografia básica e complementar da unidade curricular, entre número de vagas autorizadas (do próprio curso e de outros cursos que utilizem os títulos) e a quantidade de exemplares por título (ou assinatura de acesso) disponível no acervo, seja físico ou virtual;

V. Zelar pelo cumprimento das Diretrizes Nacionais para os cursos de graduação e demais legislações relacionadas;

VI. Acompanhar e apoiar o cumprimento das normas de graduação da UFPel e demais normas institucionais aplicáveis;

VII. Estudar políticas que visem à integração do ensino de graduação, da pesquisa e pósgraduação e da extensão, considerando o aprimoramento da área de conhecimento do curso;

VIII. Encaminhar à Direção da Unidade as demandas referentes à aquisição de títulos virtuais ou físicos, para adequação das referências bibliográficas ao PPC do Curso;

IX. Disponibilizar o relatório referendado de bibliografias aos avaliadores do INEP/MEC, durante as visitas in loco para fins de autorização, reconhecimento, renovação de reconhecimento de curso ou credenciamento institucional;

X. Acompanhar e apoiar os processos de avaliação e regulação do Curso.

A Museologia se caracteriza por suas propriedades interdisciplinares, o que vai refletir na formação do corpo docente deste Curso de Bacharelado, que conta com professores de diversas áreas do conhecimento. A ideia fundamental, neste sentido, é que façam parte do NDE os professores que desde o seu ingresso na Universidade tenham vínculo direto com o Curso, além daqueles que idealizaram sua implantação. Dessa maneira, este Núcleo se constituirá de docentes que se dedicam mais profundamente às rotinas acadêmicas específicas do Curso de Museologia.

A composição do Núcleo Docente Estruturante incorpora professores envolvidos com os ideais do Curso e do Projeto Pedagógico, com dedicação exclusiva e formação acadêmica compatível com as funções do Núcleo. Atualmente é composto pelos seguintes docentes:

- Prof. José Paulo Siefert Brahm, Coordenador;
- Prof. Diego Lemos Ribeiro;
- Prof^a. Sarah Maggitti Silva;
- Prof^a. Juliane Conceição Primon Serres;
- Prof^a. Noris Mara Pacheco Martins Leal;
- Prof^a. Carla Rodrigues Gastaud;
- Prof. Pedro Luís Machado Sanches;
- Prof^a. Rita Juliana Soares Poloni;
- Prof. Daniel Maurício Viana de Souza.

O Regimento do Núcleo Docente Estruturante do Curso de Bacharelado em Museologia consta no Apêndice A.

5.3. AVALIAÇÃO DO CURSO E DO CURRÍCULO

Trata-se da valorização do ensino, do aluno, e do profissional docente, assim como toda a estrutura que estiver relacionada ao Curso, tendo como objetivo maior estabelecer rotina permanente de avaliação, a ser implementada entre a coletividade do Curso, possibilitando refletir sobre seu funcionamento global, avaliando quesitos como, por exemplo, o espaço do ensino e suas condições de ensino-aprendizagem. O Projeto Pedagógico do Curso é o instrumento norteador para qualquer forma de avaliação institucional que venha a se realizar, junto ao Curso de Museologia, além de mecanismo de trabalho que subsidia a realização de reuniões semestrais, definidas pelo Núcleo Docente Estruturante e pelo Colegiado do Curso.

A avaliação deverá ser realizada de forma continuada, permitindo verificar se a atuação/relação docente-discente e o desenho curricular previsto estão em pleno funcionamento e atendendo às demandas e necessidades inerentes ao conjunto do Projeto Pedagógico e do próprio Curso em si. Considera-se importante incluir como um elemento a ser aferido, no contexto da avaliação do Curso e do currículo, a atuação didático-pedagógica dos professores. Para tanto, o Curso propõe discussões acerca do andamento das disciplinas, em ambiente de Colegiado de Curso. Além disso, a partir de 2015, a Comissão Própria de Avaliação (CPA), da Universidade, implantou um sistema no qual o discente pode avaliar os docentes através do sistema COBALTO.

Uma iniciativa fundamental para a avaliação do currículo e do Curso é a participação na ação institucional consubstanciada em projeto de ensino intitulado Estratégias de Enfrentamento à Evasão e Retenção nos Cursos de Graduação da UFPel. As estratégias desenvolvidas no âmbito deste projeto, são: Diagnóstico do Curso; Análise da metodologia e proposta pedagógica do Curso; Fortalecimento da identidade do Curso; Realização da Semana de Acolhida aos Calouros; Desenvolvimento da I Jornada Acadêmica do Curso de Museologia. Tais iniciativas têm se demonstrado eficazes, sendo os resultados obtidos trabalhados no contexto do NDE e em grupo de trabalho específico.

Outra estratégia que se propõe implementar é a elaboração de instrumento específico a ser aplicado semestralmente aos alunos formandos, que já tiveram oportunidade de passar por todos os componentes curriculares obrigatórios do Curso. A aplicação desta avaliação ficará a cargo do Coordenador do Curso ou de professor designado pelo NDE. O resultado deverá nortear discussões e tomadas de providências, no sentido da qualificação do currículo.

6. ACOMPANHAMENTO DE EGRESSOS

O acompanhamento dos profissionais egressos deve permitir ao Curso conhecer os resultados da formação propiciada, no que tange à inserção dos formandos no campo de trabalho, e nas ações das quais os mesmos são capazes no âmbito da sua área de conhecimento. Um sistema eficiente de acompanhamento fornece informações importantes pelas quais se podem julgar e operar mudanças e ajustes em estruturas curriculares, ementas, planos de ensino, além da análise em relação ao perfil profissional pretendido e o atingido pelos egressos. Vale ressaltar que esse acompanhamento também pode vir a fornecer parâmetros para a proposição de novas ações acadêmicas nas esferas da extensão e da pesquisa.

Sendo indiscutível a importância de um sistema de acompanhamento de egressos, já que se pode considerá-lo sob os objetivos expostos, faz-se necessário pensar no sistema como um conjunto de ações compatíveis com a capacidade de execução da Instituição. Desta forma, para a obtenção de dados anuais, a partir da primeira turma formada, será necessário que a Coordenação do Curso mantenha o cadastro de cada egresso atualizado. Essa conferência e atualização de dados pessoais dos egressos objetiva viabilizar o contato com os mesmos. Através de correio eletrônico, a secretaria do Curso, anualmente, solicitará a atualização, que deverá ser realizado por meio do Cadastro de Egressos, disponibilizado no Portal de Acompanhamento de Egressos da UFPel, acessível em <https://wp.ufpel.edu.br/egresso/>. Assim, será possível averiguar se os mesmos trabalham em atividades que possam ser classificadas como sendo da área; e quantos estão trabalhando em outras áreas; e quem, efetivamente, não está trabalhando. Esse mesmo instrumento de cadastro verificará sobre quem está cursando outra graduação, especialização/pós-graduação ou tem planos de fazê-lo.

Para os solicitados, que aceitarem o convite, aplicar-se-á outro instrumento de caráter qualitativo, consistindo esse de um roteiro de entrevista formado por quatro blocos de questões, definidos pelos seguintes conteúdos gerais:

1) Identificação de atuação dos profissionais em sua área de formação e das características do trabalho realizado;

2) Atualização, pós-graduação e educação continuada;

3) Busca e convivência com a área, tanto pela atualização através de literatura especializada, como pela participação em eventos ou em associações e grupos de classe ou classes afins;

4) Análises de como a formação acadêmica contribuiu para facilitar a inserção destes profissionais no campo de trabalho.

7. INTEGRAÇÃO ENTRE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

A própria natureza da Museologia exige uma formação profissional arraigada, inevitavelmente, à integração entre ensino, pesquisa e extensão. Muitas das ações de ensino e pesquisa, no Curso, em alguma medida, são de caráter extensionista, uma vez que são desenvolvidas em museus e demais espaços congêneres – tanto na cidade de Pelotas, como em outras regiões, além do fato de que o próprio conceito de extensão já a situa como “o processo educativo, cultural e científico que articula o ensino e a pesquisa de forma indissociável” (Plano Nacional de Extensão Universitária).

Outra maneira, através da qual se dá tal integração, é na relação estabelecida com outros cursos, tanto de graduação como de pós-graduação. É potente, neste sentido, a participação de diversos professores e estudantes no Grupo de Pesquisa “Estudos Interdisciplinares em Memória e Patrimônio”, congregando estudos sobre fenômenos de interesse do campo museológico, que propiciam a produção de conhecimentos também atinentes aos conteúdos programáticos de componentes curriculares diversos, e se espraiam para além dos muros da Universidade, consolidando de forma profunda o diálogo com as coletividades externas.

É importante destacar, ainda, que institucionalmente a UFPel apresenta uma política de integração entre pesquisa, ensino e extensão, e que o Curso de Museologia – resguardando suas características e especificidades – na proposição e desenvolvimento de suas ações, está em sintonia com tais diretrizes institucionais. Outros princípios são também observados por nossa coletividade acadêmica, além de valorizados como política do próprio Colegiado de Curso, tais como a diversidade cultural, a justiça social, o respeito à dignidade humana, ao meio ambiente, e à necessidade ao acesso universal.

Os docentes do Curso de Bacharelado em Museologia coordenam atualmente mais de uma dezena de projetos de ensino, pesquisa e extensão, articulados – conforme mencionado – também a outros cursos de graduação e pós-graduação. Os projetos são de abrangência temática diversa, trabalhando em parceria com diferentes atores da coletividade interna e externa, contando com o suporte e a infraestrutura dos nossos laboratórios e núcleos, além de museus instalados na cidade, diretamente vinculados ou não à Universidade e ao Curso. Abaixo lista-se alguns desses projetos:

Ensino

- Documentação e Conservação do Acervo do Museu Carlos Ritter

- Organização do acervo e da documentação museológica do Museu da UFPel/ Museu do Telefone
- Organização da documentação museológica do Museu do Doce da UFPel
- Núcleo de Estudos Sobre Museus, Ciência e Sociedade (NEMuCS)
- Laboratório de Expografia da Universidade Federal de Pelotas (LAEXPO-UFPel)
- Visitação de escolas nos museus da UFPEL - produção de material de apoio

Pesquisa

- A memória do doce pelotense e a organização do Museu do Doce da UFPel
- Memórias do Projeto Popular Desafio Pré-Universitário
- Musealização da Arqueologia
- Divulgação Científica em Museus: discurso e prática

Extensão

- Projeto de Revitalização do Museu Gruppelli
- Museu Morro Redondo: Espaço de memórias e identidades
- Projeto de Preservação do Patrimônio Cultural da Região do Anglo
- Desafio Pré-Universitário
- Museu e sustentabilidade: experiência em educação ambiental
- Dialogando com a escola: uma proposta interdisciplinar do Museu Arqueológico e Antropológico
- Ciclo de Estudos Patrimoniais
- Multiações patrimoniais no Museu do Doce
- Cine NEMuCS
- Exposição Rualidades: ecos de 2013
- Biblioteca Digital do NEMuCS
- Museu Diários do Isolamento
- Memorial Virtual às Vítimas da Boate Kiss
- Projeto de criação do Centro Cultural da Estação Férrea de Pelotas – RS
- Museu das Coisas Banais

8. INTEGRAÇÃO COM OUTROS CURSOS E COM A PÓS-GRADUAÇÃO

Como Curso que faz parte do DMCOR, o Bacharelado em Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis, mantém profunda integração com o Curso de Bacharelado em Museologia. Além da atuação de professores em componentes curriculares obrigatórios do nosso Curso, há ainda a intensa cooperação nos mais diversos projetos (ensino, pesquisa e extensão), propostos e desenvolvidos por nossos docentes – inclusive de forma curricular, como no caso da carga horária prevista em extensão. Para além da cooperação entre docentes, estes projetos contam também com a participação de discentes do Curso de Conservação e Restauração, que, vale destacar, costumam desenvolver atividades em conjunto, tais como semanas acadêmicas, encontros e demais eventos.

No que tange ao desenvolvimento de projetos, em suas três vertentes acadêmicas, se acentua que a constante participação colaborativa de docentes e discentes de diversos Cursos da UFPel, como um todo, também é um fator de integração. É possível nomear como áreas que têm mantido relação direta com nossos projetos – além de participações eventuais –, História, Artes, Ciências Sociais, Antropologia, Arqueologia, Letras, Arquitetura, Música, Terapia Ocupacional, Física, Turismo, dentre outras. Espaços como museus e laboratórios, que abarcam ou mesmo onde surgem tais projetos, são facilitadores desses processos de integração, além de cumprirem papel decisivo na própria inserção agudizada da Universidade na sociedade.

Ainda acerca da relação com outros cursos de graduação, vale ressaltar que a própria natureza interdisciplinar da Museologia exige uma intrínseca confluência com as mais diferentes áreas do conhecimento. Desta maneira, a estrutura curricular do Curso, reflete, de maneira profunda, este diálogo, irrevogavelmente necessário à adequada formação do profissional Museólogo.

O Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, com o Curso de Mestrado criado em 2006 e o de Doutorado em 2012, tem em seu quadro permanente doutores que integram o Colegiado dos Cursos de Museologia e de Conservação e Restauração. Os projetos de pesquisa da pós-graduação estimulam a formação de equipes nas quais os alunos do Curso de Museologia podem atuar como pesquisadores ou colaboradores. Os alunos da graduação também participam de palestras

e de eventos organizados pelo Programa de Pós-Graduação. Vários egressos da graduação seguem seus estudos no PPG em Memória Social e Patrimônio Cultural.

Além disso, vários eventos e ações pedagógicas promovidos pelo PPG em Memória e Patrimônio são abertos à participação dos graduandos dos Cursos de Bacharelado em Museologia e Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis, tais como Grupos de Estudos, projetos de Extensão e projetos de Ensino.

É importante ressaltar o papel que cumprem os estágios docente, obrigatórios a doutorandos que percebem bolsa DS CAPES, na interação com a Graduação em Museologia. Tais estágios, constituem-se em importantes experiências, tanto para os doutorandos, uma vez que podem atuar na prática docente, qualificando-os como futuros professores, quanto para os alunos do Bacharelado, que podem ter acesso a perspectivas e dinâmicas de trabalho trazidas pelos jovens pesquisadores e com acompanhamento do professor regente da disciplina.

Ainda é importante ressaltar que a atuação de estudantes do Bacharelado em Museologia, em projetos de ensino, pesquisa e extensão, dos docentes do PPGMP, vem favorecendo que muitos graduandos ingressem na pós-graduação, já com experiência em pesquisa. As Bolsas de Iniciação Científica, de Extensão e Ensino são instrumentos importantes nessa formação e orientação do graduando para a pós-graduação.

9. TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TIC) NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

O uso de tecnologias da informação e comunicação (TICs), empregado com rigor, critério e discernimento, propicia inovações nos processos pedagógicos, ao permitir que docentes recriem materiais de aprendizagem sustentados em suportes multimídia e interativos. As TICs podem ajudar, ainda, na superação de modelos tradicionais de ensino, de modo a propiciar uma postura mais ativa dos estudantes no processo educativo.

Cotidianamente são diversas as tecnologias de informação e comunicação utilizadas no Curso de Museologia da UFPel. As mais comuns e recorrentes são telefone e e-mail do Curso, utilizados para atendimento da coletividade externa e interna. É importante acentuar, contudo, que há uma série de outras plataformas, institucionais ou não, que funcionam como canais de comunicação e informação entre docentes, técnicos, discentes e a coletividade em geral. Outra ressalva importante: embora o Curso não conte com um laboratório de informática, garante-se condições institucionais de disponibilização das tecnologias para desenvolvimento de disciplinas e espaços de estudo no curso, tais como laboratórios, núcleos e demais locais.

No website do Curso (<https://wp.ufpel.edu.br/museologia/>) são feitas publicações periódicas com informações de interesse acadêmico. Tais publicações são replicadas em perfil próprio no Facebook (<https://www.facebook.com/Museologia-UFPel-257650047608837/>). Cabe destacar, também, que estes veículos são importantes canais de divulgação de projetos, eventos e demais produções que professores e alunos desenvolvem no âmbito do Curso. Laboratórios, Núcleos e demais projetos também mantêm suas páginas e redes sociais na internet.

Em sala de aula é recorrente o uso de projetor datashow, além da utilização de recursos audiovisuais diversos. É fundamental ressaltar que todo recurso de ensino, neste contexto evocado, respeita não só às demandas da sociedade da informação, de maneira ampla, mas também – e sobretudo – às particularidades dos estudantes envolvidos. Consideramos que modelos educacionais verdadeiramente dinâmicos, flexíveis, cooperativos, personalizados e interativos podem contribuir sobretudo para que os educandos se desenvolvam, de forma livre e autônoma, como sujeitos sociais críticos e reflexivos.

A própria UFPel possui o “Sistema Integrado de Gestão - COBALTO” (<https://cobalto.ufpel.edu.br/>), utilizado por professores, estudantes e técnico-administrativos. Todos os projetos de pesquisa, ensino e extensão são formalmente cadastrados e gerenciados através desta plataforma. No COBALTO professores registram, também, suas rotinas acadêmicas, de modo que os estudantes ficam com acesso à consulta sobre informações de interesse, tais como notas, frequência, dentre outras, no que concerne aos componentes curriculares. O sistema permite, ainda, o envio de mensagens para alunos e turmas, funcionando como importante plataforma de registro de grande parte da comunicação travada no interior da coletividade acadêmica.

Utiliza-se na UFPel, também, o Sistema Eletrônico de Informações – SEI (<https://sei.ufpel.edu.br/>), plataforma destinada a concentrar a produção e tramitação de processos em via eletrônica. A ferramenta dinamiza a articulação do professor com a instituição, além de facilitar e agilizar o atendimento às demandas dos estudantes, de seu departamento e colegiado. Além de ser um portal de transparência, reforçando o compromisso com a probidade exigida ao serviço público, permite, ainda, uma simultaneidade na tomada de providências e de manifestações do expediente administrativo.

A Biblioteca da UFPel também está equipada com plataforma digital voltada para o gerenciamento de seu acervo. O PERGAMUM (<http://pergamum.ufpel.edu.br/>), dispõe de uma série de funcionalidades, tais como a consulta ao acervo e sua disponibilidade para leitura local ou empréstimo, além da leitura de periódicos e publicações exclusivamente disponibilizadas em meio digital, adquiridas pela UFPel. Vale destacar que recentemente a Universidade adquiriu a biblioteca acadêmica da EBSCO, importante base de dados online com permissão de acesso a títulos digitais diversos, pertinentes aos interesses da Museologia.

10. AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM (AVA)

O Curso de Museologia da UFPel se utiliza de ambientes virtuais de aprendizagem como complemento pedagógico opcional, no escopo dos recursos e tecnologias integradas. Neste sentido, o AVA mais usado é a plataforma institucional do Moodle (<https://moodle.ufpel.edu.br/sysead/>), não se excluindo, entretanto, a possibilidade de uso de outras plataformas. Cabe destacar que no contexto atual da pandemia de COVID-19, em que a UFPel implementou um calendário acadêmico alternativo, baseado no ensino remoto emergencial, o AVA institucional implementado foi o e-AULA (<https://e-aula.ufpel.edu.br/>), um novo Moodle atualizado apresentando integração automática com o COBALTO e o sistema de webconferência da UFPel (<https://webconf.ufpel.edu.br/b>).

De maneira geral, tais ambientes virtuais de aprendizagem são softwares que auxiliam na montagem de cursos acessíveis pela internet, permitindo que o professor gerencie e disponibilize conteúdos para o aluno, além acompanhar o seu progresso. Conforme exposto, no Curso de Museologia da UFPel, o Moodle e outras plataformas similares, são utilizadas como ferramentas de apoio às aulas presenciais, através da qual os professores podem criar atividades, integrar mídias e conteúdos, propor fóruns, tarefas, questionários, laboratórios de avaliação, dentre outros.

II - QUADRO DOCENTE E TÉCNICO-ADMINISTRATIVO

O quadro docente e técnico-administrativo do Curso de Bacharelado em Museologia conta com um leque de docentes que atendem as disciplinas dos núcleos profissionalizante e básico. Em consonância com o caráter interdisciplinar da área, abarca professores do Departamento de Museologia, Conservação e Restauração, assim como professores de outros Departamentos e/ou Câmaras para oferta de disciplinas.

O cenário atual de docentes e técnico-administrativos consiste em:

Do Departamento de Museologia, Conservação e Restauro (DMCOR):

- **Prof.^a Annelise Costa Montone:** Graduada em Arquitetura em Urbanismo (UFPel) / Doutora em Memória Social e Patrimônio Cultural (UFPel) / 40h DE;
- **Prof.^a Carla Rodrigues Gastaud:** Graduada em História (UFPel) / Doutora em Educação (UFRGS) / 40h DE;
- **Prof. Daniel Maurício Viana de Souza:** Graduado em Museologia (UNIRIO) / Doutor em Sociologia (UFRGS) / 40h DE;
- **Prof. Diego Lemos Ribeiro:** Graduado em Museologia (UNIRIO) / Doutor em Arqueologia (USP) / 40h DE;
- **Prof.^a Francisca Ferreira Michelin:** Licenciada em Educação Artística (UFPel) / Doutora em História (PUC-RS) / 40h DE;
- **Prof.^a Juliane Conceição Primon Serres:** Licenciada em História (UFES) / Doutorado em História (UNISINOS) / 40h DE;
- **Prof.^a Noris Mara Pacheco Martins Leal:** Graduada em História (UFRGS) / Doutora em Memória Social e Patrimônio Cultural (UFPel) / 40h DE;
- **Prof. Pedro Luis Machado Sanches:** Graduado em Filosofia (USP) / Doutorado em Arqueologia (USP) / 40h DE;
- **Prof.^a Rita Juliana Soares Poloni:** Graduada em História (UFES) / Doutora em História da Arqueologia (UALG) / 40h DE;
- **Prof. Roberto Heiden:** Licenciado em Artes (UFPel) / Doutor em Memória Social e Patrimônio Cultural (UFPel) / 40h DE;

- **Prof.^a Sarah Maggitti Silva:** Graduada em Museologia (UFBA) / Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural (UFPel) / 40h DE.
- **Prof. José Paulo Siefert Brahm:** Graduado em Museologia (UFPel) / Doutor em Memória Social e Patrimônio Cultural (UFPel) / 40h DE;

De outros Departamentos e/ou Câmaras:

Departamento de História (DH)

- **Prof. Aristeu Elisandro Machado Lopes:** Graduado em História (UFPel) / Doutor em História (UFRGS) / 40h DE;
- **Prof. Jonas Moreira Vargas:** Graduado em História (UFRGS) / Doutor em História Social (UFRJ) / 40h DE;

Centro de Artes (CA)

- **Prof.^a Caroline Leal Bonilha:** Graduada em Artes Visuais (UFPel) / Doutora em Educação Ambiental (UFPel) / 40h DE;
- **Prof. Rogério Vanderlei de Lima Trindade:** Graduado em Desenho e Pintura (UFSM) / Doutor em Educação (UFSM) / 40h DE;
- **Prof. Ricardo Henrique Ayres Alves:** Graduado em Artes Visuais (FURG) / Doutor em Artes Visuais (UFRGS) / 40h DE;

Departamento de Antropologia e Arqueologia (DAA)

- **Prof.^a Cláudia Turra Magni:** Graduada em História (UFRGS) / Doutora em Antropologia Social e Etnologia (EHESS/França) / 40h DE;

Departamento de Turismo (DTUR)

- **Prof.^a Dalila Rosa Hallal:** Graduada em Ciências Domésticas (UFPel) / Doutora em História (PUC-RS) / 40h DE;

Departamento de Botânica (DB)

- **Prof. Márcio Silva de Souza:** Graduado em Ciências Biológicas (UFPA) / Doutor em Oceanografia Biológica (FURG) / 40h DE;

Departamento de Ecologia, Zoologia e Genética (DEZG)

- **Prof. José Eduardo Figueiredo Dornelles:** Graduado em Ciências Biológicas (PUC-RS) / Doutor em Ciências (UFRGS) / 40h DE;

Departamento de Filosofia (DFIL)

- **Prof. Carlos Alberto Miraglia:** Graduado em Filosofia (UFRGS) / Doutor em Filosofia (UFPel) / 40h DE;
Departamento de Arquitetura e Urbanismo (DAURB)
- **Prof. Ricardo Luís Sampaio Pintado:** Graduado em Arquitetura e Urbanismo (UFPel) / Doutor em Memória Social e Patrimônio Cultural (UFPel) / 40h DE.

A maioria dos professores de outros Departamentos contribui de forma continuada no Curso, alguns desde a sua fundação. Para atendimento aos alunos, professores e público em geral, e organização dos trâmites burocráticos relativos ao Curso, é necessário um técnico-administrativo que cumpra a função de secretário; atualmente a servidora **Lecenir Diniz dos Santos:** graduada em Gestão Pública (Centro Universitário Internacional) / Estatutário 30h.

III - INFRAESTRUTURA

Em relação à infraestrutura física, atualmente o Curso dispõe de salas de aula, laboratórios, sala do Centro Acadêmico, além de salas voltadas às atividades administrativas. As salas de aula se concentram, em sua grande maioria, no Campus II-ICH. Contudo, em razão do caráter multidisciplinar do campo museológico, e do reflexo disso na estrutura curricular do Curso, também ocorrem aulas em outros campi da Universidade, que abrigam departamentos responsáveis pela oferta de disciplinas previstas em nossa matriz curricular. Vale ressaltar que o Campus II-ICH dispõe de banheiros e acesso via escadas. Há aparelhos de datashow disponíveis, além de acesso à rede wi-fi da Universidade, em todo o prédio.

O Bacharelado compartilha com o Departamento de Museologia, Conservação e Restauro, e o Curso de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis, uma sala coletiva de reuniões, com mesa, cadeiras e computador para uso docente. A Secretaria do Colegiado de Museologia divide sala contígua às mesmas Unidades supramencionadas, localizada no piso térreo do Campus.

Os discentes do Curso têm acesso a uma sala exclusiva para o Centro Acadêmico, equipada com computador, mobiliários, além da disponibilidade da rede wi-fi da Universidade. O Bacharelado conta, também, com as novas instalações da Biblioteca de Ciências Sociais (BCS) - localizada no Campus Porto - Prédio 01, Rua Alberto Rosa, 154 - equipada com salas de estudos para discentes e docentes.

Dentre as tecnologias de informação e comunicação utilizadas no desenvolvimento das atividades do Curso, destacamos o Sistema Integrado de Gestão (COBALTO) e o Sistema Eletrônico de Informações (SEI). Cabe ainda ressaltar que a utilização das redes sociais é considerada facilitadora da efetivação do Projeto Pedagógico do Curso, sendo utilizadas para, dentre outros objetivos, o compartilhamento on-line da bibliografia entre docentes e discentes. Outra plataforma digital importante a ser destacada é o Pergamun - Sistema de Gerenciamento do Acervo das Bibliotecas da Universidade Federal de Pelotas (SISBI/UFPel), que permite acessar on-line o acervo bibliográfico da Universidade.

As atividades de ensino, pesquisa e extensão são, em boa medida, desenvolvidas em laboratórios e núcleos do Curso, todos didática e administrativamente respaldados por Regimentos Internos, conforme diretrizes do Núcleo Geral de Laboratórios da UFPel. As características conceituais e estruturais de tais espaços estão descritas conforme o que segue:

- LAEXPO - Laboratório de Expografia: compreende as disciplinas de Expografia I, II e II, estando em sala de 36,30 m², mais anexo de 10,80 m², com o seguinte mobiliário: 3 mesas redondas, cadeiras, bancos altos, 3 arquivos, 2 estantes de aço e mesa para computador. Possui o seguinte equipamento de informática: computador de mesa. Conta ainda com demais equipamentos, mobiliários e materiais próprios para a elaboração de exposições museológicas.

- LAB DOC MUSE - Laboratório de Documentação Museológica: atende as disciplinas de Documentação Museológica I e II, assim como projetos de ensino, extensão e pesquisa realizados em acervos da UFPel e de instituições da região, ocupa uma sala de 48 m², com o seguinte mobiliário: 2 mesas de reuniões para doze pessoas, 1 mesa do professor, 5 mesas para computadores, 1 armário de escritório com 2 portas, 4 arquivos de aço. Possui os seguintes equipamentos de informática: possui 4 computadores instalados para uso na sala do Laboratório (dois por instalar), 1 computador em uso no Projeto de Ensino de Documentação e Conservação do Acervo do Museu das Telecomunicações, 2 computadores em uso no Projeto de Ensino de Documentação do Museu do Doce da UFPel. Conta ainda com demais equipamentos, tais como dois desumidificadores, 1 datashow e 3 televisões em uso no Museu do Doce da UFPel.

- LEP - Laboratório de Educação para o Patrimônio: compreende as disciplinas de Ação Cultural e Educativa em Museus I e II, estando em sala de 48 m², com o seguinte mobiliário: 2 mesas retangulares, cadeiras, 4 escrivaninhas, 1 armário de 2 portas, 1 gaveteiro, 3 estantes de aço, 1 quadro de vidro. Possui os seguintes equipamentos de informática: 3 computadores e 2 impressoras.

- NEMuCS - Núcleo de Estudos Sobre Museus, Ciência e Sociedade: compreende as disciplinas de Ciência, Divulgação Científica e Museus, outras oferecidas ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, além de abrigar e dar suporte as demais atividades de pesquisa e extensão, estando em sala de 15,78 m², com o seguinte mobiliário: mesa redonda, mesa de escritório em formato de L, mesa de reuniões

para oito pessoas, cadeiras, bancada, bancos e armário. Possui os seguintes equipamentos de informática: computador de mesa e impressora laser multifuncional.

- Museu das Coisas Banais: estando em sala de 15,78 m², com o seguinte mobiliário: duas mesas, quatro cadeiras e um armário. Possui o seguinte equipamento de informática: um computador.

- LÂMINA - Laboratório Multidisciplinar de Investigação Arqueológica: instalado em prédio de 3 andares, com área de 160 m². Possui mobiliário (bancadas, mesas, cadeiras, bancos, armários, mapotecas, estantes, etc.), equipamentos de informática (descritos no próximo item), materiais diversos de escavação e laboratório e outros equipamentos conforme segue: 1 estação total, 1 GPS de precisão, 1 GPS de navegação, 1 nível ótico.

- MUARAN - Museu Arqueológico e Antropológico: está em fase de implantação e ainda não possui espaço físico próprio, mas diversas de suas ações estão sendo postas em prática, antes mesmo de abrir suas portas ao público. Hoje com mobiliário que inclui 4 televisores, dois computadores, 9 fones de ouvido, oito expositores e três painéis em metal e madeira.

- Museu do Doce: órgão suplementar do Instituto de Ciências Humanas (ICH/UFPel), localizado no Casarão nº 8, em Frente à Praça Coronel Pedro Osório. O museu é voltado para a preservação e divulgação das tradições doceiras de Pelotas e região; patrimônio cultural imaterial do Brasil. Possui aproximadamente 500 m² de área expositiva. A instituição possui salas para exposições temporárias e de longa duração onde está disposto mobiliário voltado para a preservação ou exposição do acervo, tais como bancadas, módulos, prateleiras, armários, aquários e demais peças com essas características ou funções, além de espaço para laboratório de conservação e reserva técnica. O Museu possui três computadores com acesso à internet e uma impressora.

A Coordenação do Curso é responsável por processual e continuamente avaliar a qualidade e quantidade de espaços físicos e demais elementos infraestruturais indispensáveis ao bom funcionamento do curso. Com base em tal verificação, tendo como suporte a direção da Unidade, deverão ser demandadas as melhorias aos setores responsáveis.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Constituição Federal**. Brasília: Congresso Nacional, 1988. Disponível em: <http://www.mec.gov.br>

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CES nº 8/2007**. Dispõe sobre a integralização e duração dos cursos de graduação, bacharelados, na modalidade presencial. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/2007/rces002_07.pdf

BRASIL. **Lei 8.124, regulamenta a Lei 11.904/2009**, denominada Estatuto de Museus, e a Lei 11.906/2009, de criação do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), Brasília, DF, 17 de outubro de 2013.

BRASIL. **Lei 11.645, de 10 de março de 2008**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm.

BRASIL. **Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008**. Dispõe sobre o estágio de estudantes. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11788.htm.

BRASIL. **Lei 13.005/2014 – Aprova o Plano Nacional de Educação**. Brasília: Presidência da República, 2014. Disponível em: <http://www.mec.gov.br>

BRASIL. **Lei 10.861/2004 – Institui o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior – SINAES**. Brasília: Presidência da República, 1996. Disponível em: <http://www.mec.gov.br>

BRASIL. Lei 9394/1996 – **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: Presidência da República, 1996. Disponível em: <http://www.mec.gov.br>

BRASIL. MINISTÉRIO DA CULTURA. **Política nacional de museus**. Ministério da Cultura, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Resolução nº 1, de 30 de maio de 2012**. Estabelece Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos. Disponível em http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&id=17810&Itemid=866. BRASIL. Ministério da Educação.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. **Resolução nº 2, de 15 de junho de 2012.** Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental. Disponível em http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&id=17810&Itemid=866

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP. **Instrumento de avaliação de cursos de graduação presencial e à distância.** Brasília: (s.ed), 2015.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Plano Nacional de Educação PNE 2014-2024:** Linha de Base. Brasília, DF: Inep, 2015.

BRASIL. **Política Nacional de Museus:** memória e cidadania. Brasília: Secretária do Patrimônio, Museu e Artes Plásticas, Ministério da Cultura, 2003.

BRASIL. **Política Nacional de Museus.** Relatório de Gestão 2003/2006. Brasília, DF: IPHAN, MINC, 2006.

BRASIL. **Resolução Nº. 01, de 17 de junho de 2010,** da Comissão Nacional de Avaliação da Educação Superior – CONAES. Normatiza o Núcleo Docente Estruturante e dá outras providências. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=6885-resolucao1-2010-conae&category_slug=outubro-2010-pdf&Itemid=30192.

BRASIL. Resolução Nº 29/2018/COCEPE/UFPEL – **Regulamento do Ensino de Graduação** – Pelotas, 2018. Disponível em: <http://www.ufpel.edu.br>

BRASIL. Resolução Nº 15/2015/CONSUN/UFPEL – **Plano de Desenvolvimento Institucional** – Pelotas, 2015. Disponível em: <http://www.ufpel.edu.br>

BRASIL. **Projeto Pedagógico Institucional** – Pelotas, 2003. Disponível em: <http://www.ufpel.edu.br>

INEP. **Nota Técnica DAES/INEP nº. 008/2015.** Revisão do Instrumento de Avaliação de Cursos de Graduação nos graus de tecnólogo, de licenciatura e de bacharelado para as modalidades: presencial e à distância, do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior – SINAES. Brasília: (s.ed), 2015.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. Os “usos culturais” da cultura: contribuição para uma abordagem crítica das práticas e políticas culturais. YÁZIGI, Eduardo; CARLOS,

Ana FA; CRUZ, Rita de CA da C.. **Turismo: espaço, paisagem e cultura**. São Paulo: Hucitec, 1996.

Projeto Pedagógico do Curso de Bacharelado em Antropologia da UFPEL. Pelotas, 2019.

Projeto Pedagógico do Curso de Bacharelado em Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis da UFPEL. Pelotas, 2019.

TRUJILLO FERRARI, Alfonso. **Metodologia e Técnicas de pesquisa social**. Vol III, Campinas, 1971.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS (a). **Estatuto**. Disponível em <http://wp.ufpel.edu.br/scs/estatuto/>.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS (b). **Regimento**. Disponível em <http://wp.ufpel.edu.br/scs/regimento/>. Acesso em 08 maio 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS (c). COCEPE. **Resolução nº 03** de 08 de junho de 2009. Normatiza os Estágios obrigatórios e não obrigatórios, concedidos pela Universidade Federal de Pelotas. Disponível em: http://wp.ufpel.edu.br/scs/files/2010/08/2009_03.pdf.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS (d). COCEPE. **Resolução nº 04** de 08 de junho de 2009. Normatiza os Estágios obrigatórios e não obrigatórios realizados por alunos da UFPel, nos termos desta Resolução. Disponível em http://wp.ufpel.edu.br/scs/files/2010/08/2009_04.pdf. Acesso em 05 jun. 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS (g). COCEPE. **Resolução nº 14** de 12 de junho de 2014. Altera Artigos das Resoluções 03/2005 e 14/2010. Disponível em <http://wp.ufpel.edu.br/scs/files/2014/03/Res-1420141.pdf>.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS (h). **Portal – Institucional – Histórico**. Disponível em <http://portal.ufpel.edu.br/historico/>.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS (i). **Portal – Institucional – Missão – Visão**. Disponível em <http://portal.ufpel.edu.br/missao-visao>.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS (j). CONSUN. Resolução nº 13 de 10 de novembro de 2015. Aprova o Plano de Desenvolvimento Institucional da UFPel. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/scs/files/2010/08/Res-132015.pdf>.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS(k). COCEPE. **Resolução nº 29**, de 13 de setembro de 2018. Dispõe sobre o Regulamento do Ensino de Graduação na UFPel. Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/scs/files/2018/09/SEI_Resolução-29.2018-

Regulamento-Ensino-de-Graduação-I.pdf.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS (l). COCEPE. **Resolução nº 06**, de 10 de dezembro de 2020. Dispõe sobre o Regulamento da integralização das atividades de extensão nos cursos de Graduação da Universidade Federal de Pelotas - UFPEL e dá outras providências. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/scs/files/2020/12/Resolucao-06.2020-COCEPE.pdf>.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS (n). PRÓ-REITORIA DE ENSINO. **Diretrizes para a elaboração de Projeto Pedagógico de curso (PPC) da UFPel**. Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/cec/files/2019/07/PUBLICACAO_DIRETRIZES-PARAELABORACAO-DE-PROJETO-PEDAGOGICO-DE-CURSOPPC-DA-UFPEL-16072019.pdf.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS (o). COCEPE. **Resolução 22**, de 19 de julho de 2018. Dispõe sobre as Diretrizes de funcionamento do Núcleo Docente Estruturante (NDE) dos Cursos de Graduação da Universidade Federal de Pelotas. Disponível em <https://wp.ufpel.edu.br/scs/files/2018/08/Res.-Cocepe-22.2018.pdf>.

APÊNDICES

Apêndice A: Regimento do Núcleo Docente Estruturante

Regimento do Núcleo Docente Estruturante (NDE) do Curso de Bacharelado em Museologia da Universidade Federal de Pelotas

CAPÍTULO I

DAS CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Art. 1º. O presente Regimento disciplina as atribuições e o funcionamento do Núcleo Docente Estruturante – NDE do Curso de Bacharelado em Museologia.

Art. 2º. Conforme normatizam Parecer CONAES nº 4, de 17/06/2010 e a Resolução CONAES nº 1, de 17/06/2010, bem como a Resolução Nº 22 de 19 de julho de 2018 do Conselho Coordenador do Ensino, da Pesquisa e da Extensão (COCEPE) da UFPel, o Núcleo Docente Estruturante (NDE) do Curso de Bacharelado em Museologia da Universidade Federal de Pelotas constitui-se de um grupo de docentes comprometidos com a promoção da qualidade do ensino em Museologia, de modo dialógico, cooperativo e propositivo. As atribuições do NDE compreendem a elaboração, implementação, atualização e consolidação do Projeto Pedagógico do Curso, bem como serve como catalizador das demandas endógenas e exógenas da área.

CAPÍTULO II

DAS ATRIBUIÇÕES DO NÚCLEO DOCENTE ESTRUTURANTE

Art. 3º. São atribuições do Núcleo Docente Estruturante:

- I. Propor, organizar e encaminhar, em regime de colaboração, a elaboração, reestruturação e atualização do Projeto Pedagógico do Curso (PPC), definindo concepções e fundamentos;
- II. Promover melhorias no Currículo do Curso tendo em vista a sua flexibilização e a promoção de políticas que visem sua efetividade;

III. Contribuir para consolidação do perfil profissional do egresso e melhora geral da qualidade do Curso ao qual se vincula, realizando estudos e atualizações periódicas do PPC, verificando o impacto do sistema de avaliação de aprendizagem na formação do estudante e análise da adequação do perfil do egresso, considerando as Diretrizes Curriculares Nacionais e as novas demandas do mundo do trabalho e da sociedade;

IV. Acompanhar o desenvolvimento do PPC, referendando, por meio de relatório redigido e assinado por todos os seus membros, a adequação das bibliografias básicas e complementares do curso, de modo a garantir compatibilidade, em cada bibliografia básica e complementar da unidade curricular, entre número de vagas autorizadas (do próprio curso e de outros cursos que utilizem os títulos) e a quantidade de exemplares por título (ou assinatura de acesso) disponível no acervo, seja físico ou virtual;

V. Zelar pelo cumprimento das Diretrizes Nacionais para os cursos de graduação e demais legislações relacionadas;

VI. Acompanhar e apoiar o cumprimento das normas de graduação da UFPel e demais normas institucionais aplicáveis;

VII. Estudar políticas que visem à integração do ensino de graduação, da pesquisa e pósgraduação e da extensão, considerando o aprimoramento da área de conhecimento do curso;

VIII. Encaminhar à Direção da Unidade as demandas referentes à aquisição de títulos virtuais ou físicos, para adequação das referências bibliográficas ao PPC do Curso;

IX. Disponibilizar o relatório referendado de bibliografias aos avaliadores do INEP/MEC, durante as visitas in loco para fins de autorização, reconhecimento, renovação de reconhecimento de curso ou credenciamento institucional;

X. Acompanhar e apoiar os processos de avaliação e regulação do Curso.

CAPÍTULO III

DA CONSTITUIÇÃO DO NÚCLEO DOCENTE ESTRUTURANTE

Art. 4º. O Núcleo Docente Estruturante será constituído pelo Coordenador de Colegiado de Curso, como seu presidente, e por um mínimo de cinco (5) docentes que compõem o Colegiado, da área profissionalizante, com mandato de três anos, permitida uma recondução.

CAPÍTULO IV DOS REQUISITOS PARA A ATUAÇÃO NO NÚCLEO

Art. 5º. Os docentes que compõem o Núcleo Docente Estruturante terão titulação acadêmica obtida em programas de pós-graduação *stricto sensu*, serão efetivos com regime de trabalho em tempo integral (40 horas semanais) e no mínimo dois (2) anos de docência no Curso.

CAPÍTULO V DAS ATRIBUIÇÕES DO PRESIDENTE DO NÚCLEO DOCENTE ESTRUTURANTE

Art. 6º. Compete ao Presidente do Núcleo Docente Estruturante:

- a) convocar e presidir as reuniões, com direito a voto, inclusive o de qualidade;
- b) representar o NDE junto aos órgãos da instituição, na forma da lei;
- c) encaminhar as deliberações do Núcleo ao Colegiado de Curso ou a quem de direito;
- d) designar relator ou comissão para estudo de matéria a ser decidida pelo NDE e um representante para secretariar e lavrar as atas;

CAPÍTULO VI DAS REUNIÕES

Art. 7º. O Núcleo Docente Estruturante reunir-se-á, ordinariamente, por convocação de iniciativa do Coordenador do Colegiado de Curso, seu Presidente, necessariamente duas (2) vezes a cada semestre letivo, uma vez quando do início do semestre e uma segunda vez antes do seu final, e, extraordinariamente, sempre que for necessário, a partir de convocação do Presidente ou ainda de dois outros membros titulares do Núcleo.

Art. 8º. As decisões do Núcleo Docente Estruturante serão referendadas por maioria absoluta de seus membros.

CAPÍTULO VII
DAS DISPOSIÇÕES FINAIS

Art. 9. Os casos omissos serão resolvidos pelo Núcleo Docente Estruturante ou órgão superior, de acordo com a suas competências, na forma da lei.

Art. 10. O presente Regimento entra em vigor após a aprovação pelo Colegiado do Curso de Bacharelado em Museologia.

Pelotas, 17 de julho de 2020.

Daniel Maurício Viana de Souza

Presidente do Núcleo Docente Estruturante
Coordenador do Curso de Bacharelado em Museologia
Instituto de Ciências Humanas
Universidade Federal de Pelotas

Apêndice B: Relatório NDE Bibliografias

03/04/2023, 17:30

SEI/UFPEL - 2109256 - Relatório



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Instituto de Ciências Humanas
Colegiado do Curso de Museologia

RELATÓRIO

O Núcleo Docente Estruturante (NDE) do Curso de Bacharelado em Museologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), no uso de suas atribuições regulamentares, considerando a necessidade de compatibilidade entre oferta anual de vagas e a quantidade de exemplares por título disponível no acervo institucional, atesta a adequação das bibliografias básicas e complementares indicadas na versão atualizada em março de 2023 do Projeto Pedagógico de Curso.



Documento assinado eletronicamente por **DANIEL MAURICIO VIANA DE SOUZA, Coordenador de Curso de Graduação, Colegiado do Curso de Museologia**, em 31/03/2023, às 16:51, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 4º, § 3º, do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **SARAH MAGGITI SILVA, CHEFE DE DEPARTAMENTO**, em 31/03/2023, às 17:15, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 4º, § 3º, do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **PEDRO LUIS MACHADO SANCHES, Professor do Magistério Superior**, em 31/03/2023, às 18:52, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 4º, § 3º, do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **RITA JULIANA SOARES POLONI, Professor do Magistério Superior**, em 03/04/2023, às 09:56, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 4º, § 3º, do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **CARLA RODRIGUES GASTAUD, Professor do Magistério Superior**, em 03/04/2023, às 10:20, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 4º, § 3º, do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **NORIS MARA PACHECO MARTINS LEAL, Professor do Magistério Superior**, em 03/04/2023, às 10:39, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 4º, § 3º, do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **DIEGO LEMOS RIBEIRO, Professor do Magistério Superior**, em 03/04/2023, às 17:09, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 4º, § 3º, do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **JULIANE CONCEICAO PRIMON SERRES, Professor do Magistério Superior**, em 03/04/2023, às 17:25, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 4º, § 3º, do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufpel.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2109256** e o código CRC **F58AEC96**.

Referência: Processo nº 23110.011121/2023-30

SEI nº 2109256

Apêndice C: Documentos para realização de disciplinas práticas de forma remota no semestre acadêmico de 2020/2

12/05/2021

SEI/UFPEL - 1295032 - SCS Encaminhamento COCEPE



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Conselho Coordenador do Ensino, da Pesquisa e da Extensão

PROCESSO Nº. 23110.007326/2021-59

O CONSELHO COORDENADOR DO ENSINO DA PESQUISA E DA EXTENSÃO – COCEPE, em reunião realizada no dia **06 de maio de 2021**, aprovou o parecer da Comissão de Graduação - CG, exarado no Despacho CG (1285216), sendo **FAVORÁVEL** à justificativa para oferta de componentes práticos de modo remoto, bem como os Planos de Ensino com explicitação de recursos e ferramentas utilizados para o ensino (1259144; 1259146), apresentada pelo **Colegiado do Curso de Museologia**, para que os documentos sejam apensados ao Projeto Pedagógico do Curso - PPC e enviados à SERES.

À CEC, para providências necessárias.

Em 06/05/2021,

Prof.^a Dr.^a Ursula Rosa da Silva
Presidenta do COCEPE



Documento assinado eletronicamente por **URSULA ROSA DA SILVA, Presidente**, em 07/05/2021, às 20:05, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufpel.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1295032** e o código CRC **80371E26**.

Referência: Processo nº 23110.007326/2021-59

SEI nº 1295032



PLANO DE ENSINO

Atenção: Este Plano de Ensino poderá ser alterado, até o encerramento da turma, pelo professor responsável no Sistema de Gestão Acadêmica da UFPEL - Cobalto.

IDENTIFICAÇÃO	
Componente Curricular	10790175 - AÇÃO CULTURAL E EDUCAÇÃO EM MUSEUS II - 1
Período	2020/2
Unidade	DEPARTAMENTO DE MUSEOLOGIA, CONSERVAÇÃO E RESTAURO
Distribuição de créditos	T (0) P (0) E (0) D (0)
Total de créditos	4
Distribuição de horas	T (0) P (0) E (0) D (0)
Total de horas	60

DOCENTES							
Nome	Carga Horária (horas-aula)						Vínculo
	T	P	E	D	EX	Total	
CARLA RODRIGUES GASTAUD	0	0	0	0	72	0	Professor responsável pela turma

OFERTADA PELO(S) SEGUINTE(S) CURSO(S)			
Colegiado	Código - Nome do Curso	Grau	Nível
Colegiado do Curso de Museologia	5400 - Museologia	Bacharelado	GRADUAÇÃO

INFORMAÇÕES DO PLANO
Objetivo Debater conceitos de educação em museus. Conhecer experiências educativas de diversas instituições museais. Desenvolver projetos educativos. Propor ações educativas para museus locais.
Ementa Aprofundamento das leituras e discussões sobre educação para o patrimônio. Elaboração de projetos de ações educativas em museus da região. Prática: proposta, aplicação e avaliação de ações educativas. Disciplina que aplica créditos das atividades práticas em extensão através do Programa Museologia Extracampi (código 232), do Curso de Museologia, cadastrado na Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFPEL.
Programa Esta disciplina tem caráter prático, constituindo-se basicamente na execução de projetos educativos em museus, o que não elide a necessidade de aprofundamento teórico e de debate permanente a partir das experiências vivenciadas no decorrer do semestre. Neste ano, em razão da pandemia, as atividades educativas acontecerão online e terão foco no Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo para o qual serão desenvolvidos projetos de ação educativa a serem aplicados de forma virtual durante o semestre. Todas as atividades, discussões e avaliações propostas na disciplina ocorrerão no modo remoto, via e-aula, inclusive a presença do diretor e da equipe do MALG quando necessárias.
Metodologia Os projetos serão elaborados em grupo a partir das demandas da instituição parceira e das leituras e debates realizados na disciplina de Ação Educativa I. As experiências práticas serão antecedidas e seguidas por discussões e avaliações das propostas e resultados buscando a compreensão e a construção conjunta dos conceitos a partir da experiência de cada um e das leituras e materiais pedagógicos apresentados e utilizados. Diários das atividades devem ser produzidos ao longo do semestre e ao final será apresentado um relatório. Todas as atividades ocorrerão remotamente, mediadas pela tecnologia. Desde a concepção e o desenvolvimento dos projetos até sua aplicação que utilizará as mídias já incorporadas às práticas da instituição.
Critérios e métodos de avaliação A avaliação se dará a partir da observação das atividades desenvolvidas nos museus, dos diários individuais produzidos ao longo da disciplina e do relatório final produzido pelos grupos. Considerando a impossibilidade de desenvolver atividades nos museus, as atividades educativas serão oferecidas de modo remoto e a avaliação deverá considerar sua qualidade e efetividade no meio virtual bem como a diligência e o envolvimento dos alunos em sua produção, aplicação e manutenção. Serão observadas a resposta dos usuários às atividades bem como suas respostas às demandas dos diferentes públicos.
Bibliografia básica FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. HORTA, Maria de Lourdes; GRUNBERG, Evelina. Guia básico de educação patrimonial. Brasília: IPHAN; Rio de Janeiro: Museu Imperial, 1999.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
PRÓ-REITORIA DE ENSINO

PLANO DE ENSINO

Atenção: Este Plano de Ensino poderá ser alterado, até o encerramento da turma, pelo professor responsável no Sistema de Gestão Acadêmica da UFPEL - Cobalto.

Bibliografia básica

SANTOS, Maria Célia Teixeira Moura. Encontros museológicos: reflexões sobre a museologia, a educação e o museu. Rio de Janeiro: Minc/IPHAN/DEMU, 2008.

Bibliografia complementar

MOURA, Maria Teresa Teixeira de (Coord.). Cartilha de educação patrimonial: expansão da Mina São Luiz. São Luis: Sete soluções, 2009.
MUSAS: revista brasileira de museus e museologia. Brasília: José Neves Bittencourt, 2004.
SERRES, Juliane Conceição Primon; FERREIRA, Maria Letícia Mazzucchi (Coord.); MARCHI, Darlan de Mamann; KNACK, Eduardo Roberto Jordão; POLONI, Rita Juliana Soares (Org.). Memória & patrimônio: lugares, sociabilidades e educação : volume I. Pelotas: Ed. da UFPEL, 2019. 240 p. ISBN 9788551700600 (v.1). Disponível em: <http://guaiaca.ufpel.edu.br:8080/handle/prefix/4931>. Acesso em: 16 jun. 2020.
MARANDINO, Martha. Transposição ou recontextualização? Sobre a produção de saberes na educação em museus de ciências, 2004.
PINHEIRO, Aurea. Patrimônio cultural e museus: por uma educação dos sentidos, 2015.

Outras informações

CRONOGRAMA

Data	Tópico abordado
15/03/2021	Apresentação da disciplina. Retomada das propostas da disciplina de Ação educativa I. Formação dos grupos de trabalho.
22/03/2021	Conversa com o diretor do MALG e equipe: demandas e possibilidades.
29/03/2021	Apresentação das propostas de ação educativa à direção do Museu
05/04/2021	Instrumentalização das atividades educativas
12/04/2021	Instrumentalização das atividades educativas
19/04/2021	Início do período de aplicação das atividades
26/04/2021	Período de aplicação das atividades - discussão sobre as experiências. Adequações.
03/05/2021	Aplicação das atividades educativas
10/05/2021	Aplicação das atividades educativas
17/05/2021	Aplicação das atividades educativas - avaliação parcial das experiências. Readequação.
24/05/2021	Aplicação das atividades educativas
31/05/2021	Aplicação das atividades educativas
07/06/2021	Aplicação das atividades educativas
14/06/2021	Resultados e avaliação dos projetos
21/06/2021	Resultados e avaliação dos projetos



PLANO DE ENSINO

Atenção: Este Plano de Ensino poderá ser alterado, até o encerramento da turma, pelo professor responsável no Sistema de Gestão Acadêmica da UFPEl - Cobalto.

IDENTIFICAÇÃO	
Componente Curricular	10790170 - ARQUITETURA DOS ESPAÇOS EXPOSITIVOS - M1
Período	2020/2
Unidade	DEPARTAMENTO DE MUSEOLOGIA, CONSERVAÇÃO E RESTAURO
Distribuição de créditos	T (1) P (1) E (0) D (0)
Total de créditos	2
Distribuição de horas	T (15) P (15) E (0) D (0)
Total de horas	30

DOCENTES							
Nome	Carga Horária (horas-aula)						Vínculo
	T	P	E	D	EX	Total	
ANNELISE COSTA MONTONE	18	18	0	0	0	36	Professor responsável pela turma

OFERTADA PELO(S) SEGUINTE(S) CURSO(S)			
Colegiado	Código - Nome do Curso	Grau	Nível
Colegiado do Curso de Museologia	5400 - Museologia	Bacharelado	GRADUAÇÃO

INFORMAÇÕES DO PLANO	
Objetivo Ao final do curso o aluno deverá ser capaz de identificar os principais parâmetros que incidem na qualificação ambiental do espaço dos museus e aplicá-los na organização interna dos espaços expositivos.	
Ementa Estudo dos principais parâmetros que respondem pela funcionalidade, estética e segurança dos espaços e suportes expositivos, com vistas a sua organização e planejamento. Estudo de caso.	
Programa Unidade 1 - Funcionalidade dos espaços expositivos Unidade 1 - Noções de ergonomia Unidade 1 - Percursos; Fluxos e circulações Unidade 1 - Acessibilidade Unidade 1 - Desenho universal Unidade 2 - Habitabilidade dos espaços expositivos Unidade 2 - Requisitos de conforto térmico Unidade 2 - Requisitos de conforto acústico Unidade 2 - Requisitos de conforto lumínico Unidade 3 - Luminotécnica para exposições Unidade 3 - Principais grandezas físicas Unidade 3 - Luz em objetos Unidade 3 - Sistemas de iluminação Unidade 3 - Lâmpadas e equipamentos Unidade 4 - Estudos de caso - Análises de exposições existentes e/ou publicadas	
Metodologia A disciplina será ministrada por meio dos diferentes recursos disponíveis no ambiente e-Aula, de forma síncrona e assíncrona. Atividades e recursos assíncronos – Serão organizados, principalmente, questionários com questões objetivas e subjetivas, fóruns/glossários e outros recursos do e-Aula. Atividade síncrona - Cada tópico contará com atividade síncrona, no horário programado para a disciplina, no link da WebConf, do e-Aula - com orientações e/ou exposições voltadas aos temas abordados e esclarecimento de dúvidas -, de acordo com o art. 2º, item IV do Parecer Normativo nº 26, de 22/12/2020, do COCEPE, que indica que essas atividades não devem ultrapassar 50% da carga horária total do componente curricular. Materiais de apoio e para estudos de caso: slides, textos com o conteúdo programado (recursos online – Minha Biblioteca/UFPEl), textos disponíveis na internet, imagens e outros recursos online, como vídeos e sites. Em caso de dificuldade ou impedimento no uso do e-Aula, tanto de acesso quanto de execução das atividades, outros meios de elaboração/envio poderão ser combinados. Pretende-se que as atividades estejam em constante avaliação, tanto pelo docente quanto pelos discentes e, caso sejam necessárias alterações ao longo do curso, serão acordadas de forma coletiva. OBS.: A disciplina não desenvolve atividades práticas em laboratório, por isso a carga horária prática será adaptada para o formato remoto por meio de exercícios com estudos de caso e análise de espaços abertos virtualmente. Diante do contexto que estamos	



PLANO DE ENSINO

Atenção: Este Plano de Ensino poderá ser alterado, até o encerramento da turma, pelo professor responsável no Sistema de Gestão Acadêmica da UFPel - Cobalto.

CRONOGRAMA	
Data	Tópico abordado
09/04/2021	Unidade 1 – Funcionalidade dos espaços expositivos - Percursos; Fluxos e circulações
16/04/2021	Unidade 1 – Funcionalidade dos espaços expositivos - Acessibilidade
23/04/2021	Unidade 1 – Funcionalidade dos espaços expositivos - Desenho Universal
30/04/2021	Unidade 2 – Habitabilidade dos espaços expositivos - Requisitos de conforto térmico
07/05/2021	Unidade 2 – Habitabilidade dos espaços expositivos - Requisitos de conforto acústico
14/05/2021	Unidade 2 – Habitabilidade dos espaços expositivos - Requisitos de conforto lumínico
21/05/2021	Unidade 3 – Luminotécnica para exposições - Principais grandezas físicas
28/05/2021	Unidade 3 – Luminotécnica para exposições - Luz em objetos
04/06/2021	Unidade 3 – Luminotécnica para exposições - Sistemas de iluminação
11/06/2021	Unidade 3 – Luminotécnica para exposições - Lâmpadas e equipamentos
18/06/2021	Unidade 4 – Estudos de caso - Análises de exposições existentes e/ou publicadas
25/06/2021	Encerramento (com possível convidados(as)) e avaliação da disciplina
02/07/2021	EXAME